

REVISTA MENSAL

# RN / ECONÔMICO

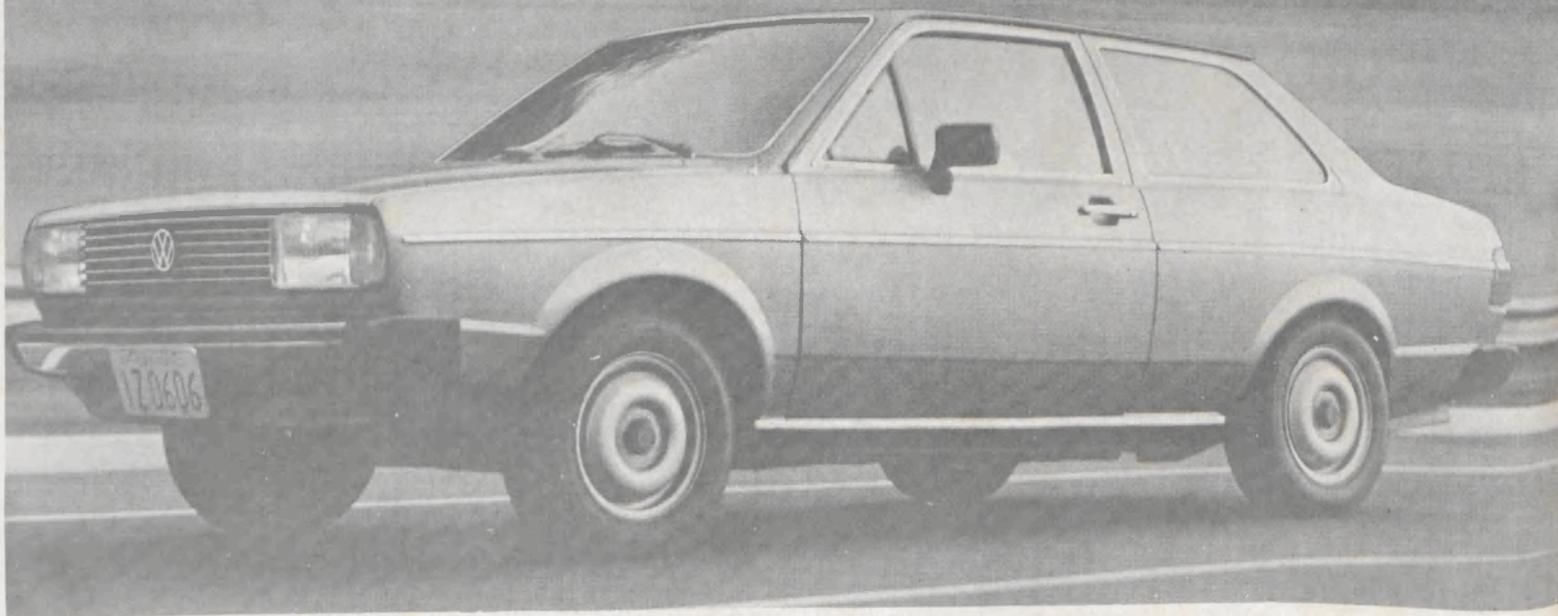
ANO XV — N.º 151 — MARÇO/84 — CR\$ 1.000,00

## AS 100 MAIORES EMPRESAS

FLÁVIO  
AMÉRICO  
NOVAES

415

# VOCÊ NUNCA DIRIGIU ASSIM.



Novo painel espumado e reestilizado. Novo econômetro SVA. Ar condicionado.



Detalhes de estilo ainda mais atuais.

Por fora, o Voyage 84 apaixona pelas novas cores metálicas, os vidros verdes, as elegantes rodas de liga leve. Por dentro, ele é um pequeno exemplo de como o resto do mundo deveria ser: silencioso, seguro, aconchegante.

Começando pelo carpete alto do assoalho, subindo pelos revestimentos luxuosos das portas e dos bancos, passando pelos cintos de 3 pontos com enrolador automático e chegando ao portalluz iluminado.

Mas a maior surpresa é na hora de dirigir. Enquanto o novo e econômico motor 1.6 responde com potência e agilidade ao menor toque,

a estabilidade surpreende mesmo nas curvas mais fechadas. Junte tudo isso e você terá um carro capaz de tornar o simples trajeto casa-escritório numa experiência emocionante.

Experimente o Voyage 84 a álcool ou a gasolina no seu Concessionário Volkswagen. Lá você encontra um plano de pagamento perfeito para o seu bolso.

Voyage 84. Você nunca dirigiu assim. Com tanto conforto, com tanto prazer.

**VOYAGE** 

**MARPAS S/A**

MARPASS/A  
Av. Tavares de Lira, 159  
Filial Alecrim — Av. Pres. Sarmento, 592  
Telefones: 222-0140/223-1931



Revendedores autorizados  
**VOLKSWAGEN**  
para o Rio Grande do Norte

**DISTRIBUIDORA  
SERIDÓ**

Rua Nascimento de Castro, 1597  
Filial Alecrim — Rua Cel. Estevam, 1576  
Telefones: 223-4566/223-3228

# ÍNDICE

## ESTADO

Haroldo acha boa arrecadação mas prevê dificuldades.....	8
Um usineiro que não parece usineiro.....	10
Pela arrecadação, prognósticos são ruins.....	12
Conselhos comunitários: uma nova força.....	20
Condomínios, só apatia.....	21
Coart enfrenta também burocracia.....	28
Teatrinho de Jesiel vence os desafios.....	29
Atrair investimentos, ainda uma luta.....	30
Aumento da prestação, mais uma luta.....	31
Alguns poucos dias políticos abalaram Natal.....	34
Inamps inicia programa dos diabetes.....	36
Governo mantém sua política social.....	37
O primeiro grande testê de Genivaldo Barros.....	41
Problemas de educação na escola e com professores.....	47
Economia: sinais de recuperação não aparecem aqui.....	48

## ARTIGOS

Manoel Barbosa.....	7
Raimundo Soares.....	23
Garibaldi Filho.....	29
Nei Lopes.....	43
Rosemilton Silva.....	50

## SEÇÕES

Homens e Empresas.....	4
Cultura.....	44

## CAPA

Concepção de Flávio Américo



## A relação das 100 maiores

Como sempre faz todos os anos, RN-ECONÔMICO publica neste número a relação das 100 empresas que mais pagaram ICM ao fisco estadual no último exercício. Trata-se de um trabalho elaborado com muito critério e competência por uma equipe da Secretaria da Fazenda, que dedica alguns dias a esse levantamento. Ao correr dos anos, a credibilidade desse trabalho se transformou num termômetro para aferir a própria temperatura do crescimento e/ou comportamento da economia do Rio Grande do Norte através do desempenho das empresas nos mais diversos setores. Este ano, a relação é sobremaneira significativa da conjuntura atual. Algumas ligeiras oscilações vão cau-

sar surpresas, mas têm, no contexto das próprias explicações do Secretário da Fazenda, esboçadas em matéria que precede a publicação da relação, o diagnóstico preciso. A economia potiguar tem suas singularidades, que podem ser melhor avaliadas na apreciação das modificações nas posições das empresas. Há setores que avançaram, outros que apresentaram ligeiros recuos e um — o da agroindústria açucareira — que demonstra plena vitalidade, representado pela expressiva posição da Usina Estivas. A relação — ou mais precisamente, as relações, pois que elas se dividem em Capital, Interior e Geral — vai publicada a partir da página 14.

## RN/ECONÔMICO

REVISTA MENSAL • ANO XV • N.º 151 • MARÇO/84 • CR\$ 1.000,00

### DIREÇÃO:

DIRETOR/EDITOR: Marcelo Fernandes de Oliveira  
DIRETORES: Nubia Silva Fernandes de Oliveira, Maurício Fernandes de Oliveira e Fernando Fernandes de Oliveira.

### REDAÇÃO

DIRETOR DE REDAÇÃO: Manoel Barbosa  
ARTE E PRODUÇÃO  
Edilson Martins de Araujo

PROGRAMAÇÃO VISUAL E DIAGRAMAÇÃO: Moacir de Oliveira.

FOTOCOMPOSIÇÃO: Antônio José D. Barbalho

DEPARTAMENTO COMERCIAL

GERENTE COMERCIAL: Vanda Fernandes de Oliveira

GERENTE DE ASSINATURAS: Antônio Emídio da Silva

RN/ECONÔMICO — Revista mensal especializada em assuntos sócioeconômicos do Rio Grande do Norte.

é de propriedade de RN/ECONÔMICO EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA. — CGC n.º 08.286.320/0001-61 — Endereço: Rua São Tomé, 421 — Natal (RN) — Fone: 222-4722. É proibida a reprodução total ou parcial de matérias da revista, salvo quando seja citada a fonte. Preço do exemplar: Cr\$ 1.000,00. Preço da assinatura anual: Cr\$ 12.000,00. Preço de exemplar atrasado: Cr\$ 2.000,00. Consulta ao arquivo/memória: Cr\$ 10.000,00.

# HOMENS & EMPRESAS



**A loja de Zildamir na fase final de instalação**

**NO RITMO DAS NOVAS ATIVIDADES** — Tanto Zildamir Soares (ex-A Sertaneja), como Antônio Gentil (ex-Grupo União), já estão a pleno vapor no ritmo das suas novas atividades como empresários lojistas desligados dos grupos onde atuavam. Zildamir, pronto para fazer funcionar o seu «Ponto Quente», na Ulisses Caldas, explorando o ramo em que sempre trabalhou: eletrodomésticos. Antônio Gentil com a Peter Shop e a Charmant Modas, devendo lançar a «Tony Modas», mostrando que quer realmente partir para um voo próprio. Ambos muito confiantes.

★ ★ ★ ★ ★

**NOVO ESTILO DE «A SERTANEJA»** — Depois de explorar, por muito tempo, uma temática publicitária, a «A Sertaneja», de Radir Pereira & Cia., está executando uma campanha em novo

estilo. A decisão do grupo leva em conta que a concorrência cresceu muito e, ao que tudo indica, nada tem com a saída de Zildamir Soares do seu comando operacional.

★ ★ ★ ★ ★

## **ESPERANÇA DO COMÉRCIO EM MAIO** —



**O SPC dá suporte ao SAC**

Mesmo com índices sempre desanimadores de vendas, o comércio de Natal faz muita fé nas possibilidades de uma reativação em maio. O motivo é o Dia das Mães, que sempre funciona como catalisador do consumo, mesmo nas maiores crises. O Clube de Diretores Lojistas preparou campanha especial, in-

corporando-se à uma promoção de nível nacional realizada pelos CDLs. A entidade está muito animada com o sucesso do SAC — Serviço de Atendimento ao Cheque, que visa proteger os comerciantes contra o cheque sem fundo.

★ ★ ★ ★ ★

## **ARMAZÉM PARA AMPLIA INSTALAÇÕES** —

Segundo o Gerente de Expansão, Marcantonio Gadelha de Souza, o Armazém Pará está duplicando a área de exposição de vendas da loja matriz na Avenida Presidente Bandeira. Ele diz que isso faz parte do plano de expansão que vem sendo executado e no qual se incluiu também a inauguração de uma nova loja na Avenida Prudente de Moraes. O propósito, segundo garante Marcantonio, "é de atender cada vez mais e melhor aos clientes, além de oferecer mais opções no mercado

# HOMENS & EMPRESAS

de construção civil de Natal".

★ ★ ★ ★ ★

## BANCOS PARTEM PARA INSTALAÇÕES

— Boa parte dos bancos que têm agências em Natal estão partindo para a implantação de instalações em prédios próprios. Os bancos, desta forma, estão se transformando nos grandes compradores de terrenos no Centro da Cidade. O Banco Safra, inclusive, já está com o seu prédio em fase final de acabamento na rua João Pessoa.

★ ★ ★ ★ ★

## EXPORTAÇÕES DA SIMAS

— A Simas Industrial continua desenvolvendo a sua política de exportação de caramelos e balas para o exterior, com grande sucesso. Recentemente, fechou contrato para novas exportações destinadas a Houston, nos Estados Unidos e para o Panamá. Também acaba de acertar o embarque de 10 containers extras para os Estados Unidos.

★ ★ ★ ★ ★

## NOVA LOJA DA COMERCIAL

— A Comercial José Lucena está saindo com nova loja na Presidente Bandeira, no próximo mês. Dessa vez é o lojão do ferro porque será especializada na venda de ferro e aço para construção civil em geral.

Se trata de mais um arrojado lançamento que cobrirá uma área de 800 metros quadrados e



A sede da agência do Safra

pronto para servir nos mais rigorosos detalhes, pois além da venda em varejo, disporá a loja de uma balança industrial com capacidade de pesagem para até 60 toneladas.

Os construtores ganharão com isso pois na praça daqui terão o mesmo tratamento que te-

riam com vendedores de outras praças.

★ ★ ★ ★ ★

**RN/ECONÔMICO AMPLIA PARQUE GRÁFICO** — RN/ECONÔMICO acaba de incorporar ao seu parque gráfico mais duas mo-

dernas impressoras Solna. Dessa forma, fica em condições de competir, em pé de igualdade, com os mais modernos parques gráficos do Nordeste e alcança uma capacidade de impressão de alto nível, sobretudo para revistas, jornais, folders, cartazes em cores e policromia.



A loja do ferro, em fase de conclusão

# Governo e povo unidos jamais serão vencidos.

Neste primeiro ano de administração do Prefeito Marcos Formiga, todos os resultados positivos devem ser creditados a um trabalho em conjunto, em que Governo e povo se uniram para resolver problemas, transpor obstáculos, vencer barreiras.

Essa participação não é de hoje. É uma experiência

vitoriosa que vem da administração do ex-Prefeito José Agripino, hoje à frente do Governo do Estado.

Com Governo, Prefeito e povo unidos em torno do objetivo maior de cuidar, em todos os detalhes, do progresso do RN, o balanço de um ano de atividades só podia ser positivo.

Apesar das dificuldades por que passa o país e, por

extensão, o nosso Estado e também nossa cidade Natal.

Mas valeu. Neste primeiro ano foram realizadas 87 obras. Para os próximos anos, estaremos unidos ainda mais. Trabalhando pela nossa cidade Natal.



**Governo José Agripino  
Administração Marcos Formiga**

# As capitánias

MANOEL BARBOSA

É impossível governar o Rio Grande do Norte com o tipo de política fraticida que é praticada no momento, herança de um donatarismo atávico e castrador de vocações. Esse tipo de política, fruto da estrutura arcaica de uma Região que ainda não obteve a sua efetiva independência sócio-administrativa, descamba para o duelo frontal de grupos e numa espécie de loteamento permanente do Estado. Quem está no Governo não se defronta propriamente com uma Oposição fiscalizadora, mas tem de enfrentar a ira dos que, no momento, foram afastados dos «lotes». É um processo tão enraizado que deforma as melhores intenções. Quem nele está empenhado, por força das circunstâncias e pela virulência da sua dinâmica, perde o senso de análise, o limite das medidas, a capacidade de julgamento. O envolvimento é poderoso. É como um redemoinho do qual não se pode escapar. Ou areia movediça. Ou mesmo um estado de embriaguez onde se perde a linha de lucidez e o comportamento foge dos parâmetros da sensatez e do bom senso. É um envolvimento tão peculiar, de causas tão ancestrais, que arrasta as melhores inteligências, enrigece as melhores boas vontades, cega as mais agudas visões. Quem vem de fora — como é o meu caso — não consegue compreender o nível de certos ódios, a substância de alguns distanciamentos, a constância de determinadas incompatibilidades.

É possível que o meu enfoque particular não seja compreendido por nenhum dos personagens em questão. Mesmo porque, não está em questão nenhuma personagem em particular, mas toda uma cena. Do mesmo modo como eu não compreendo todas as vicissitudes dessa situação. Talvez também porque não conheça os detalhes das origens dos rancores secretos de cada um. Talvez. Quando o espaço é pequeno e as oportunidades são poucas, certos golpes e situações têm um significado muito maior do que nos lugares onde há maior variedade de opções e os espaços são maiores. É possível que haja marcas tão profundas que o tempo não possa apagar.

Se existem essas marcas, é uma situação absurda. O tempo não pode parar para dar ouvidos a brados de vingança. Não se pode ficar presos a gritos parados no tempo, nem a dores já sofridas, sejam elas quais forem. Uma geração não pode pagar os pecados da outra. Evolução é escoimar os erros e, dos ensaios, aproveitar o que é mais útil para a espécie.

Uma das teorias para a extinção dos dinossauros é que eles gastaram a sua colossal força numa luta entre

si pela pouca comida que restou após a queda de um asteróide sobre a superfície terrestre há uns 65 milhões de anos.

As forças do Rio Grande do Norte não podem continuar sendo desperdiçadas numa luta entre si. Ainda mais que, em se unindo essas forças, poderá ser produzida comida em quantidade para todo mundo, sobrando ainda para exportar ou trocar pelos produtos de que o Estado precisa.

O que se está vendo no momento é um tremendo processo de desperdício de forças. De todos os lados. O Governo não pode governar, a legítima Oposição não pode se opor, porque entre um e outro se interpenetram e se interpenetram o antigo espírito donatarista, salpicado com desdobramentos pessoais ou familiares num imenso caldeirão que ferve em pressão sempre crescente.

No final, ninguém sai ganhando e todos saem perdendo.

O quadro simplificado da situação do Rio Grande do Norte é: o de um mero espectador do despertar dos seus vizinhos, ao sul e ao norte. O Rio Grande do Norte parece a estagnação cercada de dinamismo por todos os lados: a Paraíba ferve; o Ceará desafia o Governo Federal; Alagoas constrói um espírito novo em torno de uma filosofia de valorização do Estado; Pernambuco se enfia todo para ocupar as tribunas nacionais.

E o Rio Grande do Norte exaure suas forças dentro das suas próprias fronteiras, exercitando o masoquismo, se torturando, abrindo os flancos, cedendo espaços que nunca ocupou, recuando mais, esmurrando o próprio queixo e arremetendo-se com a ponta da cabeça em sólidos muros.

Os jovens têm ar de cansados, os mais velhos têm no rosto a amargura e a desconfiança.

Há arrufos que dificultam entendimentos; há más vontades que perturbam o bom senso comum; há conflitos difíceis de conciliar. Porém, acima de tudo isso, há interesses de alguns setores mesquinhos — justamente os que nada têm a dar ao Estado, em tempos normais e que se beneficiam de todos esses desencontros. Estes, têm o que perder quando o Estado e o seu povo realmente começarem a ganhar.

Foi numa situação assim como essa, na Índia, que Gandhi jejuou e fez greve de fome até conseguir a paz e a reconciliação nacional.

No Rio Grande do Norte ele não se daria ao trabalho de se arriscar tanto. Morreria de fome.



Haroldo tem uma visão especial do comportamento da arrecadação

## IMPOSTOS

# Haroldo acha que arrecadou bem mas vê futuro incerto

Ao apreciar para **RN/ECONÔMICO** a listagem das 100 empresas do Estado que mais contribuíram com Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM) no ano de 1983, de acordo com dados do Centro de Informações Econômico-Fiscais, o Secretário da Fazenda, Haroldo Bezerra, mostrou-se entre razoavelmente satisfeito, com o resultado do ano fiscal, e pressuroso, ao encarar as perspectivas para este ano. A arrecadação, que teve um aumento de 120% contra uma inflação de 211%, foi, no entanto, menor do que a de 1982, disse ele. E afirmou que, em termos reais, a receita de 1983, no valor de Cr\$ 28,7 bilhões, teve um crescimento 71 contra 100 de 1982.

Folheando com desvelo as listagens daquelas que ele denomina "as 100 empresas honradas", divididas em grupos, do Estado, Capital e Interior, Bezerra justifica seu contentamento por ter podido manter em dia o

pagamento do funcionalismo, mas revela, com sobriedade, que, se dispôs dos Cr\$ 28,7 bilhões, pagou um total de salários que chegou a Cr\$ 34 bilhões. "A complementação", apressou-se em explicar, "veio dos repasses federais, do Fundo de Participação. Na verdade, o Estado arrecadou o que daria para cobrir 60% da folha de pagamento da administração direta".

**CIRCULAÇÃO** — Colocando em evidência o fato de que a circulação da moeda na capital é alimentada primordialmente pelo funcionalismo público — federal, estadual e municipal —, o Secretário salienta a dialética existente entre os índices de arrecadação do ICM e o aumento dos vencimentos. "Havendo uma arrecadação menor há, em consequência, um reajuste salarial menor, pois os índices são feitos com base naquela receita. De 1982 para 1983 o cresci-

mento que obtivemos, de 82%, ficou igualado com o índice do reajuste salarial dado no ano passado".

O Secretário compreende que dentro do quadro recessivo o consumo da produção industrial do Estado encolheu, mas aproveita para demonstrar a sangria no recolhimento de impostos, exemplificando com dados concretos. Um deles, a chamada economia invisível, como subfaturamento das empresas, comercialização de carros usados, produtos faturados abaixo do preço e, de outro lado, a não extração de notas fiscais, dispensadas pela maior parte dos consumidores, o que leva a um não registro de baixas nos estoques.

"O comércio varejista cresceu 82% de um ano para o outro, o que nos leva à hipótese de que, na Capital, há um mercado consumidor essencialmente de funcionários públicos, uma vez que eles tiveram um aumento exatamente em torno desse percen-

tual. E, como houve um crescimento menor na arrecadação, houve uma circulação de moeda também menor, em razão dos índices do reajuste. Daí a dificuldade de darmos um aumento mais substancial no ano passado. Mantivemos, contudo, em dia o pagamento, tanto porque o aumento foi proporcional à arrecadação, como porque fizemos uma contenção de despesas, numa gestão financeira razoável. Tenho a impressão que o Governo calculará o aumento com a real possibilidade de manter em dia o pagamento de sua folha de pessoal, não perdendo de vista a potencialidade da arrecadação. Que adianta dar-se um aumento se se torna impossível pagá-lo?"

Para 1984, o Secretário exibe uma «euforia comedida». «As perspectivas são animadoras, pois o setor agrícola deverá ter um ano de safras razoáveis, nos possibilitando uma redução da dependência do mercado fornecedor do Sul. Confirmado o inverno, a população terá uma melhoria em suas condições gerais de vida, à medida em que a economia se recupera no setor agrícola. Registre-se, contudo, que o Rio Grande do Norte não é a locomotiva da economia da região. Estamos com prenúncios de melhoria, mas dentro de uma euforia comedida. Haverá bem-estar para o pessoal do campo, que são consumidores marginais, com a maioria da população trabalhando apenas para sobreviver. Basta vermos que há 360 mil alistados nas frentes de trabalho"».

**O DESEMPENHO DAS EMPRESAS** — Das 19 mil empresas cadastradas pela Secretaria da Fazenda, informou o Secretário, apenas mil delas garantem a maior fatia da arrecadação do ICM, representando 92% do total. Com relação às «100 mais honradas», significam 62% da arrecadação do Estado, tendo contribuído em 1983 com Cr\$ 17 bilhões 850 milhões.

Apesar dos efeitos da estiagem, que vem solapando a economia estadual há cinco anos, um dado novo foi extraído da relação das 100 mais do ano de 1983: a indústria de beneficiamento tomou a dianteira na arrecadação. Em relação ao Estado, a agro-indústria de açúcar e álcool ficou em primeiro lugar, com a Usina Estivas tomando a liderança da Confecções Guararapes, que, despontando como primeira colocada há vários anos, passou para o segundo lugar. O cres-



**Guararapes: sempre bem**



**Menos produção, menos imposto**

cimento da agro-indústria açucareira, de 267% em relação a 1982, é seguido do setor de confecções e fios de algodão, que cresceu 104 por cento. O algodão, sozinho, teve um crescimento de 197% em comparação a 1982, registrando-se um fenômeno com relação à Companhia de Financiamento da Produção (CFP), que trabalha com cotas de algodão a preços mínimos: do 97.º lugar que ocupava em 1982 passou para um folgado 11.º na relação das que mais contribuíram em 1983. O segredo desse deslocamento vertiginoso é explicado com naturalidade pelo Secretário da Fazenda.

**ALGODÃO** — “Costuma-se dizer



**O campo reflete a crise**

que o algodão é o principal produto em relação ao ICM, mas nos dois últimos anos o açúcar tem tomado a dianteira. Os preços acompanharam a inflação e a produção foi razoável, já que a cana não foi afetada, tanto quanto o algodão, pois sua produção se localiza no litoral, onde a queda de chuvas é maior. Já com o algodão, apesar da safra ter sido de 14 mil toneladas em 1982 e caído para apenas seis mil toneladas no ano passado, cresceu no quadro de arrecadação dessas indústrias em razão do preço do quilo. Se o quilo era cobrado a Cr\$ 120,00 em 1982, no ano passado alcançou o preço de Cr\$ 600,00. O caso da CFP, por exemplo, é normal. O Governo determina o preço mínimo do produto e quando a safra é grande o Governo banca esse preço, através

da CFP, que compra essa produção. Assim, a CFP fez estoques durante os últimos anos e, agora, com a escassez do produto, devido a problemas climáticos — a safra era de 30 toneladas no Estado e baixou para seis toneladas —, em 83 ela deve ter vendido todo o seu estoque. O algodão chegou a 197% do recolhimento, com relação a 82, enquanto o açúcar ficou com 200 por cento”.

Na área do açúcar, Bezerra explica que o deslocamento da Destilaria Baía Formosa do 15.º lugar de 1982 para o 5.º em 1983 por ter o grupo absorvido outra usina e feito a contribuição em seu próprio nome. O fato da Guararapes ter passado para o segundo lugar, na listagem do Estado, deu-se por ter sido de 104% o crescimento do grupo de confecções e abai-

xo da média de recolhimento de ICM no Estado.

**SUPERMERCADOS** — Nos setores de supermercados e de eletrodomésticos, na Capital, a crise contribuiu para deslocamentos que motivaram um crescimento significativo de certas empresas e desempenhos inibidos de outras, mas houve fatores outros que atingiram tais performances, que o Secretário prefere não destacar. O Nordeste e o Minipreço passaram a ocupar posições inferiores às de 1982 e, no cômputo de 83, o Minipreço passou à frente de seu concorrente: do 9.º lugar de 82 passou para o 15.º, mas o Nordeste, que estava em 8.º em 82, desceu para 17.º lugar no ano que passou. Nenhum dos dois obtiveram, no entan-

## Um usineiro tranquilo que não parece com um usineiro

O usineiro e empresário Murilo Tavares de Melo não tem a imagem que geralmente se faz de um usineiro. E, se se for avaliar pela sua simplicidade e sobriedade de gestos e palavras, também será difícil perceber que ele é o líder de um grupo empresarial que, no Rio Grande do Norte, passou na frente da Guararapes na lista das empresas que mais recolhem Imposto de Circulação de Mercadorias (ICM) e tem um capital de Cr\$ 7 bilhões 243 milhões 500 mil. Mas, na verdade, se a sobriedade é um traço marcante na personalidade desse pernambucano esguio, alto e calmo, a simplicidade — se bem que exista, em essência, porém de forma elegante — é um misto de segurança e cautela de quem, além de presidir o grupo que controla a Usina Estivas em Goianinha, Rio Grande do Norte, tem ainda as Usinas Central, Olho D'Água e Destilaria Giasa, em Pernambuco, além da Indústria de Alimentos Maguari S/A, também naquele Estado, além de estar diversificando suas atividades com aplicações em soja e pecuária, em Mato Grosso, com recursos próprios.

**MESMO COM A SECA** — Murilo Tavares, talvez porque esteja

no núcleo de uma empresa dinâmica e que, por dois anos, é a segunda do Nordeste na produção de açúcar, não encara o fato da Usina Estivas liderar a lista de contribuintes do ICM no Estado em 1983 como um acontecimento de grande destaque econômico. Fica até mesmo algo embaraçado para encontrar uma explicação. E arrisca apenas a opinar:

“Talvez o fato da Guararapes ter fechado a sua fábrica em Mossoró. Deve ter sido isso”.

Mas não dá mostras de entusiasmo especial. Uma atitude que, também, nada tem de falsa modestia, ou timidez. Porque, no seu modo sóbrio e na sua segurança, Murilo Tavares não hesita em relacionar dados que traduzem bem as razões dos bons resultados obtidos pela Usina Estivas. Revela, por exemplo, que tem havido a preocupação constante de atualização tecnológica e de investimento no parque da usina, com a contratação de mão-de-obra do mais alto nível tanto estrangeira como nacional — há, inclusive, um engenheiro sul-africano entre os técnicos estrangeiros que prestam assistência.

“Só entre transporte e equipa-

mento, já investimos este ano cerca de 900 milhões de cruzeiros”, observa Murilo.

É claro que a Estivas, estando localizada no Agreste, área que foi muito afetada pela falta de chuvas, não poderia ter escapado incólume à seca. Sua produção foi reduzida em cerca de 15%, por causa da estiagem.

**AMPLIAÇÃO, COM RECURSOS PRÓPRIOS** — A Usina Estivas não é só produção de açúcar, porém. Desde 1979 ela vem produzindo álcool. Inicialmente, ela começou com uma destilaria com capacidade para produzir 60 mil litros. Mas, agora, já partiu para a montagem de outra, já em fase de implantação, com a capacidade de produzir 150 mil litros. Segundo tudo indica, já deverá estar funcionando nesta safra. O investimento é em torno de Cr\$ 1 bilhão 200 milhões, de recursos próprios.

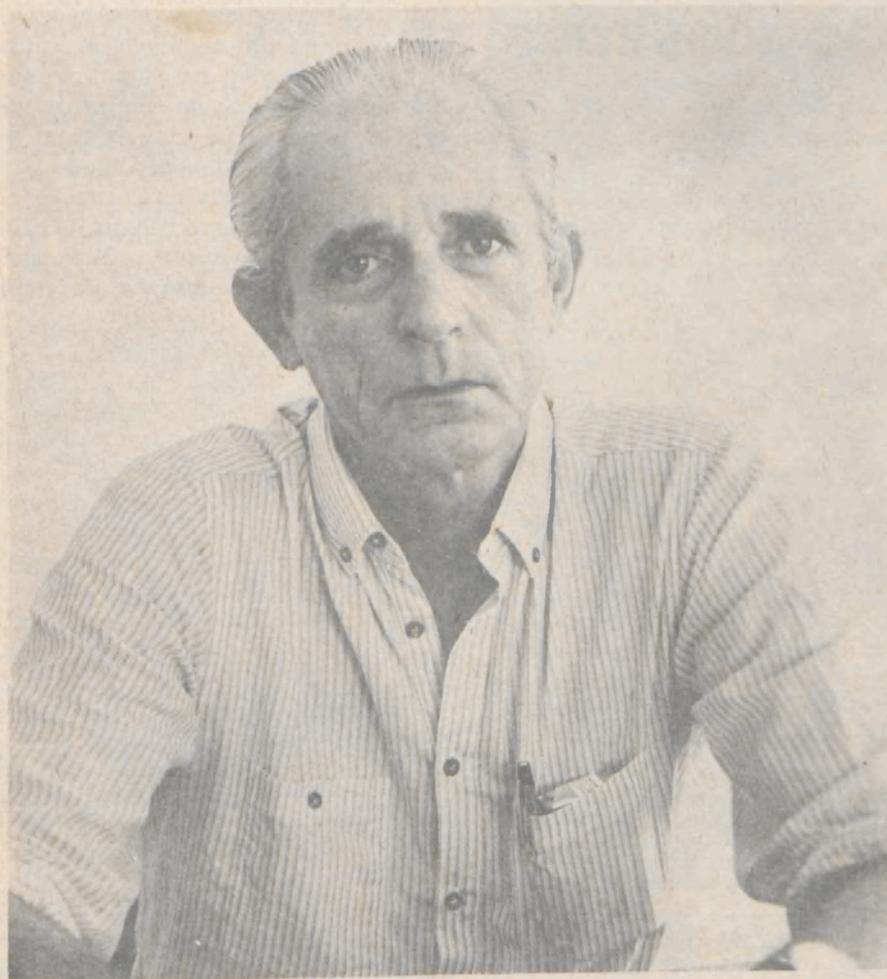
À medida que Murilo Tavares vai entrando em detalhes sobre as atividades do grupo deixa entrever um leve entusiasmo. Um entusiasmo mesclado com orgulho, quando assinala que os últimos investimentos, que têm proporcionado essa escala ascensional, são do próprio grupo. A essa altura, ele não pode deixar de mencionar, de passagem, as dificuldades existentes atualmente para os empresários — e destaca as maiores dificuldades para os pequenos, embora certamente não seja o seu ca-



**Supermercado: bom comportamento**

to, a expressiva participação de um concorrente que, inaugurado em meados do ano que passou, alcançou um invejável 8.º lugar. Apesar das dificuldades trazidas pelo quadro recessivo, o Bompreço S/A — Supermercados do Nordeste faturou o que lhe possibilitou recolher Cr\$ ..... 465.776.774, enquanto o Minipreço recolhia Cr\$ 284.197.423 e o Nordeste Cr\$ 240.925.759. O setor, como um todo mostrou um desempenho satisfatório, passando dos Cr\$ 240 milhões arrecadados em 82, apenas pelos dois primeiros, para Cr\$ 989 milhões em 1983.

Com relação à Companhia Brasileira de Alimentos, empresa pública de direito privado, que do 12.º lugar de 1982, no grupo de empresas que mais arrecadaram em todo o Estado, pas-



so — em busca de recursos para investimentos em suas empresas.

**CONFIANÇA, APESAR DE TUDO** — Porque a colocação do empresário, no contexto das dificul-

dades do momento, são abrangentes. No caso específico da usina e dos outros negócios do grupo, ele diz que os problemas é que as necessidades de investimentos são muito grandes. Dá exemplos bem

concretos com as próprias peças da usina, que são verdadeiros mastodontes de ferro e aço pesando até 500 toneladas:

“O fato” — diz — “é que está faltando crédito para o setor. Não há mais crédito subsidiado. A falta de recursos está atrapalhando muitos produtores”.

Como outros empresários dedicados ao setor produtivo, ele demonstra insatisfação com a política econômica que privilegia o setor especulativo. Encontra uma boa imagem para mostrar o perigoso caminho a que essa política pode levar:

“Em breve, estaremos todos comendo sanduíches de ORTNs, porque é só o que o País vai produzir”.

Nada parecido com desânimo, porém. Murilo Tavares afirma que o propósito do grupo é continuar investindo e com suas atividades produtivas. Ele acha que, quem estiver superando a crise ou, pelo menos, sobrevivendo com ela, só tem razão para confiar no futuro. O grupo que preside — que tem na direção comercial Virgírio Tavares de Melo, na Industrial Vinícios Tavares de Melo e como Diretor-Gerente Eurico Sá Leitão — emprega, no conjunto de empresas, cerca de sete mil pessoas, parte delas em períodos alternados. Com crise ou sem crise, dificuldade ou não de capital para investimento, o jeito é crescer. E tem crescido.

sou para o 10.º e, na Capital, do 9.º para o 6.º. Para o Secretário Haroldo Bezerra, o fato talvez se deva ao crescimento do número de suas unidades, com uma maior procura dos consumidores.

Além disso, Bezerra lembra que a Cobal extrapola sua função de abastecedora de varejistas, vendendo também por atacado para o interior.

No setor de eletrodomésticos houve surpresas, explicáveis pela crise, mas também por causas aparentemente sem justificativa. Algumas empresas, como a Comercial Regio S/A, uma das locomotivas do setor, teve uma atuação pouco expressiva

em 1983, aparecendo em 28.º lugar, quando, em 1982, ela estava em 7.º. Assim ocorreu igualmente com a Radir Pereira e Cia., que desceu do 6.º lugar para o 13.º. No comércio de veículos e peças ocorreram também deslocamentos que só uma política de merchandising bem acertada poderia explicar. Como se registrou com a Divemo S/A — Distribuidora Potiguar de Veículos e Motores, que negocia com caminhões e veículos pesados, que passou do 17.º lugar para o 18.º, enquanto a Natal Veículos e Peças, na venda maciça de automóveis, deslocou-se do 10.º para o 16.º lugar. □

mos de produção açucareira e algodoeira, apresentou resultados relativamente bons. Com efeito, mesmo diante de fatores adversos como a recessão e a seca, a indústria de derivados da cana-de-açúcar (açúcar refinado e álcool combustível) cresceu 266 por cento, em 1983, acima portanto da inflação daquele ano. A indústria de beneficiamento de algodão também teve um bom desempenho, pois cresceu 197 por cento. Para o fraco desempenho do setor varejista, só caberia uma explicação: o achatamento salarial, que obriga o consumidor a reduzir seus gastos com a variação da gama de produtos oferecidos pelos supermercados, limitando-se tão somente ao estritamente necessário.

Mas Jacaúna de Assunção observa um fator mais grave por trás do pano de fundo da crise econômica que ampliou nos últimos dois anos: a desestruturação da economia de subsistência no campo, em sequência às transformações sofridas na estrutura fundiária rural, ambas na esteira da recessão. Lamenta ele que o homem do campo, tradicionalmente ligado até por motivações culturais à terra, esteja se desfazendo de seus bens de produção — as pequenas e médias propriedades rurais — que têm um peso

## IMPOSTOS (II)

# Pela arrecadação do ICM prognósticos são péssimos

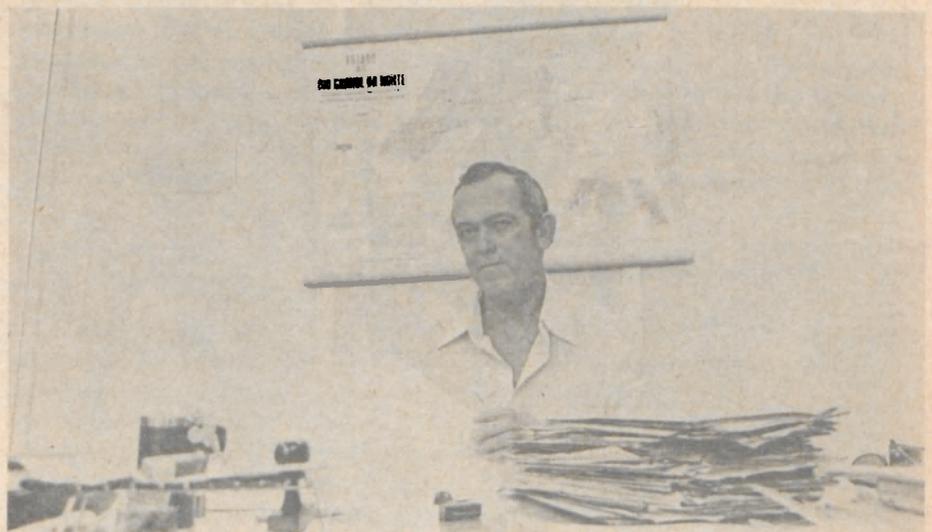
Se a arrecadação global de Imposto sobre Circulação de Mercadorias — ICM, for utilizado para aferir o desempenho da economia norte-riograndense nestes últimos dois anos, não se poderá evitar um prognóstico pessimista. De fato, para uma inflação de 180 por cento no ano de 1982, a arrecadação global do ICM naquele ano situou-se na casa dos 99 por cento, ao passo que em 1983 cresceu em torno de 121 por cento para uma inflação anual da ordem de 210 por cento.

Dos três principais setores de nossa economia — indústria de transformação, indústria de beneficiamento e comércio varejista — quem apresentou o melhor desempenho foi a indústria de beneficiamento, com crescimento de 197 por cento em relação ao ano anterior, seguida pela indústria de transformação (137%) e comércio varejista com apenas 87%.

Na opinião de José Jacaúna de Assunção, Subcoordenador do Centro de Informações Econômicas da Secretaria da Fazenda do Estado, existem algumas explicações para as quedas da arrecadação do ICM nestes últimos dois anos. A principal delas, seria a estiagem que, reduzindo drasticamente a produção de bens de consumo — gêneros alimentícios — teria reflexos imediatos sobre o montante tributado por aquele imposto. Outro fator decisivo seria a recessão econômica no período compreendido, com fortes reflexos sobre os salários, reduzindo os níveis de consumo e ge-

rando desemprego, elemento indicador da queda da atividade econômica.

**SECA** — De fato, a falta de chuvas reduziu o plantio agrícola, haja vista que os bancos não abriram linhas de financiamento para o campo, notada-

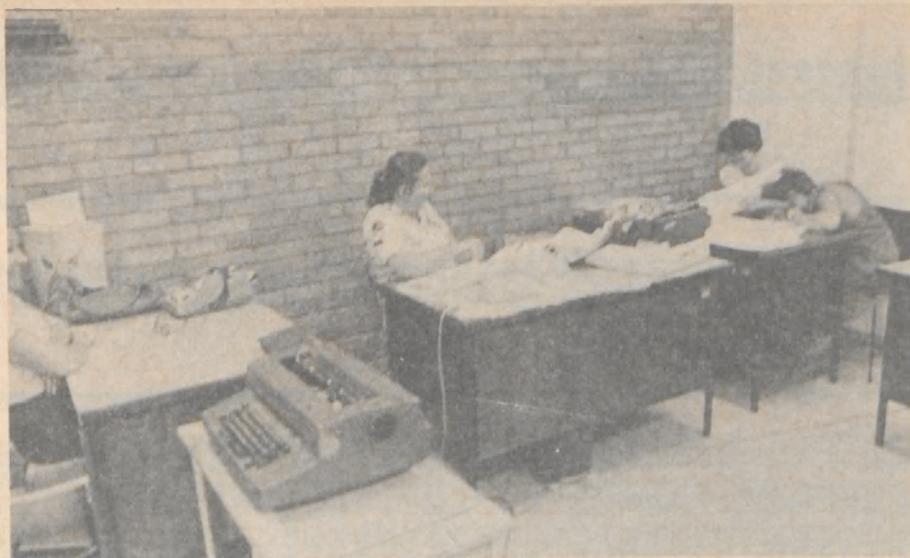


Jacaúna: explicações para a queda

mente ao longo de todo o ano que passou. Em consequência, a produção de matérias-primas para a nossa indústria têxtil se ressentiu, tendo resultado no fechamento de algumas empresas, o que por sua vez levou à dispensa de mão-de-obra, vez que não foi compensada com a abertura de novos mercados de trabalho.

Mas nem tudo foi negativo. O crescimento da indústria de transformação, por exemplo, sobretudo nos ra-

decisivo sobre o volume de gêneros alimentícios produzidos ali, a fim de investir no mercado financeiro, atraído pelos altos rendimentos mensais das cadernetas de poupança e do mercado aberto. Resulta disso que as pequenas e médias glebas, antes produtivas, são absorvidas pelas grandes propriedades rurais e se tornam, via de regra, improdutivas, com consequências lamentáveis em todos os sentidos, haja vista os problemas so-



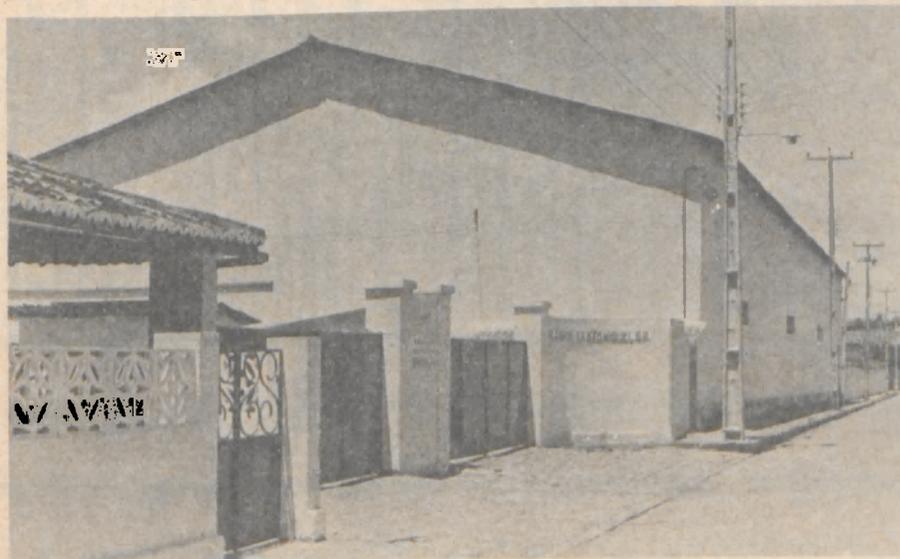
**Equipe da Fazenda: trabalho constante**

ciais gerados com a migração do campo para as áreas urbanas. Para Jacaúna, não falta mercado para os produtos vindos do campo, destacando a cana-de-açúcar e algodão, para não falar no feijão e no milho e nos demais gêneros alimentícios, sempre escassos e com preços elevadíssimos nos mercados e supermercados de Natal. O ideal seria portanto, observa, que o homem do campo não precisasse migrar para a cidade, pois isto além de gerar mais ICM geraria principalmente riqueza para o Estado.

Sobre as acusações periódicas publicadas na imprensa potiguar de que o Governo Estadual não dá incentivos fiscais à implantação de novas indústrias, Jacaúna assinala que tais denúncias carecem de fundamento. Reconhece que o Rio Grande do Norte tem perdido, nos últimos anos, a concorrência para o Estado do Ceará no tocante à instalações de novas empresas. Mas explica que isto aconte-



**Comércio: caindo**



**São Miguel: subindo**

ceu não por falta de incentivos, mas por uma política fiscal adotada pelo Estado vizinho que não hesita em ferir a própria Constituição Federal, em seu artigo de n.º 24. Dar incentivos de isenção de ICM até 90 por cento ao ano, é inconstitucional, observa, e é assim que o Estado do Ceará vem conquistando novas indústrias para o seu parque produtivo. Só podemos oferecer aquilo que está previsto na Constituição, que são isenções graduais de 60 por cento, no primeiro ano; 50 por cento no segundo ano e assim sucessivamente, até atingirmos os 20 por cento no quinto ano. Destaca porém que o Governo Estadual está estudando novas fórmulas de incentivos — estudos já bastante adiantados, diz — à instalação de novas empresas, pois sabemos da importância do aumento do mercado de trabalho para o combate ao desemprego. Lembra porém que se todos os Estados da União fornecessem incentivos excessivamente elásticos a novas empresas, isto resultaria em prejuízo para os Estados mais pobres, haja vista que com tais incentivos a maioria das grandes empresas optaria por se multiplicar dentro dos Estados economicamente mais fortes do País, de vez que teriam mercado de consumo assegurado lá mesmo.

**PERSPECTIVAS** — Apesar de tudo, Jacaúna de Assunção vislumbra perspectivas otimistas para a economia norte-riograndense, “até mesmo porque já existem fortes evidências de que a recessão econômica está começando a recuar, como mostram os indicadores econômicos do Sul do País”. O programa de álcalis, agora encampado pela Petrobrás, estará produzindo em breve matérias-primas utilizáveis em cerca de 20 produtos industriais e poderá se transformar num chamariz de novas indústrias num futuro próximo. Já o Pólo Metal-Mecânico do Estado em breve começará a produzir aço nobre, largamente utilizado pela indústria bélica e certamente vai abrir um novo horizonte produtivo para o Estado. Destaca ainda as potencialidades minerais do solo potiguar, como o caulim, existente em abundância em todo o Estado e agora industrializado pela Cerâmica Beatriz. Na opinião de Jacaúna a cerâmica branca abre uma boa perspectiva para a nossa indústria, ao lado de outros minérios importantes, como o tungstênio e a scheelita, e demais encontráveis no subsolo potiguar. □

# AS 100 MAIORES CONTRIBUINTES DO ICM NO RIO GRANDE DO NORTE

## CAPITAL

### ANO BASE: 1983

NÚMERO DE ORDEM		RAZÃO SOCIAL	ATIVIDADE	RECOLHIMENTO 1983	PARTICIPAÇÃO RELATIVA	
ANTERIOR	ATUAL				CEM MAIORES EMPRESAS	ARRECAÇÃO TOTAL
01	01	Confecções Guararapes S/A	Ind. e Com. de Confecções	1.365.201.433	11,00	4,76
02	02	Alpargatas Confecções Nordeste S/A	Ind. e Com. de Confecções	1.113.150.753	8,97	3,88
03	03	Natal Industrial S/A	Ind. de Benef. de Trigo	1.091.073.416	8,79	3,80
—	04	Bompreço S/A — Supermercados do Nordeste	Com. Varej. (Supermercados)	465.776.774	3,75	1,62
07	05	Companhia de Cigarros Souza Cruz	Com. de Cigarros	402.833.245	3,25	1,40
09	06	Cia. Brasileira de Alimentos — COBAL	Com. Varej. (Supermercados)	359.669.026	2,90	1,25
62	07	Cia. de Financiamento da Produção — CFP	Com. de Prod. Agrícolas	351.060.252	2,83	1,22
—	08	Algodoeira São Miguel S/A	Benef. de Algodão	287.677.543	2,32	1,00
16	09	Ind. e Com. José Carlos S/A	Ind. de Benef. de Café	282.187.640	2,27	0,98
05	10	Natal Veículos e Peças S/A	Com. de Veic. e Peças	256.336.706	2,07	0,89
11	11	Divemo S/A Dist. Potiguar. de Veículos e Motores	Com. de Veic. e Peças	237.320.173	1,91	0,83
08	12	Supermercados Minipreço Ltda.	Com. Varej. (Supermercados)	221.114.486	1,78	0,77
13	13	Galvão Mesquita Ferragens S/A	Com. de Mat. p/Construção	215.539.966	1,74	0,75
10	14	Granorte Veículos e Peças Ltda.	Com. de Veic. e Peças	212.544.083	1,71	0,74
04	15	Supermercados Nordeste Ltda.	Com. Varej. (Supermercados)	206.834.264	1,67	0,72
14	16	Lojas Americanas	Com. Varej. de Prod. em Geral	206.294.729	1,66	0,72
20	17	Distribuidora de Automóveis Seridó S/A	Com. de Veic. e Peças	203.449.874	1,64	0,71
12	18	Marpas S/A	Com. de Veic. e Peças	199.082.704	1,60	0,69
18	19	Revendedoras Com. Varej. de Prod. Avon	Com. Varej. de Cosmét. e Perfumes	188.830.232	1,52	0,66
21	20	Queiroz Oliveira Com. e Ind. Ltda.	Com. Varej. de Mat. p/Construção	164.692.215	1,33	0,57
36	21	Indústria Jossan S/A	Com. de Transf. de Metais	153.807.563	1,24	0,54
06	22	Comercial Régio S/A	Com. de Mouv. e Eletrodom.	144.154.940	1,16	0,50
27	23	Importadora Comercial de Madeiras	Com. Varej. de Mat. p/Construção	142.436.162	1,15	0,50
24	24	Trevo Ind. e Com. Ltda.	Ind. de Benef. de Pedras e Cimento	140.336.281	1,13	0,49
22	25	R. Gurgel Ltda.	Com. de Mat. p/Construção	132.483.673	1,07	0,46
32	26	L. Cirne e Cia. Ltda.	Com. de Pneus	118.469.728	0,95	0,41
19	27	Agrimex — Agro-Industrial Mercantil Excelsior S/A	Com. de Cimento	117.296.142	0,95	0,41
28	28	Camisaria União Ltda.	Com. de Tec. e Confecções	110.945.577	0,89	0,39
23	29	Lojas Brasileiras S/A	Com. de Prod. em Geral	109.957.414	0,89	0,38
30	30	Comercial Alcides Araújo Ltda.	Com. de Tec. e Confecções	108.596.894	0,88	0,38
29	31	Salustino Veículos S/A	Com. de Veic. e Peças	101.843.054	0,82	0,36
25	32	Radir Pereira & Cia.	Com. Varej. de Mouv., Eletrodom. e Veículos	94.171.052	0,76	0,33
38	33	Casa Júnior Comercial Ltda.	Com. Varej. de Mouv. e Eletrodom.	89.352.575	0,72	0,31
35	34	Cia. Paraíba Cimento Portland — CIMEPAR	Com. de Cimento	86.492.088	0,70	0,30
37	35	Medeiros e Paiva Ltda.	Com. Atacad. de Cereais	85.467.055	0,69	0,30
40	36	Comercial A. M. de Góis Ltda.	Com. Varej. de Mouv. e Eletrodom.	83.782.353	0,68	0,29
33	37	J. Resende Comércio S/A	Com. Varej. de Mouv. e Eletrodom.	80.710.594	0,65	0,28
53	38	Marcosa S/A Máquinas e Equipamentos	Com. de Máq. e Equipamentos	80.219.609	0,65	0,28
74	39	Droguistas Potiguares Reunidos Ltda.	Com. de Prod. Farmacêuticos	67.832.521	0,55	0,24
50	40	Dist. de Caramelos Natal Ltda.	Com. de Prod. p/Confeitaria	66.464.289	0,54	0,23
39	41	Walter Pereira Livraria e Papelaria	Com. Varej. de Livros e Papéis	66.461.587	0,54	0,23

49	43	<b>Cyrol Cavaicanti</b>
46	44	<b>Moinho de Ouro — Ind. e Com. Ltda.</b>
85	45	Matias e Filhos
45	46	<b>Trigueiro e Cia.</b>
47	47	Sociedade Anônima White Martins
17	48	<b>Soriedem S/A — Confeccões</b>
57	49	M. D. Melo Comércio e Indústria Ltda.
41	50	<b>Sistem — Silveira Irm. Soc. Téc. Mat. Inst. Ltda.</b>
56	51	Herbus Confeccões Ltda.
55	52	<b>Comercial José Lucena Ltda.</b>
26	53	CBV — Indústria Mecânica S/A
67	54	<b>Cia. Distribuidora de Ferragens — CODIF</b>
54	55	J. Olímpio e Cia. Ltda.
60	56	<b>Sorvane — Sorvetes e Prod. Alimentícios do Nordeste S/A</b>
44	57	Luiz Cavalcanti Comércio Ltda.
43	58	<b>Revendedoras Com. Varej. dos Produtos Christian Gray</b>
51	59	F. Alves Neto Ltda.
—	60	<b>Hughestool Brasil Equip. Industriais Ltda.</b>
66	61	Irmãos Oliveira e Cia.
63	62	<b>Tecidos Lira de Oliveira Ltda.</b>
61	63	Lima Borges Tecidos
59	64	<b>Potiguar Veículos Ltda.</b>
72	65	Lundgren Tecidos S/A — Casas Pernambucanas
89	66	<b>Norte Gás Butano — Distribuidora Ltda</b>
42	67	J. Cabral Fagundes e Cia. Ltda.
—	68	<b>Halliburton Inco do Brasil</b>
70	69	Promotora de Vendas S/A — Provendas
71	70	<b>Luis Veiga e Cia. Ltda.</b>
65	71	Potycret — Produtos de Concreto Ltda.
52	72	<b>Singer Ltda.</b>
69	73	Linhas Correntes Ltda.
78	74	<b>Baroid Pigmina Indl. e Comi. Ltda.</b>
87	75	F. S. Vasconcelos e Cia. Ltda.
77	76	<b>Abrahão Otoch e Cia. Ltda.</b>
82	77	Corep — Comercial Repres. Gerais Ltda.
73	78	<b>UBM — União Brasileira Mineração S/A</b>
—	79	Aganor — Gases e Equipamentos S/A
88	80	<b>Dijosete e Cia. Ltda.</b>
81	81	J. Motta Indústria e Comércio S/A
—	82	<b>Cisaf — Comércio e indústria de Fibras S/A</b>
68	83	Dresser do Brasil Ltda.
—	84	<b>Wancorel — Wanderley Comércio e Representação Ltda.</b>
—	85	Manoel Bezerra de Souza
95	86	<b>Empesca S/A — Construções Navais, Pesca e Exportação</b>
—	87	Organização Distribuidora Pelicano Ltda.
93	88	<b>Costa Neto Comercial Ltda.</b>
97	89	Labocirúrgica Ltda.
—	90	<b>Carrilho e Medeiros Ltda.</b>
92	91	Odonto Médica Ind. Farmacêutica S/A
64	92	<b>A. L. Paiva Ltda.</b>
84	93	Unipetrol Suprimentos e Serv. em Petróleo Ltda.
—	94	<b>Sociedade Cabral Fagundes Ltda.</b>
—	95	Sidney C. Dore — Ind. de Refrigerantes
—	96	<b>Jamil Xicala Farckat</b>
96	97	César Comércio e Representações Ltda.
—	98	<b>Nordiesel Comissões e Representações Ltda</b>
—	99	Cirúrgica Natal Ltda.
90	100	<b>Cotonificio Norte-Riograndense S/A</b>

Com. de Peças e Aces. p/Veículos	63.474.797	0,51	0,22
Benef. de Café	63.249.303	0,51	0,22
Com. de Tec. e Confeccões	59.570.202	0,48	0,21
Com. de Mat. p/Farmacêuticos	59.159.297	0,48	0,21
Com. de Prod. Químicos	58.587.867	0,47	0,20
Ind. e Com. de Confeccões	57.991.675	0,47	0,20
Com. de Vidros, etc.	57.767.780	0,47	0,20
Com. de Mat. p/Construção	57.711.544	0,47	0,20
Ind. de Confeccões	57.148.660	0,46	0,20
Com. de Mat. p/Construção	54.966.923	0,44	0,19
Com. de Máq. e Equipamentos	54.528.747	0,44	0,19
Com. de Mat. p/Construção	52.433.132	0,42	0,18
Com. de Mów. e Eletrodom.	52.100.479	0,42	0,18
Com. de Sorvetes e Alimentos	50.835.509	0,41	0,18
Com. de Mów. e Eletrodom.	48.111.838	0,39	0,17
Com. de Cosmêt. e Perfumes	47.252.356	0,38	0,16
Com. de Veículos	46.839.571	0,38	0,16
Com. de Manufaturas Diversas	46.527.474	0,38	0,16
Com. de Prod. Farmacêuticos	41.873.522	0,34	0,15
Com. de Tecidos	41.123.038	0,33	0,14
Com. de Tecidos	41.118.143	0,33	0,14
Com. de Veículos	39.821.210	0,32	0,14
Com. de Tec. e Confeccões	39.276.678	0,32	0,14
Com. de Fogões	38.955.012	0,31	0,14
Com. de Prod. Farmacêuticos	38.834.128	0,31	0,14
Com. de Manufaturas Diversas	38.327.022	0,31	0,13
Com. de Mów. e Eletrodom.	38.302.161	0,31	0,13
Benef. de Café	37.821.835	0,30	0,13
Ind. Benef. de Pedra, Cimento e Gesso	37.114.480	0,30	0,13
Com. de Máq. de Costura	34.492.263	0,28	0,12
Linhas de Algodão	32.852.917	0,26	0,11
Com. de Caldeiras, Máq., etc.	32.718.554	0,26	0,11
Com. de Mów., Imob. Médico-Cirúrgico	31.417.159	0,25	0,11
Com. de Tec. e Confeccões	30.540.332	0,25	0,11
Com. de Prod. Farmacêuticos	30.217.768	0,24	0,11
Com. de Minerais, Met. Escórias, etc.	28.770.282	0,23	0,10
Manufaturas Diversas	27.912.408	0,22	0,10
Com. de Máq. e Aparelhos p/Equipamentos	26.408.169	0,21	0,09
Benef. de Peles e Couros	25.407.166	0,20	0,09
Ind. de Benef. de Agave	25.114.154	0,20	0,09
Com. de Prod. Farmacêuticos	24.415.659	0,20	0,09
Com. de Cereais	24.352.125	0,20	0,08
Com. de Calçados	23.494.541	0,19	0,08
Benef. de Peixes e Crustáceos	23.266.060	0,19	0,08
Com. de Fumo	23.155.829	0,19	0,08
Com. Prod. Perfumaria	23.154.685	0,19	0,08
Com. de Prod. Cirúrgicos	22.564.813	0,18	0,08
Com. de Pneus	22.000.716	0,18	0,08
Com. de Prod. Farmacêuticos	21.175.634	0,17	0,07
Com. de Peças e Aces. p/Veículos	21.174.371	0,17	0,07
Com. de Manufaturas Diversas	20.138.982	0,16	0,07
Com. de Prod. Farmacêuticos	19.249.750	0,16	0,07
Com. de Bebidas e Refrigerantes	18.926.872	0,16	0,07
Com. de Mat. p/Construção	18.826.937	0,15	0,07
Com. de Máq. e Equipamentos	18.774.759	0,15	0,07
Com. de Peças e Acessórios	18.766.579	0,15	0,07
Manufaturas Diversas	18.741.493	0,15	0,07
Ind. de Fios de Algodão	18.666.002	0,15	0,07

# AS 100 MAIORES CONTRIBUINTES DO ICM NO RIO GRANDE DO NORTE

## INTERIOR

### ANO BASE: 1983

NÚMERO DE ORDEM		RAZÃO SOCIAL	ATIVIDADE	RECOLHIMENTO 1983	PARTICIPAÇÃO RELATIVA	
ANTERIOR	ATUAL				CEM MAIORES EMPRESAS	ARRECAÇÃO TOTAL
01	01	Usina Estivas S/A	Ind. de Açúcar e Alcool	1.775.561.949	21,40	6,19
05	02	Destilaria Baía Formosa S/A	Ind. de Alcool	921.686.466	11,11	3,21
02	03	Cia. Açucareira Vale do Ceará-Mirim	Ind. de Açúcar e Alcool	554.003.129	6,68	1,93
03	04	Algodoeira São Miguel S/A	Benef. de Algodão	423.909.886	5,11	1,48
11	05	Teka Tecelagem Kuehnrich S/A	Benef. de Algodão	326.519.765	3,94	1,14
06	06	Cooperativa Agropecuária de São Tomé	Benef. de Algodão	231.800.401	2,80	0,81
04	07	Radir Pereira e Cia.	Com. Varej. de Móv. e Eletrodom. e Veiculos	222.927.677	2,69	0,78
12	08	Confecções Guararapes S/A	Ind. de Confecções	211.784.104	2,55	0,74
21	09	Sperb do Nordeste S/A	Ind. de Fios de Algodão	180.297.562	2,17	0,63
18	10	Sanbra — Soc. Alg. do NE Bra. S/A	Benef. de Algodão	175.571.438	2,12	0,61
10	11	J. Vilani Veiculos e Peças Ltda.	Com. de Veic. e Peças	145.508.793	1,76	0,51
08	12	Coop. Regional Mista do Apodi Ltda.	Benef. de Algodão	128.719.216	1,55	0,45
16	13	Arnaldo Irmãos e Filhos	Benef. de Algodão	124.246.802	1,50	0,43
43	14	Sulfabril Nordeste S/A	Ind. de Malharias	118.674.410	1,43	0,41
22	15	Inharé S/A	Benef. de Algodão	101.426.804	1,22	0,35
33	16	Mossoró Agro-Industrial S/A — MAISA	Cultura e Benef. de Prod. Agrícolas	82.883.101	1,00	0,29
24	17	Sebastião Felipe de Mendonça	Com. Varej. (Supermercados)	80.415.376	0,97	0,28
07	18	Coop. Agric. Mista Médio Oeste Pot. Ltda.	Benef. de Algodão	78.421.168	0,95	0,27
17	19	Oeste Veiculos Ltda.	Com. de Veic. e Peças	69.774.570	0,84	0,24
25	20	Algodoeira Seridó Com. Ind. S/A	Benef. de Algodão	68.283.828	0,82	0,24
19	21	Medeiros e Cia. S/A	Benef. de Algodão e Castanhas	64.440.735	0,78	0,23
23	22	Porcino Irmãos Comercial Ltda.	Com. de Veic., Móv. e Eletrodom.	62.909.136	0,76	0,22
08	23	Supermercado Mini-Preço Ltda.	Com. Varej. (Supermercados)	61.658.685	0,74	0,22
34	24	Amadeu Venâncio Dantas	Com. Auto Peças, Atac. de Cereais	59.543.463	0,72	0,21
38	25	Lúcio Silveira e Filhos	Com. Atacad. Manufaturas Diversas	57.984.868	0,70	0,20
44	26	Potycrét Produtos de Concretos Ltda.	Ind. de Benef. de Pedras, Cimento e Gesso	57.061.252	0,69	0,20
36	27	Mendes e Cia.	Com. de Veic. e Peças	55.792.063	0,67	0,20
54	28	Coop. Agropecuária de Alexandria Ltda.	Benef. de Algodão	55.527.772	0,67	0,19
74	29	Bonor — Indústria Botões Nordeste S/A	Ind. de Botões	54.032.464	0,65	0,19
—	30	Itapetinga Agro-Industrial S/A	Fábrica de Cimento	53.321.594	0,64	0,19
—	31	Agro-Kinool Ltda.	Algodão e Feijão	51.304.347	0,62	0,18
40	32	Plástico de Mossoró Ltda.	Ind. de Mat. Plástico	49.239.182	0,59	0,17
20	33	Santorres Comércio S/A	Com. de Caminhões e Peças	47.983.667	0,58	0,17
28	34	S/A Mercantil Tertuliano Fernandes	Benef. de Algodão	46.356.230	0,56	0,16
27	35	Lundgren Tecidos S/A	Com. de Tec. e Confecções	45.121.366	0,54	0,16
41	36	Manoel de Holanda Rebouças	Com. Varej. de Peças e Aces. p/Veiculos	43.855.984	0,53	0,15
15	37	Agrimex — Agro-Industrial Mec. Excelsior S/A	Com. de Cimento	42.753.030	0,52	0,15
31	38	Distribuidora de Bebidas Potiguar	Com. Atacad. de Bebidas	41.715.619	0,50	0,15
69	39	Cisaf Comércio Ind. de Fibras S/A	Benef. de Agave	39.052.787	0,47	0,14
39	40	M. ere r e	Com. Atacad. de Prod. em Geral	36.868.544	0,44	0,13

45	42	<b>Apavel — Aparecida Peças p/Veículos Ltda.</b>
63	43	<b>Seridoense Servebem Ltda.</b>
29	44	<b>Paula Irmãos Comercial Ltda.</b>
47	45	<b>Queiroz e Filhos Mat. p/Construção Ltda.</b>
65	46	<b>Indústria e Comércio José Carlos S/A</b>
72	47	<b>Manoel Ferreira Comércio S/A</b>
68	48	<b>Indústria de Móveis Silvan S/A</b>
51	49	<b>Usibrás — Usina Bras. de Oleo e Castanhas Ltda</b>
32	50	<b>Cia. Brasileira de Alimentos — COBAL</b>
91	51	<b>Distribuidora de Alimentos Ltda.</b>
13	52	<b>Cia. de Cigarros Souza Cruz</b>
46	53	<b>Cunha Duarte Ltda.</b>
55	54	<b>Casa Esperança Ltda.</b>
30	55	<b>Comercial Régio S/A</b>
57	56	<b>Agro-Técnica Máquinas e Motores Ltda.</b>
—	57	<b>Rafitex — Ráfia Têxtil Ltda.</b>
53	58	<b>Moto-Oeste — Motores, Peças e Acessórios Oeste Ltda.</b>
59	59	<b>H. F. Pinto e Cia. Ltda.</b>
64	60	<b>F. Fernandes de Souza</b>
—	61	<b>Raros Agro-Industrial Produtos Aromáticos S/A</b>
48	62	<b>Tarcílio Viana Dutra</b>
50	63	<b>Cícero Gabriel Rodrigues e Cia.</b>
75	64	<b>M. Torres e Cia.</b>
87	65	<b>Comércio Arruda Câmara Ltda.</b>
—	66	<b>Dresser do Brasil Ltda.</b>
—	67	<b>Supermercado Nordeste Ltda.</b>
80	68	<b>Coop. Agric. Mista Irrig. Pi Itans Sabugi</b>
37	69	<b>Nóbrega e Dantas S/A Ind. e Comércio</b>
70	70	<b>Abrahão Otoch e Cia. Ltda.</b>
—	71	<b>Torres e Menezes Ltda.</b>
—	72	<b>Comercial Macau de Estiv. e Cereais Ltda.</b>
—	73	<b>S. Costa e Filho</b>
—	74	<b>José Brito</b>
62	75	<b>Brejuí Veículos e Peças Ltda.</b>
—	76	<b>Lopes e Irmão</b>
—	77	<b>Indústria e Comércio Jahil Ltda.</b>
82	78	<b>Supermercado Pinheirão Ltda.</b>
—	79	<b>Unipetrol — Suprim. Serv. Petróleo Ltda.</b>
—	80	<b>Comercial Belizário Ltda.</b>
—	81	<b>Torrefação e Moagem Oeste Ltda.</b>
86	82	<b>Drogaria Rio Grande Ltda.</b>
85	83	<b>UBM — União Brasileira de Mineração S/A</b>
81	84	<b>Torrefação e Moagem Ouro Branco Ltda.</b>
52	85	<b>Algril — Algodoeira Norte-Riograndense Ltda.</b>
49	86	<b>Ceará Industrial S/A</b>
84	87	<b>Indústria e Com. de Café ICLA Ltda.</b>
78	88	<b>Indústria de Móveis Lindomar Ltda.</b>
—	89	<b>Exconal — Exp. de Couros Natal Ltda.</b>
—	90	<b>Distrib. de Ferragens Seridó Ltda.</b>
—	91	<b>Hughes Tool do Brasil — Equip. Indl. Ltda.</b>
—	92	<b>Severino Modeste e Cia. Ltda.</b>
83	93	<b>Soc. Anônima White Martins Ltda.</b>
—	94	<b>Agro-Industrial Zabelé Ltda.</b>
98	95	<b>Normando Gomes e Irmãos</b>
—	96	<b>Brasinox — Brasil Inoxidáveis S/A</b>
60	97	<b>Coop. Agro-Pecuária de Itaú Ltda.</b>
89	98	<b>R. Benjamim e Cia. Ltda.</b>
95	99	<b>Cerâmica Samburá Ltda.</b>
—	100	<b>Comercial Bombolândia Ltda.</b>

Peças e Aces. p/Veículos	33.540.968	0,40	0,12
Com. Varej. (Supermercados)	32.687.515	0,39	0,11
Com. de Aparelhos Eletrodom.	32.484.231	0,39	0,11
Com. Varej. de Mat p/Construção	31.809.063	0,38	0,11
Torref. e Moagem de Café	31.129.222	0,38	0,11
Com. Atacad. de Explosivos	29.685.989	0,36	0,10
Ind. de Transf. Manuf. de Madeira	29.072.817	0,35	0,10
Ind. Benef. Grãos Sementes Frut. Diversos	28.087.415	0,34	0,10
Com. Varej. (Supermercados)	28.019.480	0,34	0,10
Com. de Cereais	27.529.315	0,33	0,10
Com. de Cigarros	27.483.323	0,33	0,10
Com. Varej. de Armas e Munições	27.395.834	0,33	0,10
Com. Atacad. de Tec. e Ari. de Malharia	27.322.792	0,33	0,10
Com. de Móv. e Eletrodom.	25.230.465	0,30	0,09
Com. de Máq. e Equipamentos	24.972.374	0,30	0,09
Ind. de Fiação	24.470.677	0,30	0,09
Com. de Peças e Aces. p/Veículos	24.335.898	0,29	0,09
Com. de Aparelhos Eletrodom.	24.231.633	0,29	0,08
Com. Varej. Ferragens Mat. Elétrico	24.157.270	0,29	0,08
Oleos Essenciais e Prod. Perfumaria	23.791.952	0,29	0,08
Com. Atacad. de Tec. e Art. Malharia	23.503.748	0,28	0,08
Com. Atacad. de Prod. Farmacêuticos	23.420.284	0,28	0,08
Com. Varej. de Peças e Aces. p/Veículos	23.390.329	0,28	0,08
Com. Varej. de Eletrodom.	23.147.341	0,28	0,08
Com. Varej. de Manufatura Diversos	22.130.135	0,27	0,08
Com. Varej. (Supermercados)	20.929.111	0,25	0,07
Com. Varej. de Legumes e Tubérculos	20.869.235	0,25	0,07
Benef. de Algodão	20.316.057	0,24	0,07
Com. de Tec. e Confecções	19.641.872	0,24	0,07
Com. Varej. de Peças e Aces. p/Veículos	19.453.695	0,23	0,07
Com. de Cereais	18.713.273	0,23	0,07
Com. de Cereais	18.348.390	0,22	0,06
Torref. de Moagem de Café	18.181.354	0,22	0,06
Com. de Veic. e Peças	17.778.503	0,22	0,06
Com. Atacad. de Manuf. Diversos	17.452.593	0,21	0,06
Ind. de Benef. de Café	16.924.700	0,20	0,06
Com. Varej. (Supermercados)	16.210.430	0,20	0,06
Com. Atacad. de Manufaturas Diversos	16.042.572	0,19	0,06
Com. de Cereais	15.808.842	0,19	0,06
Ind. de Benef. de Café	15.784.463	0,19	0,06
Com. Varej. de Cosmét. e Perfumes	15.586.439	0,19	0,05
Minerais Metalúrgicos, Escória, etc.	15.487.150	0,19	0,05
Ind. de Benef. de Café	15.323.922	0,19	0,05
Benef. de Algodão	15.057.636	0,18	0,05
Benef. de Algodão	15.008.074	0,18	0,05
Benef. de Café	14.820.446	0,18	0,05
Ind. de Móveis	14.518.337	0,18	0,05
Com. Atacad. de Peles e Couros	14.198.971	0,17	0,05
Com. de Cimento e Ferragens	14.065.250	0,17	0,05
Com. de Máq. e Equipamentos	13.610.485	0,17	0,05
Benef. de Peles e Couros	13.574.105	0,16	0,05
Com. de Mat., Ferragens e Elétricos	13.569.138	0,16	0,05
Ind. de Benef. de Agave	13.505.826	0,16	0,05
Peças e Aces. p/Veículos	13.330.959	0,16	0,05
Ind. de Transf. de Metais	13.137.253	0,16	0,05
Benef. de Castanha de Caju	12.832.832	0,16	0,05
Com. Mat. p/Construção	12.705.899	0,15	0,04
Ind. de Cerâmicas	12.686.996	0,15	0,04
Padaria Confeitaria e Docelras	12.617.091	0,15	0,04

# AS 100 MAIORES CONTRIBUINTES DO ICM NO RIO GRANDE DO NORTE

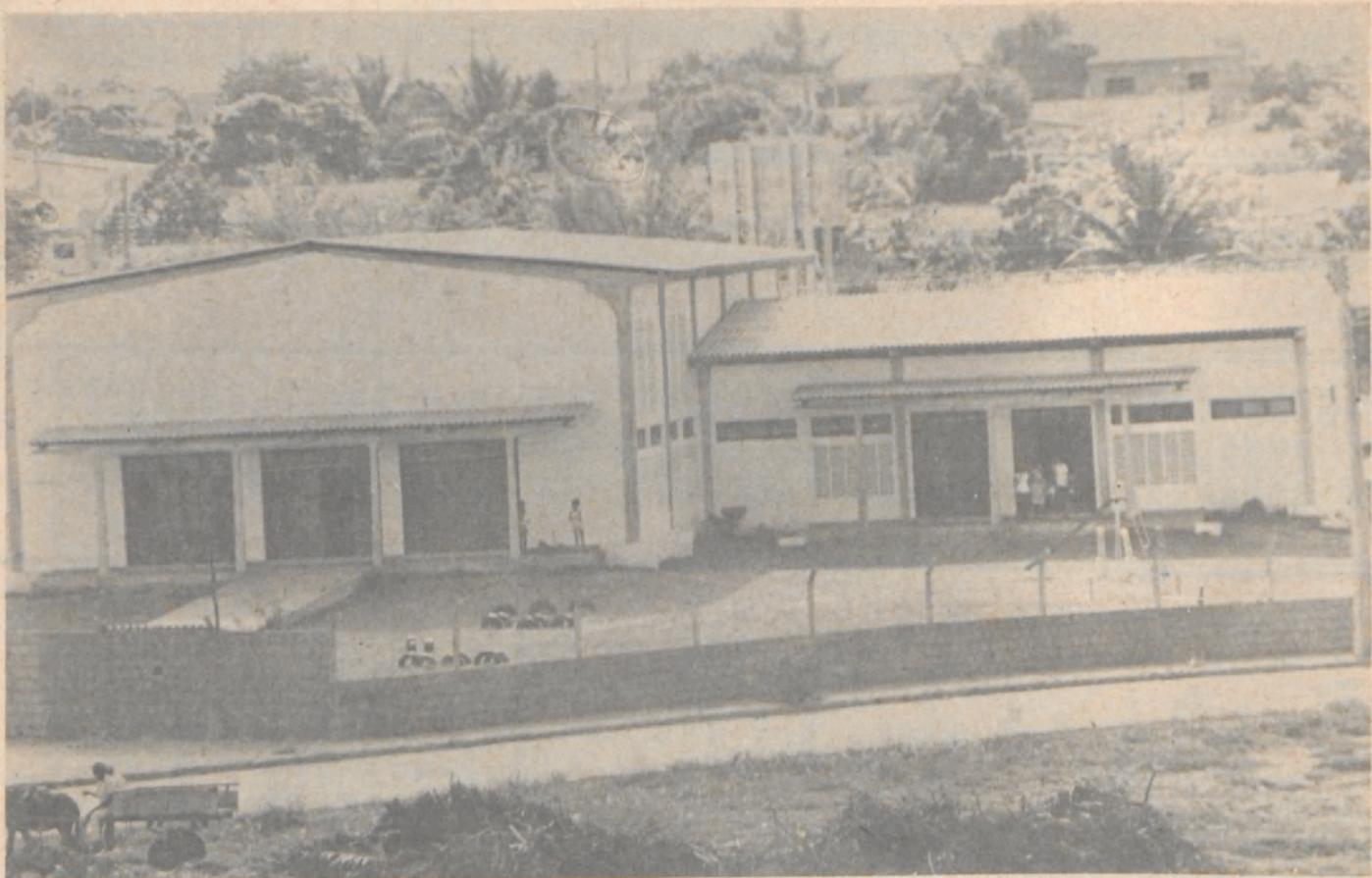
## ESTADO

### ANO BASE: 1983

NÚMERO DE ORDEM		RAZAO SOCIAL	ATIVIDADE	RECOLHIMENTO 1983	PARTICIPAÇÃO RELATIVA	
ANTERIOR	ATUAL				CEM MAIORES EMPRESAS	ARRECAÇÃO TOTAL
02	01	Usina Estivas S/A	Ind. de Açúcar e Alcool	1.775.561.949	9,39	6,19
01	02	Confecções Guararapes S/A	Ind. de Confecções	1.590.962.103	8,42	5,55
03	03	Alpargatas Confecções Nordeste S/A	Ind. de Confecções	1.113.150.753	5,89	3,88
04	04	Natal Industrial S/A	Ind. de Benef. de Trigo	1.091.073.416	5,77	3,80
15	05	Destilaria Baía Formosa S/A	Ind. de Alcool	921.686.466	4,88	3,21
14	06	Algodoeira São Miguel S/A — Fazenda São Miguel	Benef. de Algodão	711.587.429	3,76	2,48
11	07	Cia. Açucareira Vale do Ceará-Mirim	Ind. de Açúcar e Alcool	554.003.129	2,93	1,93
—	08	Bompreço S/A — Supermercados do Nordeste	Com. Varej. (Supermercados)	465.776.774	2,46	1,62
05	09	Companhia de Cigarros Souza Cruz	Com. Atacad. de Cigarros	430.316.568	2,28	1,50
12	10	Cia. Brasileira de Alimentos — COBAL	Com. Varej. de Gêneros Alim.	387.688.506	2,05	1,35
97	11	Cia. de Financiamento da Produção — CFP	Algodão	351.060.252	1,86	1,22
33	12	Teka — Tecelagem Kuehnrich S/A	Benef. de Algodão e Ind. de Toalhas	326.519.765	1,73	1,14
06	13	Radir Pereira e Cia.	Com. Varej. de Móv., Eletrodom. e Veiculos	317.099.729	1,68	1,11
24	14	Ind. e Com. José Carlos S/A	Ind. de Café	313.316.862	1,66	1,09
09	15	Supermercados Minipreço Ltda.	Com. Varej. (Supermercados)	284.197.423	1,50	0,99
10	16	Natal Veiculos e Peças S/A	Com. de Veic. e Peças	256.336.706	1,36	0,89
08	17	Supermercados Nordestão Ltda.	Com. Varej. (Supermercados)	240.925.759	1,27	0,84
17	18	Divemo S/A — Distribuidora Potiguar de Veic. e Motores	Com. de Veic. e Peças	237.320.173	1,26	0,83
19	19	Cooperativa Agropecuária de São Tomé Ltda.	Benef. de Algodão	231.800.401	1,23	0,81
21	20	Galvão Mesquita Ferragens S/A	Com. Varej. de Mat. p/Construção	215.539.966	1,14	0,75
16	21	Granorte Veiculos e Peças Ltda.	Com. Varej. de Veic. e Peças	212.544.083	1,12	0,74
22	22	Lojas Americanas	Com. Varej. de Prod. em Geral	206.294.729	1,09	0,72
30	23	Distribuidora de Automóveis Seridó S/A	Com. de Automóv. e Peças	203.449.874	1,08	0,71
18	24	Marpas S/A	Com. de Automóv. e Peças	199.082.704	1,05	0,69
27	25	Revend. Com. Varej. de Produtos Avon	Com. Varej. de Cosmét. e Perfumes	188.830.232	1,00	0,66
51	26	Sperb do Nordeste S/A Ind. Têxtil	Ind. de Fios de Algodão	180.297.562	0,95	0,63
44	27	Sanbra — Soc. Algodoeira do NE Bras. S/A	Benef. de Algodão	175.571.438	0,93	0,61
07	28	Comercial Régio S/A	Com. de Móv. e Eletrodom.	169.385.405	0,90	0,59
32	29	Queiroz Oliveira Com. e Ind. Ltda.	Com. de Mat. p/Construção	164.692.215	0,87	0,57
13	30	Agrimex — Agro-Industrial Mercantil Excelsior S/A	Com. Atacad. de Cimento	160.049.172	0,85	0,56
58	31	Indústrias Jossan S/A	Ind. de Transf. de Metais	153.807.563	0,81	0,54
31	32	J. Vilani Veiculos e Peças Ltda.	Com. de Veic. e Peças	145.508.793	0,77	0,51
40	33	Importadora Comercial de Madeiras Ltda.	Com. Varej. de Mat. p/Construção	142.436.162	0,75	0,50
38	34	Trevo Ind. e Com. Ltda.	Ind. de Benef. de Pedras e Cimento	140.336.281	0,74	0,49
34	35	R. Gurgel Ltda.	Com. Varej. de Mat. p/Construção	132.483.673	0,70	0,49
28	36	Porcino Irmãos Comercial Ltda.	Com. de Veic., Móv. e Eletrodom.	129.021.143	0,68	0,45
29	37	Coop. Regional Mista do Apodi Ltda. — COPERMIL	Benef. de Algodão	128.719.216	0,68	0,45
42	38	Arnaldo Irmãos e Filhos	Benef. de Algodão	124.246.802	0,66	0,43

41	41	<b>Camisaria Uniao Ltda.</b>
36	42	<b>Lojas Brasileiras S/A</b>
46	43	Comercial Alcides Araújo Ltda.
35	44	<b>Salustino Veiculos S/A</b>
52	45	Inharé S/A
59	46	<b>Potycret — Produtos de Concreto Ltda.</b>
63	47	Casa Júnior Comercial Ltda.
57	47	<b>Cia. Paraiba Cimento Portland — CIMEPAR</b>
62	49	Medeiros e Paiva Ltda.
45	50	<b>Lundgren Tecidos S/A — Casas Pernambucanas</b>
65	51	Comercial A. M. de Góis Ltda.
80	52	<b>Mossoró Agro-Industrial S/A — MAISA</b>
55	53	J. Resende Comércio S/A
54	54	<b>Sebastião Felipe de Mendonça</b>
48	55	Marcosa S/A Máquinas e Equipamentos
20	56	<b>Coop. Agri. Mist. do Médio-Oest. Pot. Ltda. — COTIGUAR</b>
61	57	Sociedade Anônima White Martins
43	58	<b>Oeste Veiculos Ltda.</b>
—	59	Cisaf — Com. e Ind. de Fibras S/A
23	60	<b>Soriedem S/A Confecções</b>
56	61	Algodoeira Seridó Com. e Ind. S/A
—	62	<b>Droguistas Potiguares Reunidos Ltda.</b>
76	63	Distribuidora de Caramelos Natal Ltda.
64	64	<b>Walter Pereira Livraria e Papelaria Ltda.</b>
47	65	Medeiros e Cia. S/A
75	66	<b>Cyro Cavalcanti</b>
73	67	Moinho de Ouro Ind. e Com. Ltda.
39	68	<b>CBV — Indústria Mecânica S/A</b>
49	69	Hughes Tool Brasil Equipamentos Industriais Ltda.
—	70	<b>Matias e Filhos Ltda.</b>
81	71	Amadeu Venâncio Dantas
72	72	<b>Trigueiro e Cia.</b>
85	73	Lúcio Silveira e Filhos
89	74	<b>M. D. Melo Com. e Ind. Ltda.</b>
66	75	Sistemática — Silveira Irm. Soc. Téc. Mat. Inst. Ltda.
88	76	<b>Herbus Confecções Ltda.</b>
82	77	Mendes e Cia.
—	78	<b>Coop. Agropecuária Alexandria Ltda.</b>
87	79	Comercial José Lucena Ltda.
—	80	<b>Bonor — Ind. de Botões do Nordeste S/A</b>
—	81	Itapetinga Agro-Industrial S/A
—	82	<b>Cia. Distribuidora de Ferragens — CODIF</b>
86	83	J. Olímpio e Cia. Ltda.
—	84	<b>Agro Knoll Ltda.</b>
92	85	Sorvane — Sorvetes e Prod. Alimentícios do Nordeste S/A
77	86	<b>Abrahão Otoch e Cia. Ltda.</b>
94	87	Plásticos de Mossoró Ltda.
70	88	<b>Luiz Cavalcanti Comércio Ltda</b>
50	89	Santorres Comércio S/A
69	90	<b>Revend. Com. Varej. dos Produtos Christian Gray</b>
78	91	F. Alves Neto Ltda.
—	92	<b>Dresser do Brasil Ltda.</b>
67	93	S. A. Mercantil Tertuliano Fernandes
84	94	<b>UBM — União Brasileira de Mineração S/A</b>
95	95	Manoel de Holanda Rebouças
—	96	<b>Baroid Pigmina Indl. e Coml. Ltda.</b>
—	97	Irmãos Oliveira e Cia.
71	98	<b>Distribuidora de Bebidas Potiguar Ltda.</b>
99	99	Tecidos Lira de Oliveira Ltda.
96	100	<b>Lima Borges Tecidos</b>

Com. Varej. de Tec. e Confeções	110.945.577	0,59	0,39
Com. Varej. de Prod. em Geral	109.957.414	0,58	0,38
Com. Varej. de Tec. e Confeções	108.596.894	0,57	0,38
Com. de Veic. e Peças	101.843.054	0,54	0,36
Benef. de Algodão	101.426.804	0,54	0,35
Ind. de Benef. de Pedras, Cimento e Gesso	94.175.732	0,50	0,33
Com. de Mów. e Eletrodom.	92.583.223	0,49	0,32
Com. Atacad. de Cimento	86.492.088	0,46	0,30
Com. Atacad. de Cereais	85.467.055	0,45	0,30
Com. Varej. de Tec. e Confeções	84.398.044	0,45	0,29
Aparelhos Eletrodom.	83.782.353	0,44	0,29
Cultura e Benef. de Prod. Agrícolas	82.883.101	0,44	0,29
Com. Varej. de Mów. e Eletrodom.	80.710.594	0,43	0,28
Com. Varej. (Supermercados)	80.415.376	0,43	0,28
Com. de Máq. e Equipamentos	80.219.609	0,42	0,28
Benef. de Algodão	78.421.168	0,41	0,27
Com. de Produtos Químicos	72.157.005	0,38	0,25
Com. de Veic. e Peças	69.774.570	0,37	0,24
Benef. de Agave	69.282.867	0,37	0,24
Ind. de Confeções	68.320.377	0,36	0,24
Benef. de Algodão	68.283.828	0,36	0,24
Com. de Prod. Farmacêuticos	67.832.521	0,36	0,24
Com. Atacad. de Prod. p/Confeitaria	66.464.289	0,35	0,23
Com. Varej. de Livros e Papéis	66.461.587	0,35	0,23
Benef. de Algodão e Castanhas	64.440.735	0,34	0,22
Com. Varej. de Peças e Aces. p/Veiculos	63.474.797	0,34	0,22
Benef. de Café	63.249.303	0,33	0,22
Com. Varej. de Máq. e Equipamentos	60.804.658	0,32	0,21
Com. Varej. de Máq. e Equipamentos	60.137.959	0,32	0,21
Com. Varej. de Tec. e Confeções	59.570.202	0,32	0,21
Com. de Automóv., Peças e Atac. de Cereais	59.543.463	0,32	0,21
Com. Atacad. de Prod. Farmacêuticos	59.159.297	0,31	0,21
Com. Atacad. de Manufaturas Diversas	57.984.868	0,31	0,20
Com. de Vidros	57.767.780	0,31	0,20
Com. de Mat. p/Construção	57.711.544	0,31	0,20
Ind. de Confeções	57.148.660	0,30	0,20
Com. de Veic. e Peças	55.792.063	0,30	0,19
Benef. de Algodão	55.527.772	0,29	0,19
Com. de Mat. p/Construção	54.966.923	0,29	0,19
Ind. de Transf. de Manufaturas Diversas	54.032.464	0,29	0,19
Ind. de Benef. de Pedras, Cimento e Gesso	53.321.594	0,28	0,19
Com. de Mat. p/Construção	52.433.132	0,28	0,18
Com. Varej. de Mów. e Eletrodom.	52.100.479	0,28	0,18
Algodão em Carço e Feijão	51.304.347	0,27	0,18
Com. de Sorvetes e Alimentos	50.835.509	0,27	0,18
Com. Varej. de Tec. e Confeções	50.182.204	0,27	0,17
Ind. de Mat. Plásticos	49.239.182	0,26	0,17
Com. Varej. de Mów. e Eletrodom.	48.111.838	0,25	0,17
Com. de Caminhões e Peças	47.983.667	0,25	0,17
Com. Varej. de Cosmêt. e Perfumes	47.252.356	0,25	0,16
Com. de Veiculos	46.839.571	0,25	0,16
Vendas de Prod. p/Perf. de Poços	46.545.793	0,25	0,16
Benef. de Algodão	46.356.230	0,25	0,16
Minerais Metalúrgicos, Escória, etc.	44.257.432	0,23	0,15
Com. Vareja. de Peças e Aces. p/Veiculos	43.855.984	0,23	0,15
Vendas de Prod. p/Perf. de Poços	43.224.326	0,23	0,15
Com. Atacad. de Prod. Farmacêuticos	41.873.522	0,22	0,15
Com. Atacad. de Bebidas	41.715.619	0,22	0,15
Com. Atacad. de Tecidos	41.123.038	0,22	0,14
Com. Varej. de Tecidos	41.118.143	0,22	0,14



O Conselho Comunitário de Candelária, um dos mais organizados

## COMUNIDADES (I)

# Conselhos comunitários: uma força cada vez maior

**NELSON PATRIOTA**

Organismos eminentemente reivindicatórios, os Conselhos Comunitários vieram à luz, em Natal, estendendo-se posteriormente ao interior, no início dos anos sessenta, na esteira das transformações operadas na sociedade brasileira daquela época. E hoje, disputados por governantes e políticos, esses Conselhos tentam, mediante uma incessante consulta às bases comunitárias, preservar e ampliar uma autonomia cada vez mais combatida. É que o Conselho Comunitário, situado no coração da comunidade, aglutina ao seu redor todas as lutas sociais, mormente aquelas que se traduzem em reivindicações imediatas do seu meio, que tanto podem ser a melhoria da segurança do bairro, como a revogação de um imposto excessivamente dispendioso aos bolsos dos seus moradores.

Se antes já foram conhecidos como «Clubes de Mães», em razão de um

forte acento assistencialista, os Conselhos Comunitários hoje são organismos, em sua maioria, voltados para as questões mais preocupantes dos bairros, embora haja um ou outro que se limita ainda a desenvolver uma conduta alinhada a políticas governamentais que nem sempre coincide com as aspirações mais objetivas dos seus associados. Tal postura, entretanto, vem sendo gradualmente substituída, em consequência da renovação de suas diretorias, por indivíduos mais marcadamente comprometidos com suas causas. Tanto isto é verdade que os Conselhos Comunitários começam a ser vistos como a nova força da sociedade civil, daí a preocupação que despertam junto aos organismos mais tradicionais da sociedade, dentre os quais destacam-se os políticos e os governantes, na busca de solidificarem suas bases de sustentação e legitimação populares.

**COMBATIVIDADE** — De um ano

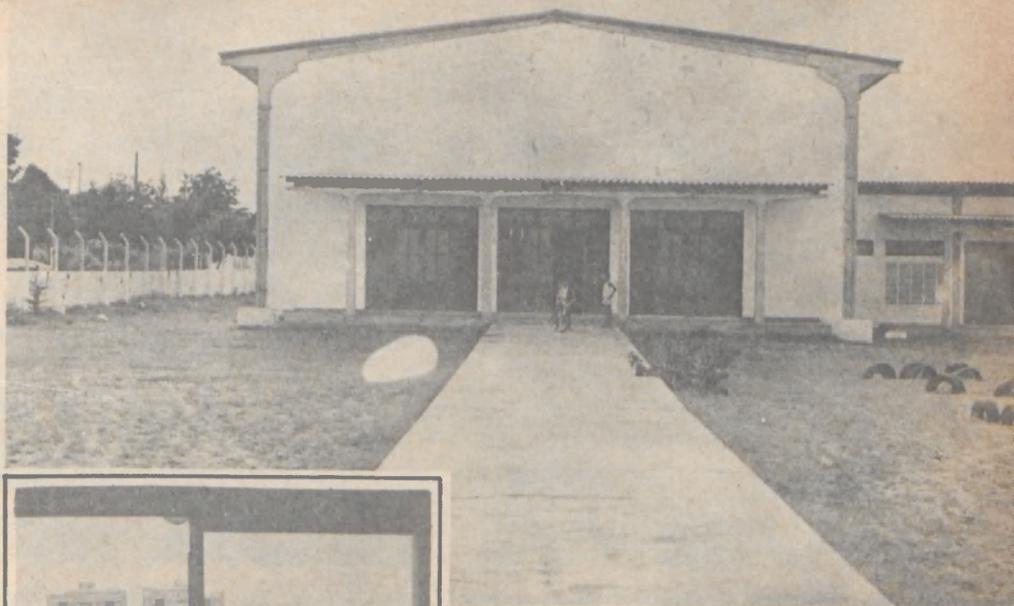
para cá, o Conselho Comunitário de Candelária vem se destacando como um dos mais combativos e não é por mera coincidência que seu Presidente é um ex-candidato a Deputado Estadual por um partido de oposição. Na verdade, Manoel Duarte, «Manu», sociólogo, vem se destacando, desde abril de 1983, quando assumiu a Presidência do Conselho Comunitário de Candelária, pelo tom decidido de suas críticas às condutas clientelistas dos órgãos públicos, críticas a que não escapam nem mesmo a diretoria atual da Federação de Conselhos Comunitários de Natal, entregue, segundo «Manu», a “pessoas que em nenhum momento levantaram a voz em favor da comunidade, e que age como um órgão de representação da Prefeitura e não dos seus associados”.

**PRESTAÇÕES** — Mas no momento, a principal preocupação do Presidente do CC de Candelária é com os novos reajustes das prestações da casa própria, a serem corrigidos em julho próximo, e que, segundo ele, não serão inferiores a 180 por cento. Nenhum trabalhador terá reajuste salarial nesse nível, observa, para o que os mutuários de Candelária, juntamente com os demais de Ponta Ne-

gra, Cidade Satélite, Pirangi, Neópolis, e outros, estão recebendo orientação jurídica dos seus Conselhos a fim de exigirem da Justiça a manutenção das cláusulas contratuais que limitam a correção das prestações no máximo até o valor do reajuste do mutuário. Ademais disso, os Conselhos estão definindo uma plataforma comum de ação, que inclui medidas de natureza política e jurídica, como mandado de segurança, ação declaratória e ação ordinária de manutenção da cláusula contratual de caráter coletivo.

A par disso, salienta Manoel Duarte, o caráter suprapartidário do CC de Candelária. Para ele, é importante que o Conselho preserve sua independência com relação aos partidos políticos, embora não ignore que o Conselho é um órgão também político, mas não partidário, e que admite em seus quadros pessoas de todas as facções políticas, inclusive as não-políticas, aglutinando-as em torno de causas comuns e nunca para propósitos partidários. O Conselho é político apenas no sentido de que trata da coisa pública, isto é, a comunidade, enfatiza.

**IPTU** — Outro problema que vem sendo largamente debatido e analisado pelo Conselho Comunitário e seus



### Toda estrutura no Conselho

associados é a recente majoração do IPTU — Imposto Predial e Territorial Urbano. A orientação do CC de Candelária, segundo Duarte, é no sentido de que o contribuinte deve sustar o pagamento daquele imposto e aguardar o anúncio de um novo índice, inferior, após a revogação da legislação que o alterou em torno de 1 mil por cento. Esta luta, segundo «Manu», está sendo levada à Câmara dos Ve-

## Condomínios: o reino da apatia

Enquanto a política comunitária vai tomando corpo nos conjuntos habitacionais, o espírito comunitário ainda não baixou nos condomínios dos prédios de apartamentos que já começam a fazer parte da paisagem de Natal dentro do processo de expansão imobiliária mal ou bem patrocinado pelo BNH nos últimos anos. A falta de hábito de morar em apartamentos e a pouca vigilância exercida pelos agentes financeiros para a sua formação, quando os imóveis são entregues aos mutuários, têm gerado muitos contratemplos. Os moradores é que têm de tomar a iniciativa para a formação dos condomínios. E, como falta espírito comunitário na classe média — a cliente básica dos apartamentos — a situação se complica. Em geral, os condôminos se envolvem em grandes dis-

putas esquecendo que a formação do condomínio e a eleição de um síndico é tarefa de interesse comum. E, não raro, há quem se entusiasme — sobretudo se exerce uma atividade com afinidade política — e confunde as coisas, esquecendo que o interesse é de todos e que, na verdade, o síndico é o representante da mini-comunidade. Em duas eleições de condomínios em Natal já houve até ameaças de conflitos, justamente porque tem-se perdido a finalidade precípua do condomínio, por falta de esclarecimentos e da pouca familiaridade de muitos com a rotina da vida em apartamento, que só agora começa a se disseminar em Natal.

**EQUÍVOCOS** — Muitos equívocos, por isso, têm ocorrido. Um corretor com atuação em Natal

nessa área é de opinião que parte da culpa cabe também a deformações do próprio Sistema Financeiro de Habitação. Segundo seu entendimento, o Sistema tem privilegiado um segmento muito pequeno da classe média e, por essa razão, muitos que compram apartamentos o fazem com o propósito de investir, já tendo casa para morar. “Por isso, esse tipo de mutuário não se empenha muito na formação do condomínio e entrega tudo a uma imobiliária que, por sua vez, só se está importando mesmo é em alugar, pois o condomínio é uma questão interna do prédio”, diz ele.

A taxa de condomínio é também um pagamento pouco simpático e mal compreendido. O mutuário neófito de apartamento não se convence que, além da prestação, já muito alta, ainda tenha de arcar com esse pagamento, não lhe passando pela cabeça — por falta de hábito — que um prédio de apartamento tem de ser administrado e receber atenções constantes



### Nas ruas dos conjuntos: sempre problemas

readores, a fim de que seus membros sejam sensibilizados da impossibilidade do pagamento do IPTU nos moldes atuais. Por outro lado, estão sendo intensificados contatos com outros Conselhos de Bairros, Associações de Moradores e demais entidades comunitárias, no sentido de encontrarem formas alternativas a serem encaminhadas ao Executivo municipal como saída para o atual impasse. "Todo esse trabalho" — diz Manoel Duarte — "está sendo realizado à revelia da Federação dos Conselhos Comunitários, pois a preocupação dela tem sido tão-somente a de boicotar as nossas reuniões".

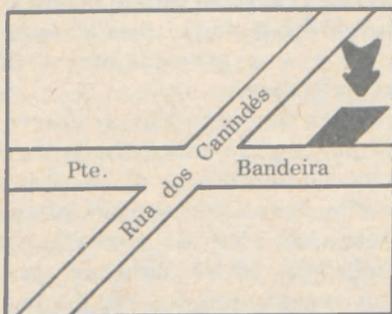
**DIRETAS** — A nível mais político, o Conselho Comunitário de Candelária está comprometido com a campanha pelas eleições diretas, entendendo-a como aspiração nacional a que o bairro não poderia se omitir. Mas «Manu» lembra que essa campanha já mobiliza, no momento, cerca de 12 Conselhos de outros bairros, e os enumera: Potilândia, Ponta Negra, Lagoa Seca, Soledade I, Santos Reis, Guarita, Nova Descoberta, Nazaré, Felipe Camarão, Pirangi, Jiquí e Neópolis. Todos esses Conselhos vêm-se reunindo periodicamente, explica «Manu», em torno da campanha da eleição direta para Presidente da

República, por entendê-la como uma aspiração fundamental da sociedade brasileira como um todo, e o papel do Conselho Comunitário é no sentido de criar canais de comunicação e mobilização entre os comunitários, a fim de que estes encontrem um meio comum de manifestação e encaminhamento de suas aspirações. De acordo com «Manu», o movimento tende a crescer na medida em que for aumentando o grau de conscientização política dentro de cada conjunto.

Outra área de atuação do CC de Candelária se liga às reivindicações de segurança, lazer e bem-estar. Destaca Manoel Duarte que alguma coisa já foi feita nesse sentido. Como exemplo, cita a instalação de PM-Boxes em Candelária, o que até um ano atrás não havia, preocupando seus moradores, vez que em alguns bairros o problema já tomava proporções alarmantes. Na área de bem-estar, cita a luta que o Conselho vem desenvolvendo junto à Prefeitura para manter o bairro limpo. E na área de lazer aponta a melhoria do campo de futebol e do parque infantil, bem como a realização de um projeto de urbanização e paisagismo, feito em cooperação com o Departamento de Arquitetura da UFRN e que já encontrou concluído, o que produzirá mudanças positivas no aspecto visual do conjunto.

**MOBILIZAÇÃO** — Em meio a todo esse trabalho, Manoel Duarte admite enfrentar dificuldades no tocante à mobilização dos associados, na medida em que estes não respondem à expectativa dos apelos do Conselho. "A resposta da comunidade de Candelária, confessa, ainda está insignificante" — destacando que mesmo o emprego de carros de som, os apelos pelos jornais e as comissões de ruas, não tem surtido o efeito esperado. E arrisca uma explicação para isso no comodismo de uns, no sentimento de privilégio de outros, e na falta de consciência política da maioria. Mas apesar disso, pondera, o trabalho está apenas em sua fase inicial, e ainda há muito a fazer. Em seu entender, os Conselhos Comunitários só tendem a crescer e oferecem um potencial de trabalho que começa a transformá-los num organismo de forte legitimidade social, através do qual as próprias comunidades canalizam suas reivindicações mais imediatas, suas insatisfações e seus desejos de mudança. □

## PARA COMPRAR PEÇAS FIAT VOCÊ NÃO PRECISA SAIR DO ALECRIM. SAVEL ABRIU SUA FILIAL



Peças genuínas Fiat, você agora pode adquirir no centro do bairro do Alecrim, num local de fácil acesso. Próximo ao cruzamento da Presidente Bandeira com a Olinto Meira foi inaugurada a primeira filial da Savel.



**SAVEL. SALUSTINO** Presidente Bandeira, 737  
Alecrim — Tel.: 223-1551  
**VEÍCULOS LTDA.** Natal-RN

# Um protesto da duplicata pelo endossatário

RAIMUNDO SOARES

A Segunda Turma do Supremo Tribunal Federal, por votação unânime, acaba de dirimir controvérsia de grande alcance prático nas relações do comércio. Tratava-se de pedido cautelar de votação de protesto de duplicatas descontadas, sem aceite do sacado, porque este não recebeu as mercadorias relativas aos títulos.

A Terceira Câmara do 1.º Tribunal de Alçada Civil de São Paulo entendeu que o banco, ao descontar duplicatas sem aceite, embora terceiro e estranho no negócio, não podia protestá-las e cobrá-las. O desconto sem aceite, com recusa justificada, foi um risco que o Banco correu em mau negócio, por não ter previamente se certificado do recebimento da mercadoria pelo comprador-sacado, o qual nada teria a ver com esse desconto.

Pedi, então, o Banco, através de embargos de declaração, que se lhe permitisse, de acordo com o art. 13, § 4.º, da lei 5.474/68, o protesto para o fim específico de garantir-lhe o direito de regresso contra o emitente-endossante. A esse argumento, opôs-se o mesmo Tribunal com o raciocínio de que a hipótese não se enquadraria em qualquer dos casos previstos da lei cambial. O título não podia ser protestado pelo Banco por falta de aceite contra o sacado, nem por devolução ou não pagamento, porque o credor é o emitente. O direito do Banco seria de crédito, decorrente do desconto do título. Se a lei cambiária é eminentemente formal, é de se concluir que, incorrendo subsunção do protesto, contra o emitente da duplicata, seria inviável o protesto por terceiro e estranho ao negócio expresso do título. Essa decisão foi também unânime.

O Supremo considerava, porém, que o portador da duplicata que não tirar o protesto dentro do trintídio legal, contado da data do vencimento, perderá o direito de regresso contra os endossantes e respectivos avalistas. Desse dispositivo da lei cambiária, decorre que cabe ao endossatário protestar o título para resguardar aquele direito contra o endossante-sacador. Nestes termos, o protesto pode ocorrer por falta de aceite, devolução e pagamento e também será necessário no caso de endosso, para garantia do direito regressivo contra o endossante.

A interpretação da Corte Suprema parte do pressuposto de que o título é passível de negociação antes

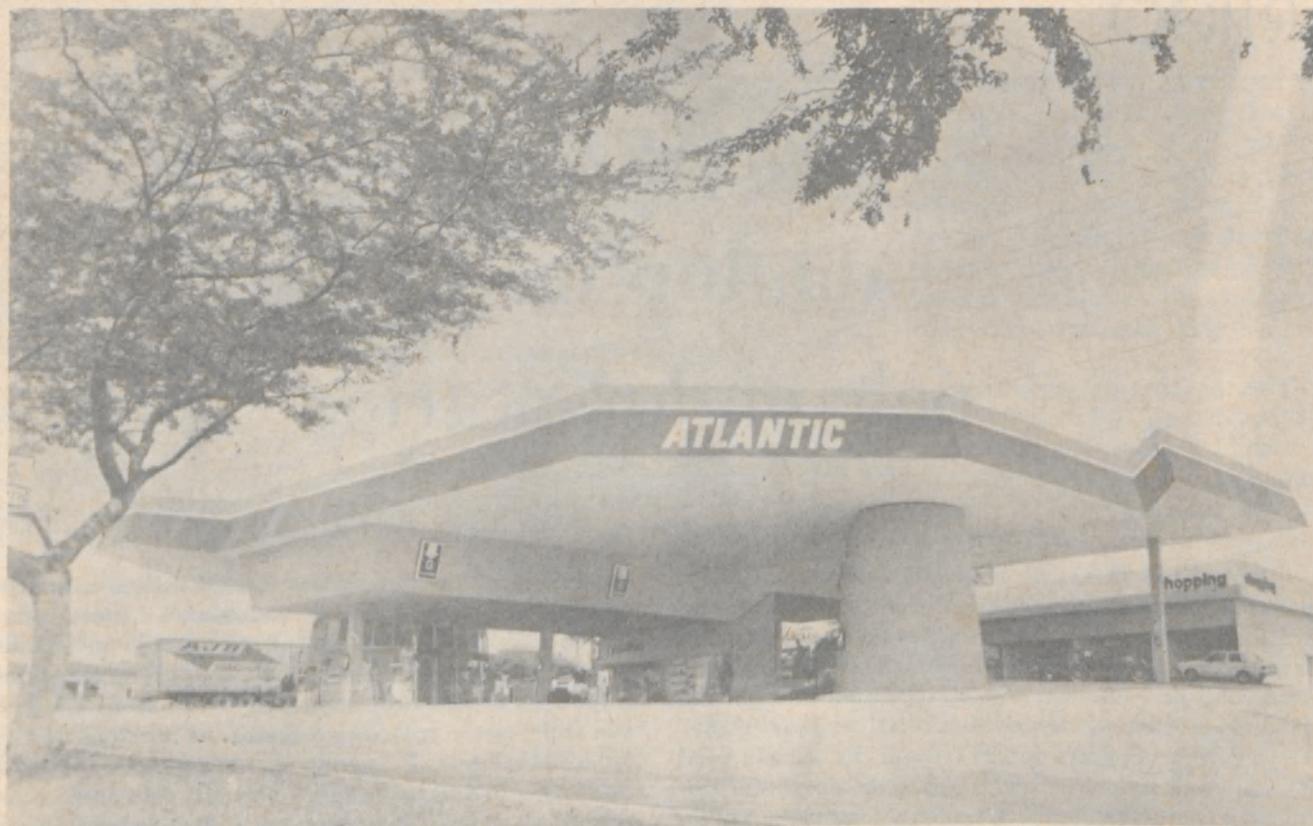
do aceite e ao terceiro de boa fé será lícito o exercício do direito de crédito contra o endossante e seus avalistas, mesmo que não haja se consumado o negócio subjacente. A entrega da mercadoria condiciona a regularidade da emissão da duplicata, mas não estabelece sua validade em relação a terceiro, na hipótese de circulação do título. É quando se faz mistér o protesto, dentro de 30 dias, para que o portador não perca o direito de regresso. O importante a considerar é que o protesto fica limitado a este objetivo, em razão do endosso, uma vez que não há impontualidade por parte do sacado.

A boa doutrina de comercialistas eminentes, como Whitaker, confirma esse entendimento, segundo o qual o sacado que não tenha aceito a letra, não é afetado pelo protesto, o qual é um ato que ressalva direitos, mas não cria obrigações. Assim está firmada na Corte Suprema a orientação de que, embora não aceite, a duplicata pode ser recebida pelo Banco através de endosso, sem prévia verificação da existência do negócio subjacente, cabendo ao endossatário o direito de regresso contra o endossante, garantido pelo protesto.

O endosso não depende de consulta, concordância, ciência ou intimação do devedor, para produzir suas consequências. Pode inclusive o endossatário, com base no direito cambial, pleitear a satisfação da dívida de todos os coobrigados, notadamente o endossante e seus avalistas. Mas convém lembrar: se, por falta de causa, nulidade ou ineficácia do valor jurídico, o protesto não for possível, será de qualquer forma efetivado exclusivamente para segurança do direito de regresso contra o endossante e seus avalistas.

Na realidade o instituto da duplicata está no fim e não resistirá a uma reforma séria da lei cambial. Uma de suas funções é permitir a imediata circulação da letra enviada para o aceite em praça distante.

Sua importância desapareceu com a velocidade do transporte moderno e já no seu tempo Vivante e Bonelli o consideravam ultrapassado, prestando-se na prática a toda sorte de abusos, donde ser melhor extingui-lo. Enquanto isto não ocorrer, haverá sempre dificuldade na sua utilização, que é o alto preço que se paga, quando a lei, por divórcio com a realidade, perde sua eficácia e atualidade.



FOTCS: NET D

Panorâmica do Posto São Luiz II, na Av. Prudente de Moraes

## UM POSTO QUE SE TRANSFORMOU NUM NOVO CARTÃO DA CIDADE

*Construído em curto espaço de tempo, de repente surge na Avenida Prudente de Moraes o resultado da concepção de um projeto arquitetônico do arquiteto Francisco Barros do Campos Jr., mosso-roense, que num jogo sério de linhas, volume e cores, harmonizou espaços com a finalidade de fazer um Posto de Gasolina diferente ou, como já se comenta, "o melhor posto do Brasil".*

*Nesse trabalho o arquiteto recebeu decisiva ajuda do seu colega universitário e sócio-gerente do empreendimento, Luzardo Soares Flôr.*

*Trinta e três anos, maior parte dos quais entre os outros postos de propriedade de seu pai e a escola, hoje, está concluindo o curso de Engenharia Civil. Daí converteu-se da experiência adquirida no correr do tempo e isso, segundo ele, o fez partir com a idéia ousada de inovar. E foi com o assessoramento recebido do arquiteto Barros, que planejou a execução*

*de um posto que fugisse às linhas do trivial. "Muita pedra, estrutura metálica, beleza, organização e multi-ofertas de serviços", era o que desejava Luzardo, pontificando: "Foi dureza, não sai lá de dentro da obra, existia garra, vontade de ver a coisa concluída e, a minha maior paz repousava no apoio franco e confiante recebido do meu pai".*

**REALIDADE** — O Posto São Luiz II é, hoje, uma realidade que reúne a técnica arquitetônica, num estilo espacial, criando ambientes formais que abrigam e oferecem, dentro de uma área de 3 mil metros quadrados, dos quais 1,5 mil metros quadrados são cobertos, 17 bombas modernas, sendo 8 de gasolina, 8 de álcool e uma de óleo diesel.

*Mas o posto, no propósito do seu proprietário Luiz Flôr, não deveria oferecer só beleza e estética, e, junto a isso, prestar serviços de distribuição de combustíveis,*

*super-troca de óleo, borracharia e lanchonete.*

*Porém, como se não bastasse, a criatividade deu origem também a uma nova forma de comércio para aquela zona nobre que em pouco tempo, tem se transformado numa alternativa para alocação de negócios paralelos, dado o crescimento rápido da cidade. E aí precisava de algo que atendesse a tais expectativas: numa nova dinâmica de pluralização de lojas lá também tem um Shopping Center.*

*O Shopping do São Luiz II foi construído dentro do mesmo complexo, com a capacidade de locação para 6 amplas lojas, onde já começam a se instalar uma loja lotérica e lojas de peças e acessórios.*

**QUEM GANHOU** — Com este empreendimento, que ganhou da população rápida consagração, o empresário Luiz Flôr confirma que criatividade e trabalho são fórmulas de vencer crises.

Por que esta tomada de mercado, especialmente na Prudente de Moraes? Porque, outros empresários que pensam como Luiz Alves Flôr têm a visão projetada para o futuro e nele investem — e muito bem.

Da inauguração, que aconteceu no dia 14 de março passado, estiveram presentes autoridades representativas do Estado, inclusive o Governador José Agripino Maia, o Prefeito de Natal, Marcos César Formiga, muitos empresários e os componentes da diretoria de empreendimentos do grupo da família Flôr.

O São Luiz II, pretende não só servir à população natalense, que se desloca pela Avenida Prudente de Moraes, como aos moradores dos bairros mais próximos.

O posto da Prudente de Moraes contribui ainda mais para a intensa atividade comercial com formas avançadas de arte, engenharia e luz. Na verdade, a opinião geral da população é de considerá-lo o posto mais bonito do Brasil. E portanto, um orgulho para a cidade e



**Ato solene de inauguração, vendo-se o Sr. e Sra. Luiz Flôr e o Governador José Agripino Maia**

uma satisfação para os que fazem uma satisfação para os que fazem tíveis que veio dar um banho de luz e beleza à Zona Sul de Natal.

## PARABÊNS PELO SUCESSO

Uma empresa cresce com planejamento, dinamismo, persistência, confiança e acima de tudo com a colaboração e prestígio dos seus funcionários, clientes e fornecedores. A HERBUS e suas empresas associadas seguem esta filosofia de trabalho, confiando e participando para o desenvolvimento do Estado. Além da sua contribuição para o ICM no ano de 1983 em Cr\$ 98.668.416,30 foi dado mais de 500 empregos diretos. Estes dados comprovam.



HERBUS CONFECÇÕES LTDA.  
HELA MODAS FEMININAS LTDA.  
UNILOJAS CONFECÇÕES LTDA.  
REEMBOLSO HERU'S LTDA.  
Natal — Rio Grande do Norte



**ALGODOEIRA SÃO MIGUEL S.A.**  
08.412.124/0001

**RELATÓRIO DA DIRETORIA**

Senhores Acionistas:

Em respeito à Lei e aos dispositivos estatutários, submetemos à apreciação de V. Sas., o relatório das atividades desenvolvidas por esta Sociedade, duran-

te o período de 01 de janeiro à 31 de dezembro de 1983, e exercício de 01 de janeiro à 31 de dezembro de 1982, bem como o Balanço Geral e as respectivas demonstrações referentes aos mesmos períodos.

Permanecendo à disposição de V. Sas., para quaisquer esclarecimentos necessários, agradece-

mos a confiança recebida, certos de termos cumprido com o nosso dever.

Natal, 16 de março de 1984.

**A DIRETORIA**

ATIVO	31.12.83	31.12.82
<b>CIRCULANTE</b>		
CAIXA E BANCOS	34.116.637,48	16.081.485,58
	34.116.637,48	16.081.485,58
DUPLICATAS À RECEBER	4.160.326.405,54	2.719.647.018,10
DUPLICATAS DESCONTADAS	(110.000.000,00)	(161.470.366,00)
PROVISÃO PARA DEVEDORES DUVIDOSOS	( 3.010.531,00)	( 644.493,45)
	4.047.315.874,54	2.557.532.158,65
ESTOQUES	2.758.952.739,16	1.985.672.396,99
DEMAIS CONTAS A RECEBER	460.054.360,42	238.635.087,77
DESPESAS DO EXERCÍCIO SEGUINTE	12.991.674,00	15.954.181,22
<b>TOTAL DO ATIVO CIRCULANTE</b>	<b>7.313.431.285,60</b>	<b>4.813.875.310,21</b>
<b>REALIZÁVEL A LONGO PRAZO</b>		
DEPÓSITOS INCENTIVOS FISCAIS	29.166.588,36	8.390.699,00
EMPRESTIMOS COMPULSÓRIO-ELETROBRAS	17.114.313,66	6.004.313,81
DEPÓSITOS E CAUÇÕES	—	5.000,00
<b>TOTAL DO REALIZÁVEL A LONGO PRAZO</b>	<b>46.280.902,02</b>	<b>14.400.012,81</b>
<b>PERMANENTE</b>		
<b>INVESTIMENTOS</b>		
INCENTIVOS FISCAIS	782.959,00	—
AÇÕES E QUOTAS DE OUTRAS EMPRESAS	5.372.635,00	252.608.824,87
<b>IMOBILIZADO</b>		
IMOBILIZAÇÕES TÉCNICAS	2.754.341.066,34	636.551.877,06
DEPRECIações ACUMULADAS	(616.978.054,00)	(200.496.270,72)
<b>TOTAL DO PERMANENTE</b>	<b>2.143.518.606,34</b>	<b>688.664.431,21</b>
<b>TOTAL DO ATIVO</b>	<b>9.503.230.793,96</b>	<b>5.516.939.754,23</b>

PASSIVO	31.12.83	31.12.82
<b>CIRCULANTE</b>		
FORNECEDORES	25.939.222,32	302.598.312,75
EMPRÉSTIMOS E FINANCIAMENTOS	797.080.838,25	586.914.849,93
IMPOSTOS E CONTRIB. PREVIDENCIÁRIAS	480.572.816,89	90.730.089,01
DEMAIS CONTAS A PAGAR	4.391.193.340,63	2.837.288.367,04
DIVIDENDOS A PAGAR	—	28.678.739,11
PROVISÃO P/FÉRIAS	60.663.005,80	8.845.132,76
PROVISÃO P/IMPOSTO DE RENDA	131.197.137,00	91.944.598,00
<b>TOTAL DO PASSIVO CIRCULANTE</b>	<b>5.886.646.360,89</b>	<b>3.947.000.088,60</b>
<b>PATRIMÔNIO LÍQUIDO</b>		
CAPITAL SOCIAL: NACIONAL	1.288.817.618,00	5.110.000,00
ESTRANGEIRO	—	505.890.000,00
<b>CAPITAL TOTAL</b>	<b>1.288.817.618,00</b>	<b>511.000.000,00</b>
RESERVAS DE CAPITAL	1.885.371.266,00	586.387.247,49
RESERVAS DE LUCRO	265.576.453,00	101.690.819,31
LUCROS ACUMULADOS	176.819.096,07	370.861.598,83
<b>TOTAL DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO</b>	<b>3.616.584.433,07</b>	<b>1.569.939.665,63</b>
<b>TOTAL DO PASSIVO</b>	<b>9.503.230.793,96</b>	<b>5.516.939.754,23</b>

WILLIAM BISLAND  
DIRETOR

JOHN ROYSTON SHEPHERD  
DIRETOR-ADJUNTO

SÉRGIO M. M. DE SOUZA  
CONTADOR  
CRC/RN-2670

**DEMONSTRAÇÃO DOS RESULTADOS PARA OS EXERCÍCIOS FINDOS EM 31.12.83 E 31.12.82**

	31.12.83	31.12.82
RECEITA OPERACIONAL BRUTA	9.534.148.202,20	3.644.485.764,82
(-) IMPOSTOS INCIDENTES S/VENDAS	1.350.125.674,17	389.455.027,78
RECEITA OPERACIONAL LÍQUIDA	8.184.022.528,03	3.255.030.737,04
(-) CUSTO DOS PRODUTOS VENDIDOS	4.393.817.072,80	1.889.257.917,74
<b>LUCRO BRUTO</b>	<b>3.790.205.455,23</b>	<b>1.365.772.819,30</b>
<b>DESPESAS OPERACIONAIS</b>		
ADMINISTRATIVAS	501.520.874,34	298.927.869,37

**DEMONSTRAÇÃO DAS ORIGENS E APLICAÇÕES DE RECURSOS PARA OS EXERCÍCIOS FINDOS EM 31 DE DEZEMBRO DE 1983 E 1982**

	31.12.83	31.12.82
<b>ORIGENS DE RECURSOS</b>		
LUCRO LÍQUIDO DO EXERCÍCIO	188.382.953,07	481.763.602,83
CORREÇÃO MONETÁRIA DO BALANÇO	1.143.654.755,20	294.092.201,62
DEPRECIações	78.687.512,83	18.578.828,00

FINANCEIRAS OUTRAS	2.326.291.325,03	225.271.367,60 59.397.432,74
TOTAL	2.913.280.390,82	685.740.681,26
<b>RECEITAS OPERACIONAIS</b>		
FINANCEIRAS	301.258.538,05	89.862.092,59
DIVIDENDOS	83.412.411,48	57.829.939,72
TOTAL	384.670.949,53	147.692.032,31
LUCRO OPERACIONAL	1.261.596.013,94	827.724.170,35
<b>RECEITAS (E DESPESAS) NÃO OPERACIONAIS</b>		
DESPESAS NÃO OPERACIONAIS	(1.992.540,26)	
RECEITAS NÃO OPERACIONAIS	203.631.371,59	40.076.232,10
(-) CORREÇÃO MONETÁRIA DO BALANÇO	(1.143.654.755,20)	(294.092.201,62)
TOTAL	(942.015.923,87)	(254.015.969,52)
LUCRO ANTES DO IMPOSTO DE RENDA	319.580.090,07	573.708.200,83
(-) PROVISÃO P/IMPOSTO DE RENDA	131.197.137,00	91.944.598,00
LUCRO LÍQUIDO DO EXERCÍCIO	188.382.953,07	481.763.602,83
LUCRO LÍQUIDO POR AÇÃO DO CAPITAL SOCIAL NO FIM DO EXERCÍCIO	0,077	0,943

VALOR LÍQUIDO CONTABIL DAS BASTAS DO IMOBILIZADO	1.924.085,81	(47.945.208,77)
DIVIDENDOS RECEBIDOS		57.829.939,72
REDUÇÃO INVESTIMENTOS	252.067.423,87	4.063.343,81
	1.664.726.730,58	809.380.708,13
<b>APLICAÇÕES DE RECURSOS</b>		
DIVIDENDOS PAGOS	233.838.319,00	104.582.922,00
AUMENTOS DE:		
REALIZÁVEL A LONGO PRAZO	31.880.889,21	8.404.712,95
INVESTIMENTOS	371.070,64	—
IMOBILIZADO	838.726.748,63	211.581.154,96
	1.104.817.027,48	324.568.789,91
ACRÉSCIMO DO CAPITAL CIRCULANTE LÍQUIDO	559.909.703,10	484.811.918,22
<b>DEMONSTRAÇÃO DO ACRÉSCIMO NO CAPITAL CIRCULANTE LÍQUIDO</b>		
<b>31 DE DEZEMBRO DE 1983</b>		
ATIVO CIRCULANTE	4.813.875.310,21	7.313.431.285,60
PASSIVO CIRCULANTE	3.947.000.088,60	5.886.646.360,89
CAPITAL CIRC. LÍQUIDO	866.875.221,61	1.426.784.924,71
<b>31 DE DEZEMBRO DE 1982</b>		
ATIVO CIRCULANTE	1.746.524.487,07	4.813.875.310,21
PASSIVO CIRCULANTE	1.364.461.183,68	3.947.000.088,60
CAPITAL CIRC. LÍQUIDO	382.063.303,39	866.875.221,61

**DEMONSTRAÇÃO DAS MUTAÇÕES DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO — EXERCÍCIO FINDO EM 31.12.82 E 31.12.83**

	CAPITAL	CORREÇÃO MONETÁRIA DO CAPITAL	RESERVA LEGAL	RESERVA P/AUMENTO DE CAPITAL	LUCROS ACUMULADOS	OUTROS	TOTAL
EM 31 DE DEZEMBRO DE 1981	248.620.000,00	237.604.928,57	39.240.764,23	24.769.953,00	104.582.922,00	5.367,82	654.823.935,62
AUMENTO DE CAPITAL	262.380.000,00	(237.604.928,57)	—	(24.769.953,00)	—	(5.118,43)	—
INCENTIVOS FISCAIS DECORRENTES DO IMPOSTO DE RENDA	—	—	—	86.815.106,00	—	—	86.815.106,00
CORREÇÃO MONETÁRIA	—	499.572.141,49	38.363.157,08	—	—	—	537.935.298,57
LUCRO LÍQUIDO DO EXERCÍCIO	—	—	—	—	370.861.349,44	—	370.861.349,44
TRANSFERÊNCIAS	—	—	—	—	249,39	(249,39)	—
DISTRIBUIÇÃO:	—	—	—	—	—	—	—
RESERVA LEGAL	—	—	24.086.898,00	—	—	—	24.086.898,00
DIVIDENDOS	—	—	—	—	(104.582.922,00)	—	(104.582.922,00)
EM 31 DE DEZEMBRO DE 1982	511.000.000,00	499.572.141,49	101.690.819,31	86.815.106,00	370.861.598,83	—	1.569.939.665,63
AUMENTO DE CAPITAL	689.000.000,00	(499.572.141,49)	—	(86.815.106,00)	(102.612.752,51)	—	—
INCENTIVOS FISCAIS DECORRENTES DO IMPOSTO DE RENDA	—	—	—	—	—	—	—
LUCRO NA INCORPORAÇÃO	—	—	—	—	—	—	—
CORREÇÃO MONETÁRIA	—	1.878.994.346,00	159.226.213,69	—	53.879.573,68	—	2.092.100.133,37
LUCRO LÍQUIDO DO EXERCÍCIO	—	—	—	—	188.382.953,07	—	188.382.953,07
DISTRIBUIÇÃO:	—	—	—	—	—	—	—
RESERVAS	—	—	4.659.420,00	6.376.920,00	(11.036.340,00)	—	—
DIVIDENDOS	—	—	—	—	(233.838.319,00)	—	(233.838.319,00)
AUMENTOS DE CAPITAL	88.817.618,00	—	—	—	(88.817.618,00)	—	—
EM 31 DE DEZEMBRO DE 1983	1.288.817.618,00	1.878.994.346,00	265.576.453,00	6.376.920,00	176.819.096,07	—	3.616.584.433,07

**NOTAS EXPLICATIVAS**

**Nota 1**

a) As Demonstrações Financeiras, referentes aos exercícios encerrados em 31.12.82 e 31.12.83, estão demonstradas de acordo com o estabelecido pela Lei das Sociedades por Ações — Lei 8.404 e Decreto-Lei 1.598 do Imposto de Renda; consequentemente, o reconhecimento dos efeitos inflacionários nas Demonstrações Financeiras através da Correção Monetária do Ativo Permanente e do Patrimônio Líquido, tendo como contrapartida a Conta de Resultado Líquido de Correção Monetária,

que somaram em 1982 Cr\$ 296.457.489,52 e em 1983 Cr\$ 1.143.854.755,20.

b) Estamos considerando como Ativo a Recabar e Curto Prazo e Passivo Circulante, os vencimentos até 380 (trezentos e sessenta) dias.

c) A provisão de contingentes para Devedores Duvidosos foi constituída respeitando-se o limite legal, e considerada suficiente para cobrir eventuais perdas.

d) Estoques: — Produtos Acabados avaliados ao custo médio de

produção, que não excede ao custo atual de reposição ou de mercado.

— Matérias-Primas — Materiais de Embalagem e Materiais de Consumo avaliados ao custo médio de aquisição, que não excede ao custo atual de reposição ou de mercado.

e) A conta de Investimentos está contabilizada pelo custo de aquisição e sofre correção monetária com base em valores de ORTNs, conforme determina a Lei 8.404 e D. L. 1.598.

f) Empréstimos Compulsórios Eletrobrás estão registrados ao custo histórico acrescido de correção mo-

netária calculada de acordo com os índices oficiais autorizados.

g) O saldo de Cr\$ 28.878.739,11 de Dividendos a pagar considerado no Passivo Circulante, refere-se a Dividendos a Distribuir remanescentes do Balanço de 1981 conforme A. G. O. de 03/04/1982, porém distribuídos no exercício de 1983.

h) Depreciação do Ativo Imobilizado é calculada pelo método Linear, sobre o valor de custo corrigido, às

seguintes taxas anuais:  
Edifícios 4%  
Veículos 20%  
Demais contas 10%

**Nota 2**

O Capital Social subscrito e Integrado da Companhia está representado por 1.288.817.818 (hum bilhão, duzentos e oitenta e oito milhões, oitocentos e dezasseis mil, seiscentos e dezoito) de ações ordinárias, nominativas e/ou ao portador com valor unitário de Cr\$ 1,00.



A Coart vem cumprindo seus objetivos

## ARTE

# Cooperativa também supera os entraves burocráticos

Enfrentar o cepticismo daqueles que preferem duvidar da sua potencialidade no trato da produção artística local, e também ultrapassar parte dos entraves burocráticos do Inbra, têm sido as principais tarefas da Cooperativa de Artista de Natal — Coart — nesses seus nove meses de existência. Agora mesmo, por exemplo, a Coart parte para uma das etapas finais de sua caminhada para se tornar, efetivamente, uma cooperativa registrada junto ao Inbra: mostrar, num novo estudo, a viabilidade econômica da empresa. Enquanto isso, a Cooperativa continua seu processo de associação, batalhando pelo reconhecimento da arte e do artista local. Nesse árduo processo de associação e produção artística, a Coart tem registrado mais pontos positivos do que negativos.

Apesar de considerar “esdrúxula a forma de atrelamento do sistema de Cooperativas”, por não entender que uma Cooperativa de trabalho da área urbana esteja atrelada ao Inbra, Francisco Alves da Costa Sobrinho, Presidente da Coart, acha que apesar de tudo, é válida a iniciativa dos artistas locais de se reunirem em torno de uma Cooperativa. Chama a atenção dos artistas, de modo geral, para que tomem consciência de que a

Cooperativa é uma necessidade profissional e participem mais efetivamente.

**COOPERATIVA DE ARTISTAS** — A Coart foi fundada em julho de 1983, e de lá para cá, vem funcionando em sua sede que ocupa duas salas do Centro Cultural, na Praça André de Albuquerque, Cidade Alta. As salas foram cedidas pela Fundação José Augusto, e numa delas funciona, de terça a sábado, a Loja do Artista. A Loja comercializa produtos artísticos dos seus associados e, in-



Uma iniciativa que marca

clusive, de artistas de alguns outros Estados. Entre os artigos, estão livros, discos, obras de artes plásticas e até roupas. Nessa produção artístico-cultural, inclua-se a promoção de eventos, como o Festival de Artes, e também a venda de serviços, como por exemplo, a produção de **lay-out** e desenhos, feitos por jovens e talentosos artistas plásticos de Natal, entre os quais J. Medeiros e Novenil.

Segundo Francisco Alves, que disse ter ouvido isso em conversa com um dos diretores do Inbra, a Coart é a única, e possivelmente a primeira Cooperativa de Artistas do Brasil em processo de registro no Inbra. Daí, sem maior referencial que sirva de modelo à iniciativa, há uma certa dificuldade entre ambas as partes interessadas no trato da questão. O Inbra alegou por exemplo, que a Cooperativa tem uma diversidade muito grande de atribuições e de composição. Além do mais, solicitou um outro estudo de viabilidade econômica. “Agora, de acordo com orientação do Inbra, a Loja do Artista vai comercializar a produção dos associados e a Cooperativa oferecerá insumos para o trabalho desses artistas”, explicou.

**VALEU?** — Quem também acham válida a iniciativa de se partir para formar uma Cooperativa são os gerentes da Loja do Artista, poeta João da Rua, estudante de Letras da UFRN, e uma associada, a assistente social Rose Marie, também da diretoria da Cooperativa. João considera “super muito válida”, porque a Cooperativa está reunindo os artistas e tocando pra frente sua produção, fazendo-a escoar através de uma loja e valorizando o artista local, produzindo-se shows, promovendo-se lançamentos de livros, exposições de artes plásticas. E até, o que será feito em breve, uma devida promoção do filme longametragem «Boi de Prata», feito no Rio Grande do Norte pelo cineasta Augusto Ribeiro Júnior, também associado da Coart. Já Rose Marie acha válida, mas leva em consideração as dificuldades iniciais para a Cooperativa se autogerir. Dificuldades que ela acredita vêm sendo superadas a partir de um melhor reconhecimento da cidade para a produção artística local. Fator preponderante para uma alentadora motivação para quem produz arte.

Questionado sobre os resultados, Francisco Alves fez um resumo retrospectivo da atuação da Coart nesses nove meses. De início, foram to-

madras providências de ordem burocrática, como a elaboração do estatuto, regimento interno e um primeiro estudo de viabilidade econômica. Além disso, desde os primeiros momentos de sua criação, a Cooperativa montou a Loja do Artista; e concomitantemente elaborou e executou o projeto do V Festival de Artes, realizado no Forte dos Reis Magos, durante o período de 14 a 18 de dezembro último. "Um marco importante na movimentação cultural da cidade, com artistas locais e de outros Estados", comenta Alves. Acrescenta ainda que, mobilizando recursos, a Cooperativa já conseguiu esboçar um patrimônio, formado por birô, mesa, cadeiras, prateleira, balcões, expositores, obras artísticas. Francisco Alves adianta ainda que os artistas estão elaborando o projeto do VI Festival de Artes, que poderá ser feito no Forte, no Teatro Alberto Maranhão, e em outros espaços disponíveis, para se evitar alguns deslizes ocorridos no Festival do ano passado. O Festival, diz Francisco Alves, já conta com apoio de alguns órgãos culturais do Governo Estadual, e da Embaixada do Canadá. "Entraremos em contato com a Funarte, Inacem e empresas privadas, e também com instituições públicas e particulares locais para apoio ao Festival". Além desse, a Coart promoveu outros entreteni-

mentos, entre os quais Alves destaca a importância da criação da Banda dos Artistas ("que saiu às ruas, pela primeira vez, no Carnaval deste ano", conta eufórico Alves) e a promoção do Passeio Poético, em comemoração ao Dia do Poeta, em 14 de março.

"A Coart é hoje uma forte presença cultural", salienta Francisco. Conta com cerca de 60 artistas associados, com uma participação individual do sócio estipulada em uma cota no valor de 10 ORTN's que podem ser integralizadas em até 12 meses. "A renda conseguida está sendo investida na própria Cooperativa, sobretudo na Loja do Artista, adquirindo-se bens, imóveis e mercadorias". Francisco, entretanto, lembra que a maior parte dos associados é formada por artistas jovens — que, contudo, no seu entender, "são os que arregaçam as mangas para trabalhar" — mas, por outro lado, ele se queixa que a Cooperativa se ressentida da falta, entre seu quadro de sócios, de mais artistas locais que desfrutem de maior renome junto à sociedade. Entende Francisco, que entre esses, "estão os medalhões e/ou acomodados que estão em cima do muro esperando que a iniciativa dê certo, para se associar. Ou então, esperando o contrário, para criticar" □

## TEATRO

# Teatrinho de Jesiel vai conseguindo se afirmar

Apesar da profunda crise econômica que atravessa o País e do flagrante descaso com que é tratada a arte e a cultura de uma maneira geral, o Teatro Jesiel Figueiredo, um ano e seis meses após sua inauguração, continua de pé e muitas vezes «roubando a cena» do imponente e tradicional Teatro Alberto Maranhão. Grupos de espetáculos que normalmente se apresentavam no TAM, hoje estão preferindo o Jesiel, talvez pelo menor preço da pauta e inexistência de taxas, ou talvez porque o Teatrinho esteja conseguindo um maior número de público.

Segundo Jesiel Figueiredo, ator e proprietário do Teatro em questão, espetáculos seus que normalmente eram levados à cena no Alberto Maranhão, hoje têm uma frequência

bem maior e isso deve-se à localização do Teatro, num lugar central (Alecrim, antigo Cinema Olde), por

onde passa a maioria da população da cidade. Além do que, hoje a cidade está crescendo no sentido do Alecrim e da zona sul, disse ele, lembrando palavras do teatrólogo Meira Pires, ex-Diretor do TAM (já falecido), que acreditava na transformação do TAM em museu, no sentido figurado da palavra.

**HISTÓRIA** — O Teatro Jesiel Figueiredo, embora recente, tem muita história para ser contada, mas a que empolga mais Jesiel é a história da própria criação do Teatro, que ele diz ser de responsabilidade de toda população de Natal, um presente dado pelos anos a que se dedicou ao Teatro no Rio Grande do Norte. O prédio do antigo Cinema Olde, conta ele, ia ser demolido para se transformar numa loja revendedora de automóveis, mas o Capelão da Ordem Sagrada Família — proprietária do imóvel — achou melhor dar um ultimatum a Jesiel, fazendo-o assinar um contrato de dois anos, para transformar o cinema em teatro.

Quase sem dinheiro no bolso, Jesiel foi incentivado por amigos e decidiu fazer do ex-Olde o Teatro Jesiel Figueiredo. Os atores de seu grupo foram para a rua fazer pedágios, se vestiram de palhaço e usaram de muita artimanha; Jesiel fez contatos no comércio, na Secretaria de Educação (do Estado e do Município) e no dia da inauguração, haviam sido aplicados Cr\$ 4 milhões. O Olde só tinha as cadeiras, um palco velho e muito lixo, que deu para encher um caminhão, contou Jesiel. Com Luís Eduardo Carneiro, na época Secretário de Educação do Estado, ele conseguiu o quadro de luz, orçado em Cr\$ 700 mil, na Educação do Município, as cortinas e no comércio, tábuas, tintas e pregos.



Jesiel vem superando obstáculos

Hoje o Teatro funciona com camarim, o palco foi ampliado, instalações elétricas e hidráulicas funcionam a contento. Jesiel aproveita e faz um apelo ao Governo, para que seja possível fazer reformas no teto, melhorias no palco e aquisição de mais ventiladores — “não quero nada doado. Quero trocar ingresso por ajuda financeira. Quero que eles comprem nosso trabalho, para que possamos manter o Teatro melhor”.

Renegando qualquer paternalismo por parte dos órgãos culturais do Governo — frisando sempre que quer uma troca — Jesiel Figueiredo conta que o Teatro funciona hoje com escala de serviço. Não há funcionários remunerados, são os próprios atores de seu grupo que se revezam nos serviços, de bilheteria à limpeza, “desde jardinagem, até interpretação de papéis”.

Jesiel frisa também a ajuda do Inacen (Instituto Nacional de Artes Cênicas), que deu uma mesa de luz — uma grande força para o Teatro. Depois de inaugurado Jesiel ficou temendo que o público não acompanhasse mais seus espetáculos, “que o societe não nos acompanhasse”, mas este continuou prestigian-do. Além disso, o público jovem ficou sensibilizado com a casa, pela sua simplicidade, pelo despojamento. “Aqui eles podem entrar fumando, porque não tem tapete prá queimar”, brincou Jesiel.

No momento, o Jesiel mantém um convênio com a SMEC — retribuído com entradas para alunos da rede municipal de ensino — e com o SESI. O Jesiel Figueiredo continua sendo uma casa “velha, com todos os problemas de casa velha, mas tem algumas pequenas coisas que a gente tem de estar sempre olhando”.

**MAIS ESPAÇO** — Para os artistas de uma maneira geral, o Jesiel Figueiredo significa mais um espaço, para o Teatro do Estado, segundo Jesiel, tem representado a possibilidade de uma temporada permanente. O Teatro ficará agora aberto de quinta a domingo. Um dos grandes momentos do Teatro tem sido o espetáculo de revista «Cabaret», que levou ao Teatro um público não acostumado ao Teatro. Cabaret, até pouco tempo, era apresentado por Zezo, Nildo e Villa (Villailson), mas com a recente morte de Nildo, o novo espetáculo que tinha estréia marcada para o final de março, ficou somente sob a responsabilidade de Zezo e Villa — des-

falcado, portanto, de um dos melhores atores transformistas do Estado e talvez do Brasil.

Com esse novo espaço teatral, continua Jesiel, até o teatro infantil subiu de qualidade, “porque agora existe espaço durante o tempo suficiente para os ensaios e elaboração do espetáculo. “O Teatro é a própria oficina”.

Apesar das dificuldades, diz, “não tenho solicitado o apoio contínuo dos órgãos oficiais, pois enquanto estiver dando para sustentar com a bilhete-

ria, não precisamos de apoio”. O apelo que ele faz ao Governo diz respeito às despesas extras com o teto estragado ou a necessidade de ampliação do palco, como já foi dito.

Jesiel faz um outro apelo ao público natalense, para que deixe de se influenciar por rótulos e pela Televisão Globo. “Estamos fazendo teatro e eles devem ver se é bom ou mal, independente se é teatro de Natal ou do Rio de Janeiro. É teatro. O nosso trabalho não tem rótulos e é bom que comparem com os enlatados” □



Jussier: atrair indústrias

## CONJUNTURA

# Atrair investimentos é ainda uma das soluções

Para um Estado pobre como o Rio Grande do Norte, cujos segmentos da economia — agricultura, indústria e comércio foram abalados pela crise econômica e também pela seca — parece ser uma solução natural procurar atrair, desde já, investimentos para áreas cujas potencialidades não foram atingidas nem pela seca nem pela crise.

Atrair esses investimentos é uma tarefa que a Secretaria de Indústria e Comércio vem cumprindo, segundo depoimento do titular da pasta, Jussier Santos à **RN/ECONÔMICO**: “Estamos cuidando disso, na medida em que procuramos localizar as áreas e setores capazes de atrair investimentos, além de termos implantado linhas de apoio aos empreendimentos e de submetermos os perfis desses projetos à apreciação

dos potenciais investidores, para que a iniciativa privada possa cumprir seu papel na nossa economia”.

Jussier acrescentou ainda que a Secretaria de Indústria e Comércio desenvolveu durante 1983 um trabalho para dotar o RN de uma nova legislação de incentivos financeiros, o Proadi (Programa de Apoio ao Desenvolvimento Industrial). O Proadi poderá ser implementado ainda este semestre, após ser enviado para a Assembleia Legislativa no decorrer deste mês. “Diante de uma conjuntura nacional, que é na realidade uma recessão, os investimentos têm se dirigido para o mercado financeiro, com elevadas taxas de juros, e não para os meios de produção”, critica Jussier, que acrescenta: “Acreditamos, entretanto, que essa situação conjuntural não pode persistir”.

**ECONOMIA** — Analisando a crise econômica, Jussier frisa ainda que, isoladamente o Estado não pode superá-la. "A retomada do crescimento econômico será iniciada através de medidas adotadas pelo Governo Federal", conclui ele. Superadas essas adversidades econômicas, é o que se conclui, o Governo do Estado já deverá estar preparado. A implantação do Distrito Industrial de Natal, em Extremoz, negociações no setor mineral, em Currais Novos; de cerâmica, em Macaíba; de sulfato, em Macau, além do Proadi, são setores que procuram atrair mais investimentos industriais para o Estado.

Na implantação do Distrito Industrial de Natal, em Extremoz, a despeito desses anos de crise e seca, conseguiu levar adiante as obras de infra-estrutura. Inclusive com a construção de indústrias médias e grandes, como a Cisaf (fábrica de beneficiamento de castanhas de caju), Cervejaria Cerma (primeira fábrica de cerveja do Estado), e uma unidade de

tinturaria da Guararapes Têxtil. "As altas taxas de juros inviabiliza a implantação de micro-empresas", criticou também Jussier.

Na área de mineração, de acordo com Jussier, um dos setores que não estão sendo atingidos pela conjuntura nacional, nem pela seca, o Secretário afirma que "estamos concentrando contatos e negociações". Um dos exemplos citados por ele é o de industrialização do tungstênio, em Currais Novos, no qual ele ressalta o consórcio formado pelo grupo Tenenge, Mineração Tomaz Salustino e Governo do Estado. No Pólo Cerâmico, ele cita a fábrica de cerâmica Beatriz, de São Paulo, que já parte para trazer mais três indústrias para o Estado. Um outro setor que está a atrair investimentos, é o denominado «Projeto Sulfato», que culminará, a partir deste semestre, com a implantação do Complexo Químico-Metalúrgico, em Macau, com participação do Uniparc, Governo do Estado e salinheiros. □

to de 130 por cento, muito acima dos reajustes salariais daquele ano, uma onda de protestos ganhou corpo em todo o País, assumindo aqui em Natal e no interior do Estado, características de manifestações públicas, capitalizando insatisfações coletivas que foram aproveitadas pelos partidos de oposição. Desse novo momento, explica Ranulfo, resultou um fato da maior importância: teve início um processo de conscientização política junto à comunidade dos adquirentes da casa própria do BNH, aqui no RN. Até então, lembra, o mutuário, quando insatisfeito ou revoltado com o aumento da prestação do seu imóvel, se limitava a agir por conta própria, sempre em caráter individual, mediante um mandado de segurança contra o órgão financeiro. A maioria, porém, recorria mesmo aos sacrifícios nas despesas domésticas, e "apartava o cinto", aceitando tudo como uma fatalidade que seria compensada, no futuro, com a aquisição definitiva da sonhada casa própria.

## COMUNIDADES (II)

# Aumento da prestação é mais uma etapa de luta

Dizendo-se o primeiro no Rio Grande do Norte a ter alertado contra os aumentos escorchantes das prestações da casa própria, Ranulfo Alves de Melo, Presidente da Associação de Moradores de Ponta Negra, entidade que dirige há cinco anos, vem acompanhando com especial atenção, na imprensa local e sulista, todo o noticiário referente à política do Banco Nacional de Habitação — BNH. Em 1981, com o reajuste de 72,84 por cento, observa, a situação do mutuário já era difícil, haja vista que esse reajuste superou alguns níveis salariais da época. Isso inclusive nos levou a protestar junto à Justiça Federal. Após dez audiências, no entanto, "como nada ficou decidido, apelamos ao Supremo, do qual estamos aguardando a decisão para quatro questões individuais".

Em 1982, prossegue, o nível de reajuste daqueles imóveis alcançou 89 por cento, acima portanto dos reajustes salariais de muitos mutuários. Mas nada foi feito na época, por uma razão muito forte: era um ano eleitoral, e as promessas dos candidatos

dissuadiram ou tornaram inoportunas qualquer medida legal contra os índices dos aumentos.

**SUFOCO** — Mas foi o ano de 1983, de acordo com Ranulfo Alves de Melo, que marcou a data-limite do sufoco dos usuários do Sistema Financeiro Habitacional, órgão coordenador da política do BNH. Com um aumen-



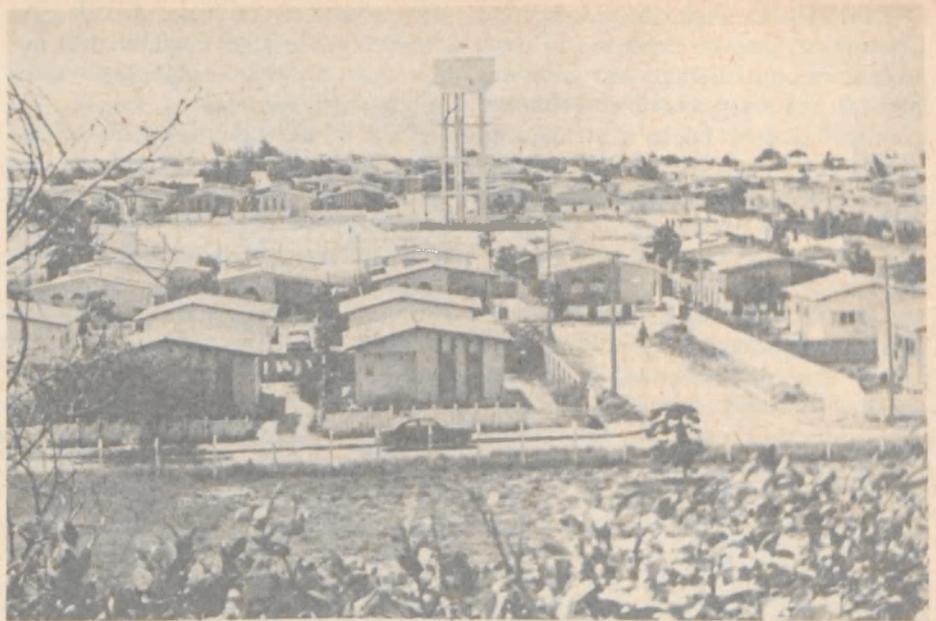
Ranulfo: na luta

**AÇÃO COLETIVA** — Consequente à conscientização política, o mutuário do BNH no Rio Grande do Norte: prossegue o Presidente da Associação de Moradores de Ponta Negra, está sendo orientado por nós no sentido de ir à Justiça de forma coletiva. Esta medida, explica, é muito mais segura, pois funciona como um fator de pressão social, que está sendo amplamente utilizada em todo o País. Para ele, a perspectiva de um aumento entre 180 e 220 por cento nas prestações da casa própria em julho próximo — mês em que vence o contrato anterior da maioria dos conjuntos habitacionais de Natal e do interior — é simplesmente inaceitável, embora seja o índice esperado, se obedecida à risca a atual política do BNH. Lembra que as novas opções propostas pelo Banco aos mutuários, não passam de uma farsa que nada resolvem, em termos concretos.

Para Ranulfo, a política do BNH encontra-se numa encruzilhada. De um lado, diz, assistimos há mais de ano, a total desativação das obras daquele órgão, fruto das retiradas do FGTS, acompanhadas das quedas nos depósitos de poupança, dois fatores muito importantes para a realimentação do Sistema Financeiro Habitacional. Isso, explica, é o resultado de uma política recessiva, que aumenta os índices de desemprego no País, aumentando, por outro lado, de forma exorbitante, as prestações da

casa própria, o que está obrigando muitos mutuários em todo o País, inclusive aqui em Natal, a tomarem soluções drásticas. Ou abandonar o imóvel, o que nós desaconselhamos, ou, o que é mais lógico, a sustarem o pagamento da prestação até que se encontre uma solução compatível com suas condições salariais. Ainda assim, observa Ranulfo Alves que não crê em desistências, pois, segundo ele, todos desejam honrar seus compromissos, mas "ninguém pode comprometer todo o orçamento familiar para pagar o BNH". Aconselha ainda que os mutuários de cada conjunto procurem suas Associações de Bairros ou seus Conselhos Comunitários para receberem orientação jurídica sobre a melhor forma de agir diante dos novos índices de aumento previstos para julho, pois, lembra, em cada bairro há pelo menos dois ou três advogados ou juízes que também são mutuários, e podem propor formas comuns de solução para o problema, que é de todos.

**NOVA SUNAB** — A continuar tudo como está, adverte Ranulfo Alves, não acredito no futuro do BNH; ele se transformará em breve numa nova



**Ponta Negra: palco de luta**

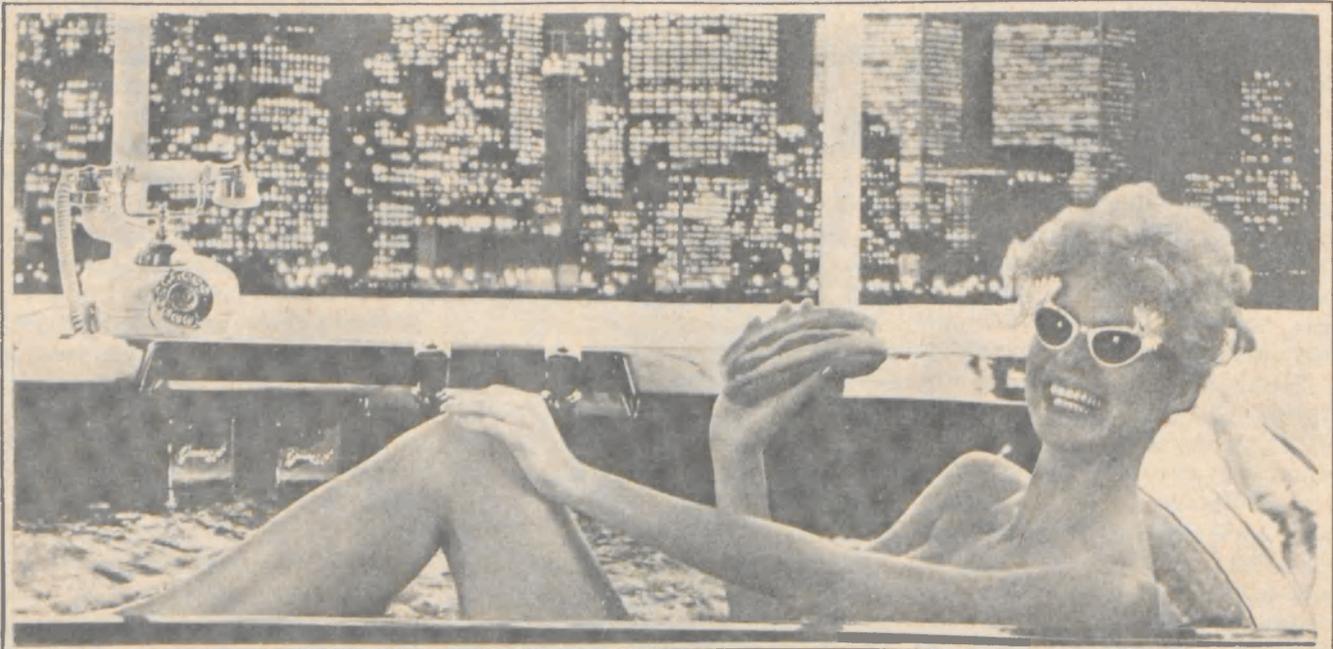
Sunab, isto é, num órgão sem utilidade ou função definida. A única saída que lhe resta, diz, é reformular por inteiro sua atual política habitacional, cujo passo inicial deve ser a volta da Lei 4.380, que prevê que o mutuário não pode comprometer mais de 30 por cento do orçamento familiar com a prestação da casa própria. Assinala

ainda que o BNH precisa ir urgentemente ao encontro da sociedade brasileira e discutir, junto a esta, uma política habitacional que seja compatível com a realidade do povo e buscar aí a solução para o impasse em que está mergulhado, pois o mutuário, enfatiza, nas condições presentes já está em falência. □

**CODIF TEM**

Um Departamento Especializado em: piscinas, equipamentos e acessórios, sistemas de iluminação e som subaquático,

produtos químicos p/tratamento d'água, banheiras com sistema de hidroterapia, bombas hidráulicas e sistema de pressão.



Com pessoal tecnicamente capacitado para orientar, dimensionar e construir sua piscina, obedecendo aos mais modernos padrões de qualidade e aos mais atualizados critérios técnicos para seu maior conforto e segurança.



Companhia Distribuidora de Ferragens

Rua Dr. Barata, 190/192 — Ribeira  
Fone: 222-3571 — Natal-RN



# ESSA TERRA VOLTARÁ A SER VERDE.

O primeiro ano do Governo José Agripino foi o quinto ano da seca que atinge todo o Nordeste. E 99% do território do Rio Grande do Norte são atingidos pelo flagelo. A primeira ação da nova administração foi atender às populações flageladas garantindo a sua sobrevivência.

E para garantir essa sobrevivência não se limitou a administrar o Programa da Emergência. Procurou aperfeiçoá-lo. Humanizou-o tentando adequá-lo às vocações da gente e da terra. Por isso criou o Projeto Garimpo que, utilizando dentro do próprio Programa, a mão-de-obra de garimpeiros, fortaleceu e estimulou uma atividade própria da região. Criou o Programa de Creches para resguardar, alimentar e educar os filhos dos alistados nas Frentes de Trabalho. Inspirou o Programa da Cesta Alimentar que, iniciado no Rio Grande do Norte, expandiu-se depois para todos os Estados do Nordeste.

Mas, enquanto cuidava da sobrevivência emergencial do seu povo, traçava as linhas mestras de um futuro que haverá de resguardar este mesmo povo de futuras emergências.

Criou o Projeto Terra Verde, fundado no trinômio terra-água-crédito. Legalizando propriedades, transformando latifúndios ociosos em pequenas unidades produtivas. Batendo record de perfuração de poços (três poços por dia, em média, nos últimos quatro meses). Construindo barragens. Perenizando rios. Abrindo estradas. Levando energia ao campo. Democratizando o crédito. Tudo isso no sentido de fazer a irrigação acessível ao pequeno produtor.

Isto é o Projeto Terra Verde: irrigação ao alcance de todos. A carta de seguro para a agricultura na região do semi-árido. Instrumento para o sertanejo continuar no campo, tirando da terra o seu sustento.

Com os pés no chão, sem milagres, mas com determinação, vamos restaurar o verde onde hoje é só desolação.

**GOVERNO  
JOSE AGRIPINO**  
PELA VONTADE DO POVO.



## Alguns poucos dias que abalaram a política do RN

A primeira quinzena de abril foi muito movimentada politicamente em Natal. Só que as atividades foram voltadas para o nível presidencial, ou nacional. No curto espaço de quatro dias — de quatro a sete — a cidade viu as andanças do sóbrio e compenetrado vice-Presidente Aureliano Chaves, do entusiasmado Ministro do Interior, Mário Andreazza — ambos tentando convencer os convencionais do Estado a apoiá-los na disputa pela Presidência da República no Colégio Eleitoral — e, por fim, viveu o entusiasmo do comício pelas eleições diretas, quando teve oportunidade de conviver com vários líderes da Oposição de expressão nacional. Foi um desfile de políticos para todos os gostos. Dos candidatos a candidato à eleição para Presidente da República, a disputa foi longe das vistas do público e algo tumultuada pela proximidade das duas visitas — uma no dia quatro e outra no dia cinco. Aureliano, que da vez anterior impressionara muito os empresários, dessa vez não repetiu a sua performance. Segundo **RN/ECONÔMICO** pôde apurar, o empresariado ficou um pouquinho desencantado com as respostas que ouviu, não achando nenhuma delas originais ou criativas. Um empresário chegou a confidenciar que o vice-Presidente parecia ter decorado uma meia dúzia de palavras, respondendo as perguntas sempre do mesmo jeito e mostrando-se, sobretudo, muito econômico quanto a planos ou sados em relação ao Nordeste.

**ANDREAZZA, EXPANSIVO** — O Ministro Mário Andreazza chegou numa situação bastante delicada. Como já é sabido, ele tem o apoio ostensivo do Governador José Agripino. Mas o ex-Governador e Presidente da Executiva Regional do PDS, Tarcísio Maia, não tem escondido sua posição favorável a Aureliano Chaves. Isso tem criado uma situação peculiar. Tão peculiar que certos assessores de Agripino, que são andreazzistas, não perdem a oportunidade de lançar farpas contra Tarcísio. E como há, de quebra, uma disputa entre o grupo de Tarcísio e outros por um canal de televisão, essas farpas se tornam, as vezes, pequenos torpedos de regulai-

impacto. Dentro dessa situação, os observadores notam que Andreazza teve o cuidado de fazer uma cordial visita ao Diário de Natal, mesmo com a sua agenda bastante apertada em Natal. Já a agenda de Aureliano foi bastante reduzida para que sua estada em Natal não coincidissem com a chegada do seu rival. Aureliano, se não teve a acolhida festiva de Andreazza, viu algumas faixas com saudações de estudantes. E sua assessoria lamentou não ter podido realizar o encontro com os estudantes e trabalhadores. Da sua parte, o Ministro Andreazza nem sempre ouviu palavras agradáveis durante o seu contato com lideranças trabalhistas. No encontro com a Federação dos Trabalhadores na Indústria ouviu queixas bem amargas do seu Presidente, Pedro Ricardo, sobre a política do Banco Nacional de Habitação e o seu duro critério de aumento de prestações da casa própria.

Os presidenciáveis não conseguiram, segundo opinião geral, repetir a performance da visita do outro presidenciável, Deputado Paulo Maluf. No máximo, pode-se dizer que os seus contatos foram formais. Em termos de apoio, a situação de cada um permanece sem definição, como sem definição permanece a posição, dos votos do Rio Grande do Norte no Colégio Eleitoral. Isso, se houver Colégio Eleitoral.

**PELAS DIRETAS** — Porque, pelo comício pró-diretas realizado na Praça Gentil Ferreira, não haverá Colégio Eleitoral, nem eleições indiretas para a escolha do Presidente da República que vai suceder João Figueiredo. O Instituto Varela Barca, que é o braço ideológico do PMDB potiguar, esmerou-se na preparação do comício, conseguiu atrair para Natal as mais expressivas lideranças nacionais da Oposição — com exceção apenas dos Governadores Franco Montoro, de São Paulo e Leonel Brizola, do Rio de Janeiro e do Presidente do PT, Luiz Inácio da Silva. Mas a falta dos três foi plenamente explicada: Brizola estava entregue aos preparativos do grande comício do Rio, Franco Montoro também tomava provi-

dências semelhantes e Lula participava, no mesmo dia, da pré-convenção do seu partido em São Paulo, e tendo, antes, o cuidado de enviar uma comu-

# Uma 5 bill

O ano novo chegou com uma boa notícia para a Poupança Bandern: foram alcançados 5 bilhões de cruzeiros em depósitos.

Este número torna-se ainda mais significativo porque a Poupança Bandern tem apenas 3 anos de atividades.

Durante esse tempo, ela foi a Cadermeta de Poupança que mais se desenvolveu no Rio Grande do Norte. Graças à confiança das pessoas como você, que gosta de ver o seu dinheiro se multiplicar dia e noite.

**CADERMETA  
DE POUANÇA  
BANDERN**



0,41  
0,63  
08.7.26

niciação aos promotores do comício.

O número de pessoas que compareceu ao comício da Praça Gentil Ferreira é indefinido. A contagem de-

pende do ponto de vista — e da posição política — de cada um. De certo, nunca menos de 30 mil pessoas. Um engenheiro especialista em cálculos

de multidão acha que podia haver 60 mil. Os mais ponderados fazem uma estimativa de 40 a 50 mil, um bom número, de qualquer forma. □

# virada de ões.

ados  
na maior tranquilidade. Sem sair das fronteiras da terra natal.

Na comemoração desses primeiros 5 bilhões em depósitos, o Rio Grande do Norte está de parabéns. E vai continuar poupando e multiplicando na Poupança Bandern.

ta  
o  
a de

Com. Varej. de Pneus

L. Cirino e Cia. L108.

40

53

Dumbo

# O Inamps inicia em Natal política de atendimento

Com base na estimativa de que 1 por cento da população natalense — algo em torno de 5 mil pessoas — é portadora de Diabetes — doença crônica caracterizada por uma disfunção do pâncreas — e em vista do aumento progressivo dessa doença em nosso meio urbano, aumentaram nos últimos anos as preocupações da Previdência Social com esse problema haja vista que a assistência médica restrita ao âmbito ambulatorial já não estava atendendo à demanda da clientela.

Para contornar esse hiato, foi constituído há dois anos atrás, junto à Secretaria Regional de Medicina Social do Inamps-RN, o Programa de Assistência ao Diabético — PAD, que vem funcionando presentemente no edifício-sede da Avenida Deodoro, 1.º andar, das 7 às 18 horas, cuja rotina de trabalho extrapola em muito os limites da assistência ambulatorial, mesmo porque presta um serviço de equipe.

**CONSTITUIÇÃO** — O PAD é um programa que desfruta do status de «especial», fugindo assim às naturais limitações impostas aos serviços ambulatoriais do Inamps. É constituído por uma equipe de profissionais da área de saúde, que inclui médicos (endocrinologistas e nutrólogos), enfermeiros e assistentes sociais. Aos médicos endocrinologistas cabe diagnosticar e encaminhar o paciente ao serviço burocrático para inscrição no Programa; participar da elaboração do prontuário do paciente e prescrever a terapia. Aos nutrólogos compete elaborar a dieta padrão para o diabético; divulgar a dieta junto ao endocrinologista; distribuir folhetos de dieta aos pacientes, bem como revisar periodicamente os resultados obtidos.

As principais atribuições da Enfermagem dizem respeito à demonstração da técnica de aplicação de insulina (principal medicação utilizada nas crises) e seus locais ideais; exames da glicosúria (taxa de glicose) e orientar o paciente quanto aos cuidados de higiene indispensáveis. A Área de

Serviço Social trata do cadastramento dos pacientes e orientação à sua família sobre os cuidados que devem observar junto ao doente.

**ADMISSÃO** — O Programa de Assistência ao Diabético é destinado a toda a clientela previdenciária, bastando que o paciente se dirija a um dos ambulatórios médicos do Inamps para ser encaminhado pelo especialista. O tratamento é totalmente gratuito, inclusive a medicação, que é distribuída pela CEME — Central de Medicamentos. A esse respeito, lembra Jeanette Maria Matos, Coordenadora dos Programas Especiais de

Saúde do Inamps, que nestes quase três anos de funcionamento do PAD, nunca faltou a medicação necessária à clientela. De acordo com Jeanette, o Programa de Diabetes vem atingindo suas principais metas, dentre as quais destaca a melhoria sensível do controle da doença e a redução das internações hospitalares, o que contribui evidentemente para redução das despesas com serviços médicos do Inamps. Lembra também que sendo a diabetes uma doença controlável, embora incurável ainda hoje, é possível a um paciente diabético conviver perfeitamente com sua doença, se receber a devida assistência, como a que vem sendo prestada pelo PAD.

Quanto à previsão inicial de atendimento, reconhece que há uma defasagem bastante saliente, haja vista que a estimativa era de atingir em torno de 5 mil pessoas, e o Programa só registra em seus cadastros pouco mais de 800 inscritos, o que corresponde a 15 por cento do previs-



Esquema importante

to. Isso ela atribui em parte à falta de conscientização de alguns profissionais médicos, que deixam de encaminhar o paciente diabético ao Programa, mesmo sabendo de sua existência, por negligência ou motivos outros. A falta de divulgação do PAD junto à comunidade é vista, também, pela Coordenadora dos Programas Especiais do Inamps, como outra das causas para explicar a baixa afluência de pacientes ao Programa de Diabetes. Acredita porém, que com mais algum tempo esses problemas serão superados, observando que o objetivo geral do Programa, que é fornecer cuidados gerais ao diabético, atuando

Tratamento médico

prioritariamente sobre os aspectos saúde e psico-social que interferem no controle do diabetes, este vem sendo atingido satisfatoriamente.

**HIPERTENSÃO** — Mas Jeanette destaca que o diabetes é uma doença que afeta em vasta medida os demais órgãos humanos, inclusive a visão, os rins e o coração, e não é raro que um diabético apresente problemas de hipertensão, que podem com-

prometer todo um trabalho de equipe. Para contornar esse problema, ela anuncia para breve a implantação de um outro programa especial do Inamps — Programa de Assistência ao Hipertenso — que deverá preencher essa lacuna vivenciada hoje pelos técnicos do PAD, e que se destinará também a toda a clientela previdenciária do Estado, para dar conta desse outro grave problema de saúde da atualidade, que é a hipertensão. □

## POLÍTICA SOCIAL

# Governo mantém intenção de acionar a Secretaria

Desenvolver a política de ação comunitária do Governo. Em resumo é essa a finalidade precípua da Secretaria Para Assuntos do Governo, segundo declaração da titular da pasta, a Assistente Social Lourdinha Guerra, que completou em março um ano na chefia do órgão. O trabalho de ação comunitária desenvolvido pela Secretaria foi considerado válido pelo Governador José Agripino, cujo passo seguinte seria enviar à Assembléia Legislativa, no decorrer deste mês, o projeto criando, ou melhor legitimando a Secretaria de Estado. Segundo Lourdinha, o órgão público conservará a atual denominação: Secretaria Para Assuntos de Governo. Ela explicou ainda que antes da posse do Governador José Agripino, há um ano, a Secretaria Para Assuntos do Governo funcionava mais como um instrumento de assessoria política ao Executivo estadual. "Antes havia o cargo de secretário, agora parte-se para criar

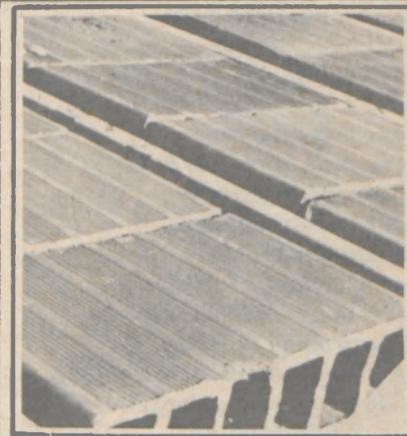
uma Secretaria de fato, que será responsável pela política de mobilização e organização comunitária", comenta Lourdinha.

Convidada a assumir o cargo, Lourdinha Guerra iniciou o programa de desenvolver a política de ação comunitária do Governo, junto a comunidades no interior do Estado. Para a Assistente Social, que em seu currículo como educadora já contava com uma experiência de trabalho por mais de dez anos, de 1973 a 1983, frente ao Mobral desenvolvendo proposta educativa junto às populações carentes — a nova proposta de ação comunitária era inerente a um trabalho educativo. O relativo sucesso da experiência, no que resultou na implantação de sete Conselhos Comunitários no interior, só podia ser considerado válido. Afinal, aquele trabalho vinha dar um desdobramento da política de participação comunitária realizada por José Agripino quando Pre-



**O social: setor delicado**

## UMA QUESTÃO DE SEGURANÇA



*Usar laje, seja de piso ou forro, hoje, é quase uma obrigação de quem constrói. A laje é uma questão de segurança, estética e beleza. E, se utilizadas nervuras e blocos, formando a conhecida Laje Volterrana, aí, o construtor terá mais economia de tempo e dinheiro, mais simplicidade na instalação, menos peso e uma qualidade sem igual. A Laje Volterrana, pela sua praticidade, tornou-se um produto nacionalmente conhecido. No Rio Grande do Norte é fabricada pela Saci-Material de Construção Ltda. Todo calculista criterioso determina Laje Volterrana para sua obra. Os investidores da construção civil também fazem isto. A Saci, detendo exclusividade no fabrico e comercialização do produto, ensina tudo sobre Lajes Volterrana. E ainda vende pré-moldados de cimento para pronta entrega.*



## UM PRESENTE DE 15 ANOS

*A sua revista  
está fazendo 15 anos.  
Venha participar  
desta festa  
que é nossa,  
que fala da gente,  
que conta as coisas boas  
da terra da gente —  
documenta, registra,  
enaltece e critica  
com isenção e seriedade,  
tem um grande público,  
muito bom conceito  
e, sobretudo, merece confiança.  
São 15 anos de jornalismo  
especializado feito  
com a prata da casa,  
revelando valores novos,  
consagrando nomes da terra,  
enfim, servindo a cultura  
e estimulando o desenvolvimento  
do nosso Rio Grande do Norte.  
Junte-se a nós,  
venha participar  
da festa mais potiguar  
de nossa cultura  
ao lado de quem acredita  
no futuro do Rio Grande do Norte.  
Faça agora sua assinatura  
da nossa revista  
RN/Econômico.  
Preencha um cheque nominal  
de Cr\$ 12.000,00 em favor  
de RN/Econômico Empresa  
Jornalística Ltda.  
e remeta-o à Rua São Tomé, 421,  
Centro — CEP 59.000 —  
Natal (RN),  
durante um ano  
você vai acompanhar de perto  
a história da sua terra.*



### Nunca falta problema

feito de Natal, na administração do seu antecessor, um trabalho positivo que culminou na criação dos primeiros Conselhos Comunitários da capital.

**PROBLEMAS SOCIAIS** — Lourdinha quem conta: em um ano de trabalho, o Governador José Agripino, em sua ação voltada para comunidades do interior, já instalou sete Conselhos Comunitários: em São Tomé, Senador Georgino Avelino, Serrinha, Açú, Nova Cruz, Lagoa D'Anta, e Montanhas. Um trabalho que vai conquistando resultados aos poucos, pondera Lourdinha, mas importante porque o Conselho é um instrumento de apoio à administração municipal e ao Governo do Estado. Cabe ao Conselho estabelecer prioridades, dentre as necessidades constatadas em cada comunidade, sugerir soluções, preservar e administrar o patrimônio público em cada comunidade", comenta ela. E acrescenta que até o final do ano, o Governo do Estado terá implantado Conselhos Comunitários em 50 municípios.

"Se um determinado poço tubular é para utilidade da comunidade, cabe a ela através do seu Conselho, preservar e administrar. Para isso, o Conselho Comunitário reúne representantes de entidades, o prefeito, o vice-prefeito, vereadores e os representantes de comunidades rurais. O interessante, continua, é que a comunidade ocupe seu espaço. É em tom quase didático: é sair do eu, e partir para o nós".

Questionada sobre como tem enfrentado os problemas sociais, agravados pela seca e decorrentes das dificuldades financeiras do Estado, se haveria algum levantamento des-

ses problemas sendo feito, Lourdinha rebateu fazendo ver que os problemas estão aí, então não vê necessidade de se fazer levantamento porque senão a coisa fica só no papel. "A cada documento reivindicatório das lideranças comunitárias, o Governo vai atendendo de acordo com a sua disponibilidade". Na capital, a organização comunitária está sob a coordenação da Prefeitura, "competindo a nós darmos apoio", disse Lourdinha.

Ao voltar a comentar o trabalho de ação comunitária desenvolvido no interior, o qual o Governador tem elogiado, Lourdinha afirma que "as soluções são dadas pelo Governo como um todo. Com o apoio de cada Secretaria, de cada órgão público". "Não se faz milagres", completa Lourdinha, "mas se motiva a comunidade a descobrir o seu próprio potencial. Posso dar um exemplo de trabalho comunitário: a comunidade de Serra do João do Vale. Lá, é cultivada a plantação do caju. Daí, surgiu uma pequena indústria de doces caseiros, que vem melhorando a renda familiar. São pequenas coisas que a comunidade pode produzir, que se parte para ações maiores. Isso é fruto de todo um trabalho educativo. A nós interessa que a comunidade ocupe seu espaço, porque o negócio é partir para ação, que começa à medida em que as pessoas se reúnem, discutem, propõem soluções".

E parece que a disposição de Lourdinha não fica apenas circunscrita à retórica bonita, porque depois de desenvolvido o trabalho, ela procura acompanhar o atendimento das reivindicações. Para isso, faz viagens periódicas ao interior do Estado, realizando reuniões mensais com todos os Conselhos Comunitários. □

**RN/ECONÔMICO**  
**EMPRESA JORNALÍSTICA LTDA.**  
RUA SÃO TOMÉ, 421 - TEL. 222-4722 CEP 59.000  
NATAL-RN

1 (UMA) ASSINATURA ANUAL

NOME \_\_\_\_\_

END. DE RECEPÇÃO \_\_\_\_\_

CIDADE \_\_\_\_\_

ESTADO \_\_\_\_\_ CEP \_\_\_\_\_

TELEFONE \_\_\_\_\_

DATA \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

# O difícil recomeço

---

GARIBALDI FILHO

---

Quem visita hoje o interior do Rio Grande do Norte é dominado por um sentimento de alegria. A paisagem mudou. E o verde das plantações e do pasto para o gado constituiu-se, na verdade, ao lado dos açudes cheios, ou sangrando na grande reserva com o qual os agricultores voltam, timidamente, a bater nas portas dos bancos oficiais.

Antes, o que passara a constituir-se numa rotina eram as prorrogações dos débitos, por sinal novamente, com prazo prorrogado para 30 de junho. Há informações que existem, ainda, com situação a ser regularizada, cerca de 18 mil agricultores, certamente que, no meio destes, muitos resolveram engrossar a migração para fora do Estado e outros desistiram da atividade agrícola.

Mas a grande maioria resistiu. Foram cinco anos de seca, de Emergência, de privações e de ausência absoluta de produção. Agora é chegada a hora de plantar, de recuperar os prejuízos, de pagar o Banco e de educar os filhos condignamente.

Ora, para que isso aconteça é preciso que se coloque à disposição dos agricultores o crédito na hora certa e a assistência técnica.

É preciso considerar que a grande maioria destes agricultores está sem condições para recomeçar e, muitos deles, principalmente os pequenos, não sabem nem por onde devem recomeçar.

Daí porque o Governo resolveu instituir o Programa de Distribuição de Sementes para o contingente de 300 mil trabalhadores alistados na Emergência. O Governo Federal repassou recursos da ordem de 900 milhões para a Secretaria de Agricultura.

Estes recursos foram insuficientes. Desde o início das cogitações sobre o Programa que fizemos esta advertência. Hoje estamos com esta frustração. Foram atendidos apenas os chefes de família com uma cota de três quilos de feijão e cinco de milho, o que, segundo os agricultores da Região do Potengi — que ouvimos, agora, no Município de São Pedro —, só dá para plantar umas mil covas, quando um hectare são três mil covas. Não atende, portanto, às necessidades mínimas desses minifundiários.

Cogita-se, agora, de uma participação do Ministério da Agricultura com recursos na ordem de 4 bilhões de cruzeiros, sendo distribuídos para as Delegacias

Federais do Ministério em cada Estado, rateando-se esta importância com cada Delegacia. E a entrega não teria caráter de doação, e sim de empréstimo.

Mas existem ainda outras preocupações. O crédito de custeio demorou muito a ser liberado. Quando temos, agora, recursos razoáveis, determinados tratamentos culturais, como o combate às pragas, deixaram de ser feitos, acarretando, por exemplo, no caso da laranja no algodão e nos cereais, efeitos irreversíveis em determinadas áreas.

Além do mais, os valores básicos de custeio são baixos. Os números provam isso, apesar de sabermos que isto prevalece em função da baixa produtividade registrada na nossa região.

No Oeste, entretanto, subestima-se esta produtividade. Na Região de Apodi, Umarizal, grande produtora de feijão macassar, o VBC por hectare de 48 mil e 500 cruzeiros poderá diminuir a safra, frustrando as expectativas dos agricultores.

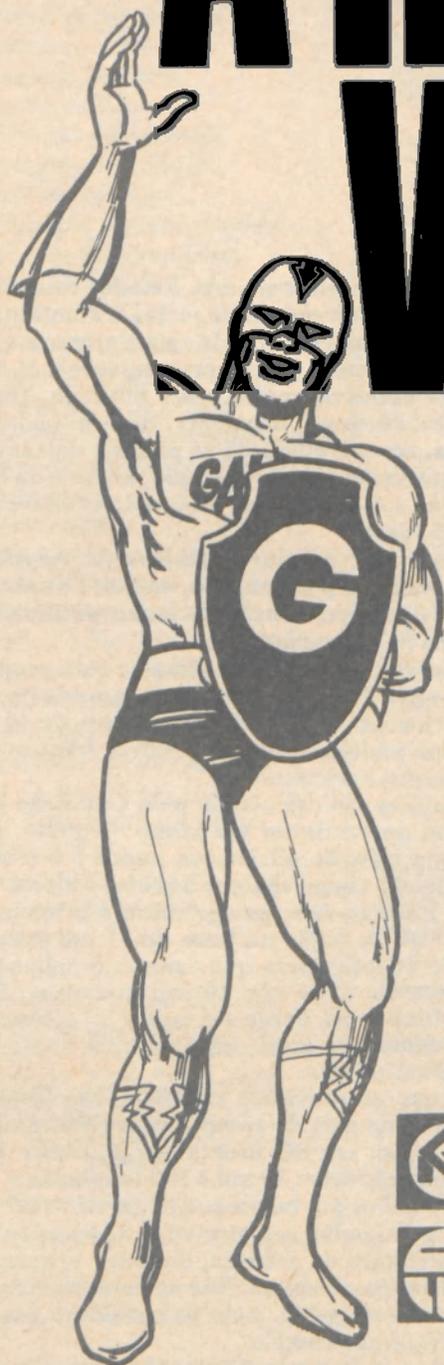
Estes valores são calculados pela Comissão de Financiamento da Produção em junho ou julho, projetando-se uma inflação oficial que nunca é a real. Resultado: quando chega março, aqueles valores estão defasados. Entregue-se a um agricultor a primeira parcela deste VBC do feijão na base de 17 mil cruzeiros, 40 por cento do total, para que compre 5 quilos de sementes, somente aí já vão 10 mil cruzeiros, fora o plantio, a limpeza, as horas de trator e o inseticida, que representam, no total, uma quantia muito superior a 20 mil cruzeiros.

Daí porque as previsões do IBGE são generosas quando fixam, no mês de março, as seguintes estimativas para feijão: em 84, área a ser plantada de 131 mil hectares, produção: 39 mil e 300 toneladas e o rendimento 300 quilos por hectare. Chegaremos lá?

Quanto ao algodão registre-se o descaso como se abandona a cultura do arbóreo, do mocó, o grande orgulho do nosso cotonicultor. Não se está financiando a raiz nova desse algodão, pois se considera esse fato investimento, e não custeio.

Então, que se faça o investimento, mas não se deixe a cultura morrer. A questão não é de rubricas, nem de políticas postas no papel. É de sobrevivência de uma atividade que, durante muito tempo, deu camisa ao homem do campo e ainda poderia dar...

# A HORA DA VERDADE



O recolhimento do ICM pelas empresas é uma oportunidade de avaliação do desempenho de cada uma. Nas firmas de material de construção, por exemplo, foi a confirmação da liderança de Galvão Mesquita-Casa Lux, ocupando o primeiro lugar no setor e a 13a. na posição entre todos.

É a consequência de uma tradição que se moderniza e se fortalece na figura do Galux, nosso primeiro super-herói.



**GALVAO MESQUITA**



**CASA LUX S.A.**

— renovando e construindo.

# UMA QUESTÃO DE BOM SENSO



*O slogan "pensou em construir, pensou na Saci", já está tão difundido e acreditado no Rio Grande do Norte que são raras as pessoas que constroem ou reformam suas casas e não compram o material na Saci — Material de Construção Ltda., ou mesmo vão até a loja pedir informações sobre produtos e detalhes técnicos. É, primeiramente, uma questão de bom senso. A empresa já é uma tradição de mais de vinte anos, vendendo bons produtos ao norte-riograndense, comercializando as grandes marcas. Depois, são os bons preços e os convidativos planos de pagamento. Engenheiros, arquitetos, investidores do setor e até mesmo donas-de-casa "na hora de construir, pensam na Saci". E, se você vai construir, pense também na Saci.*



Pte. Bandeira, 828 Tels.: 223-3626 / 3627 / 3628  
Av. Rio Branco, 304 — Ribeira — Natal-RN



Genivaldo no primeiro teste com os estudantes

## UNIVERSIDADE

# A primeira prova de fogo de Genivaldo Barros

Foi o primeiro grande teste do Reitor Genivaldo Barros desde que assumiu o cargo. E foi um teste desagradável. Até então, o relacionamento entre Reitor, estudantes e professores vinha sendo o melhor possível, desde o fim do mandato de Diógenes da Cunha Lima. Os problemas que haviam ocorrido na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, nos últimos meses, não haviam posto em confronto a sua administração e estudantes ou professores. Nos últimos meses, havia nítida consciência, na comunidade universitária, que os problemas eventuais não eram criados por culpa da sua administração. Por trás de tudo, estavam conscientes todos, aparecia o Ministério da Educação e Cultura com a sua política restritiva e, por sobre tudo, o Fundo Monetário Internacional impondo a sua política de contenção geral. Por tudo isso, as reivindicações dos funcionários da UFRN por melhores salários, a campanha dos professores e dos alunos de diversos cursos por melhores condições de ensino, tinham como objetivo o MEC. O Reitor não era o culpado.

**O BANDEJÃO** — Mas a campanha contra o aumento do preço do bande-

jão, surgida no bojo de uma luta para fazer anular uma portaria ministerial que acabava os subsídios para os restaurantes universitários e, na prática, impunha a cobrança do custo real das refeições, terminou por criar uma situação que levou o Reitor Genivaldo Barros a um confronto direto com os estudantes. Foi um confronto em que ele se viu diante de uma responsabilidade indesejada: defender uma causa que, no fundo do coração, sabia ser injusta. Mas que, como detentor de um cargo de confiança do Governo Federal, tinha de encampar. Ainda assim, o começo de tudo não visou a pessoa do Reitor. Quando os alunos da UFRN, agrupados em torno de um núcleo que se intitulou «comando de ocupação», decidiram ocupar as instalações da Reitoria estavam cumprindo uma tática de luta posta em prática em diversas capitais do País. Portanto, era uma campanha de nível nacional. O Presidente do DCE, na ocasião, estava justamente em Brasília, com outros presidentes de DCEs, estudando as características dessa luta.

Por coincidência, quando os estudantes apareceram no prédio da Reitoria para anunciar o seu propósito de ocupação, o País comemorava o 20.º



**Os estudantes num momento delicado da UFRN**

aniversário da Revolução de 31 de Março. Parece não haver nenhuma relação. Mas havia a coincidência. De toda forma, quando os estudantes anunciaram ao Reitor o seu propósito de ocupar a Reitoria, ele prontamente cedeu o prédio. Os próprios estudantes se espantaram. O Reitor anterior, Diógenes da Cunha Lima, teria partido para uma conversa e procurado

convencer os estudantes, talvez até ameaçando-os. Mas o Reitor tinha alguns telex da área federal aconselhando-o a não estimular qualquer reação. E sua assessoria jurídica o aconselhara a ser prudente. O fato é que os estudantes permaneceram no prédio da Reitoria por sete dias e só saíram quando o Reitor decidiu entrar na Justiça Federal com uma Ação de Reintegração. Os estudantes saíram antes que os oficiais de Justiça chegassem. Mas, aquela altura, o Juiz Federal José Augusto Delgado já tomara providências no sentido de formalizar o inquérito na Polícia Federal, apesar da mediação de uma Comissão de Alto Nível e do Arcebispo Dom Nivaldo Monte.

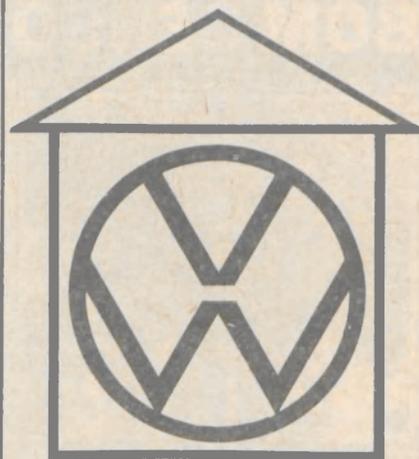
Hoje, quando há uma preocupação geral em relação aos rumos do caso, questioná-se muito a maneira como a Reitoria foi ocupada e como o Reitor reagiu. Deveria ter havido mais firmeza? O ato firme do início não teria sido melhor do que o desfecho na Justiça?

A comunidade universitária tem se dividido muito em torno dessa questão. Os adeptos de Diógenes murmuram, a boca pequena que, com "ele, isso não teria acontecido". Os que defendem a posição de Genivaldo argumentam que qualquer outra posição teria sido muito pior, no momento atual, tendo o Reitor agido com prudência e de modo correto. Numa coisa todos concordam: de agora por diante o relacionamento entre o Reitor e a comunidade universitária não será mais o mesmo. □



**O Reitor: diálogo difícil**

**PEÇAS PARA  
VOLKSWAGEN  
E FIAT**



**CASA DO  
VOLKS**



É necessário manter seu patrimônio em dia. A época é de crise. E se você possui Volkswagen ou Fiat, não se esqueça que a Casa do Volks tem todo tipo de peça e acessórios para esses carros, inclusive tintas automotivas. A Casa do Volks vende a preços, realmente, sem competidor. Um amplo estacionamento coberto e um dos melhores atendimentos da cidade são bons motivos para você comprar na Casa do Volks. Seu carro estará mais protegido e você, naturalmente, mais satisfeito. Afinal, manter um patrimônio não é fácil.

**"GURGEL & OLIVEIRA"**

Comércio e  
Representações Ltda.

Av. Prudente de Moraes, 1804  
Tel.: 223-2488

# O Nordeste e o Japão

NEY LOPES DE SOUZA

A cooperação econômica é um dos principais instrumentos de ação desenvolvimentista.

O mundo apresenta feições regionalistas, anteendo-se, inclusive, o Estado transnacional, onde as fronteiras físicas separariam a Nação, mas os interesses vitais da soberania seriam compartilhados conjuntamente pelos entes públicos.

Observando-se a Europa vê-se a tendência notória aos grupos de Estados: Mercado Comum Europeu (MCE), OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), o Parlamento Europeu. À nível mundial o GATT (Grupo de Tarifas Alfandegárias). Na própria América Latina a incipiente Aliança Latino-Americana para o Livre Comércio (ALALC).

A regionalização é a aplicação macro do princípio cooperativista privado. Os esforços somados asseguram maior eficácia de resultados, mesmo a nível internacional.

No momento o Brasil abre dois importantes leques de negociação bilateral, visando a estabilidade na sua balança de exportações: o Japão e a China. Inclusive, o Presidente da República manterá contactos diretos com ambos os países, estabelecendo regras de convivência comercial.

Pelas informações filtradas, a demanda maior será de artigos primários, principalmente carne bovina e alimentos em geral. Numa hora de otimismo como a que atravessa o Nordeste pela chegada das chuvas, entendo como viável a formação de um bloco regional, a nível nordestino, com o objetivo de encaminhar pro-

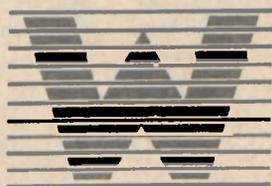
postas e colocar a região na perspectiva de comercialização externa, respeitada a reserva estratégica indispensável ao abastecimento interno.

O Japão dispõe de mecanismos, inclusive parlamentares (Grupo Parlamentar na Câmara dos Deputados), com a finalidade de ativar conversações internas no Brasil. O Rio Grande do Norte, através do Governador José Agripino, poderá ser pioneiro nessa abertura de diálogo, promovendo ciclos de debates sobre o intercâmbio entre os dois países. Na hipótese, além das perspectivas que se abrem surgirá a ocasião de situar a nossa unidade federada num posicionamento de alto nível, na medida em que, diante das dificuldades conjunturais que atravessamos, busca meios de saída da crise em canais não comuns aos Governos Estaduais.

Note-se que o Japão tornou-se conhecido pelo exemplo de ter saído de impasses econômico-financeiros, através do comércio externo. O know-how dos japoneses é realmente sem similar no mundo, chegando-se até a reconhecê-los como «milagreiros». Recentemente, o Governo da Alemanha Ocidental apontou as economias mais estáveis do mundo, levando em conta as taxas de desemprego e inflação, sendo o Japão o líder desse bloco.

Resta agora aproveitar a chance que se abre: caminhar na mesma trilha do Presidente da República, pondo na sua agenda de conversações em maio próximo, na cidade de Tóquio, opções para ajustar interesses, sobretudo, da Região Nordeste do Brasil.

## PONTOS DE ENCONTRO DA CULTURA EM NATAL



WALTER PEREIRA  
LIVRARIA E  
PAPELARIA LTDA.



LIVRARIAS:  
• ISMAEL PEREIRA  
(Ribeira)  
• UNIVERSITARIA  
(C. Alta)

• WALDUPE  
(C. Alta)  
• MODERNA  
(Alecim)

Livros — didáticos e em geral —, papelaria,  
material escolar e de desenho.  
Tradição e qualidade.

**NILDO, 1962/1984** — Diante do extremado de seu gesto que surpreendeu a cidade inteira, que se habituara a admirar a sua arte, dir-se-ia que Nildo havia esgotado todas as suas possibilidades. Que a aventura humana lhe resultara num imenso e intransponível vazio existencial. Que a porta se fechara nas suas costas, abruptamente, sem que ele vislumbrasse de imediato uma nova porta, aberta diante de si.

Fechado, viveu Nildo no seu círculo kafkiano, sem compreender a absurda linguagem cifrada deste mundo. Talvez, por isso, escolhesse o teatro, ou vice-versa, quem saberia dizê-lo? A vida, que é senhora, não tem o costume de nos dar explicações.

Reinventou o quanto pôde a vida. Foi Evita, cantando "no llores por mí, Argentina". Foi, com exuberância voluptuosa, Baby Consuelo e uma série de mulheres que eletrizavam homens e mulheres, que a vida não repeita fronteiras e parece que um de seus delêites se constitui, justamente, em afrontá-las. (Aqui talvez esteja a chave de tudo: o desejo com o qual foi sempre desejado, não foi suficiente; serviu tão somente para lhe aumentar a sede de um desejo ainda maior e transcendente). Foi Elis Regina, ansiosamente em busca de uma ponte que unisse o interior ao exterior, sem que a construção parecesse por demais evidente. Mas foi sobretudo o desespero de existir num mundo que não compreendia, que falava uma

outra linguagem e que ele tentou superar pela droga.

Empreendeu a sua viagem solitária em meio a maior alegria. E, dela, se embebedou reiteradamente. Como se, estar embriagado, fizesse parte do script. Mudou em energia contagiante, enquanto encarnava, por exemplo, Elba Ramalho, a fraqueza que o asediava, insidiosamente, feito câncer. E que nós, seu público, sequer per-

colheu a morte, ao atirar-se nas águas turvas de um rio do Japão. Estava demasiadamente envolvido com o seu próprio script. Ficou sem saber que, o que há de mais belo no mundo moderno, são as suas vítimas.

Ou quem sabe preferisse mesmo calar. Não deixou sequer um bilhete.

**PRESENÇA DO ASSU**  
— O escritor Francisco

rada jovialidade e a preocupação de preservar para o futuro datas e eventos de sua terra. Essas confissões de Chisquito traem, aqui e ali, o historiador meticoloso que ele é, indiscutivelmente, e que nos deu, já, uma *História da Imprensa no Assu* e uma *História do Teatro no Assu*, de consultas obrigatórias em qualquer trabalho sério sobre estes assuntos.

Tenho para mim que, se toda cidade tivesse o seu Chisquito, não haveria tanto lapso e tanta página em branco em nossos livros de História.

**MUDANÇA DE GILSON** — O pintor Gilson Nascimento, finalmente, se transferiu para o Rio de Janeiro. Elétrico, bem humorado, dissimulou sempre e convincentemente, toda a dor e toda a solidão que lhe pesavam na alma como estigmas.

Nos últimos tempos, porém, quase fraquejou. Ensaçou poucas, mas sérias, confissões aos amigos mais íntimos. Sob a loucura de certos comportamentos insólitos, que nem sempre compreendíamos, Gilson deixou de alguma forma um grito parado no ar. Seu desespero diante da vida, sua perplexidade e sua revolta se manifestaram reiteradamente pelo que há de trágico, de profundamente trágico, na alegria.

Que a viagem seja para dentro, cada vez mais. E que do inferno do dia a dia ele consiga extrair a verdade de sua vida

**FRANKLIN JORGE**



cebíamos sob a máscara de tanta felicidade.

O laço em torno do pescoço, tão longo que lhe permitiu ficar de joelhos no ladrilho da área de serviço do seu apartamento, foi apenas uma alternativa ou o anti-clímax do drama que se desenrolava nas sombras, nada mais. Certamente Nildo jamais leu O사무 Dazai, que também es-

Amorim, Chisquito, pública, também, suas memórias: *Assu da Minha Meninice* (52 páginas, apresentação do jornalista Celso da Silveira). É o 13.º título do autor e o CCXLIII da persistente Coleção Mossoroense.

Chisquito escreve corretamente, em desataviado estilo jornalístico. Acrescente-se a isto uma boa dose de bem humo-

# SÃO BRAZ: A ARTE DE CRESCER

*A indústria brasileira, sofreu — em 1983 — sérios problemas econômicos, gerados pelos mais diversos fatores, o que acabou prejudicando-a, sobremaneira, principalmente quando houve uma vertiginosa queda do faturamento real dessas empresas.*

*A INDÚSTRIA E COMÉRCIO JOSÉ CARLOS S. A., empresa paraibana, sediada na Cidade de Campina Grande, na Paraíba, e com filial em Natal, conseguiu superar todas as dificuldades existentes no setor industrial brasileiro, ano passado, apresentando excelentes índices, em seu Balanço Geral de 1983.*

*As vendas da SÃO BRAZ atingiram, no exercício findo, uma elevação de 170%, o que evidencia uma ascensão bem maior que a apresentada pelas demais empresas brasileiras, notadamente as da área alimentícia.*

*A elevação exagerada das despesas financeiras, também marcou profundamente — a economia das empresas brasileiras, de um modo geral, em 1983, o que foi refletido, diretamente — em seus balanços. A Indústria e Comércio José Carlos S. A. conseguiu, também nesse ponto, suplantar as dificuldades existentes, apresentando excelentes índices, reduzindo a despesa financeira líquida.*

*Outros números que deixam a INDÚSTRIA E COMÉRCIO JOSÉ CARLOS S. A. bastante lisonjeada — segundo seus diretores — são os relacionados com o Endividamento Geral, que caiu para 30%, representando uma movimentação de 70% com capital próprio, enquanto que a média geral*



**Capitão de empresa José Carlos da Silva Júnior, Presidente do Grupo "São Braz"**

*das empresas brasileiras, é de 30 a 35% com recursos próprios e 65 a 70% com capital de terceiros.*

*Expressiva, também, foi a contribuição da Empresa para os cofres públicos, através de diversos tributos, não só em Campina Grande, onde teve seu destaque entre os 100 maiores contribuintes do ICM, em 1983 ficando em 2.º lugar no Estado, como em outros Estados. No Rio Grande do Norte, figurou entre os 100 maiores de 1983 em 14.º lugar, posicionando-se em 9.º lugar na capital.*

*Fruto de uma amadurecida decisão administrativa, assistimos a uma gradual difusão na cultura da SÃO BRAZ de que é uma Empresa*

*com profunda vocação social, não só pelas excelentes qualidades dos produtos que oferece aos consumidores, como pela constante preocupação com aquilo que considera o maior patrimônio da Empresa: os seus empregados. Isso é refletido no seu efetivo de pessoal, pois em um ano marcado pelo desemprego, a SÃO BRAZ conta atualmente com 1.504 empregados.*

*Encarando os resultados favoráveis de 1983 como um novo desafio para o ano de 1984, a INDÚSTRIA E COMÉRCIO JOSÉ CARLOS S. A. espera dar continuidade à política de expansão dos negócios, dentro dos mesmos padrões de segurança que sempre nortearam as suas iniciativas.*

## A seca como tema para as discussões acadêmicas

A seca no Nordeste é um problema que tem suscitado interesse nos mais diversos pontos do País, mas nada de concreto se tem feito para minimizar seus efeitos ou mesmo solucionar o problema. "Campanhas e mais campanhas" são feitas para ajudar o «coitado» do nordestino que está morrendo de fome há anos, mas nenhum projeto é posto em prática pelas autoridades competentes, que acreditam seriamente no poder dos paliativos (vê Programa de Emergência).

Enquanto isso, as discussões continuam. A Universidade Federal do Rio Grande do Norte, através de sua Pró-Reitoria de Extensão Universitária,

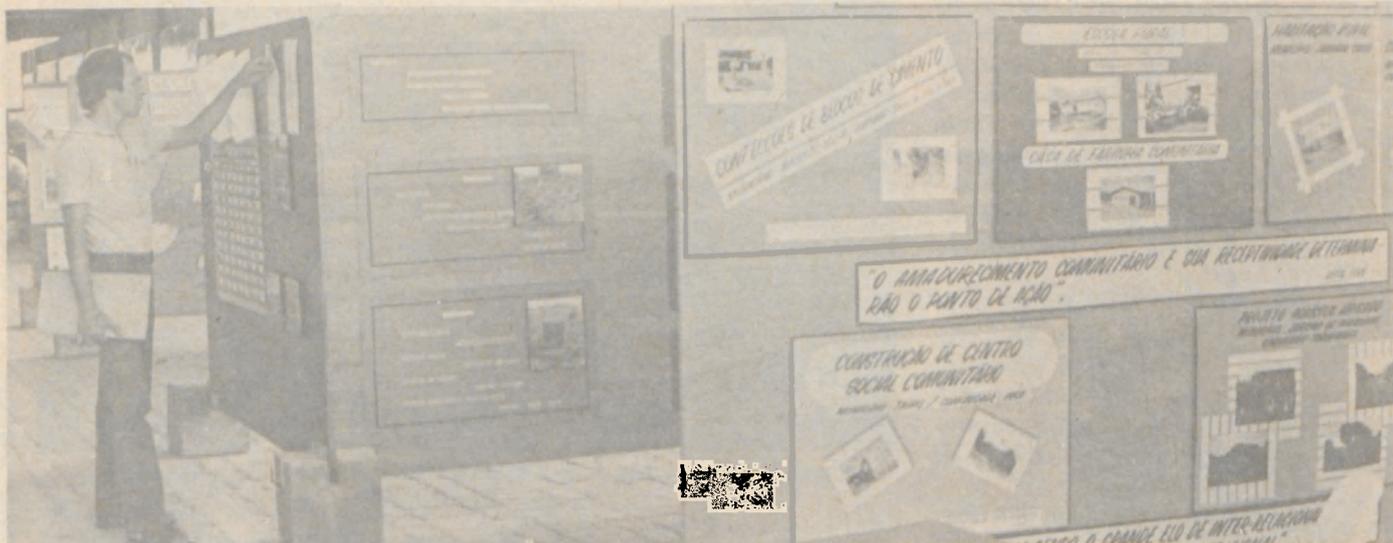
mem e a Questão Social; mostras científicas (stands, painéis, murais, audiovisuais, equipamentos, experimentos, etc); atividades artísticas/literárias e exposição de artes plásticas e mostra e venda de livros. As atividades foram desenvolvidas no auditório da Reitoria, Centro de Convivência «Djalma Maranhão» e auditório do Núcleo de Arte e Cultura.

As exposições e os debates contaram com a participação de professores da UFRN, técnicos das instituições envolvidas, além de nomes como o do professor Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, Presidente do CNPq e de Celso Furtado, economista, professor e ex-Superintendente da

Sudene, cuja exposição, versando sobre «Tendências e Possibilidades do Desenvolvimento do Nordeste», foi a mais concorrida da Feira. Uma outra exposição que causou entusiasmo nos presentes foi sobre «Dimensões Políticas do Problema» (da seca, no caso), cujos expositores foram representantes dos partidos políticos do Estado, das três Dioceses (Natal, Mossoró e Caicó), da Fetarn e Federação da Agricultura do RN.

**PREOCUPAÇÃO DA UNIVERSIDADE** — Segundo o Professor Geraldo Queiroz, Pró-Reitor de Extensão Universitária da UFRN e principal organizador da Feira de Arte, Ciência e Tecnologia, "uma Universidade deve se caracterizar, acima de tudo, com a realidade onde ela está inserida. A preocupação não significa dizer que a Universidade vá resolver os problemas da sociedade, mas promover a discussão dessa realidade".

O Pró-Reitor disse que a Feira re-



### Exposições com material para conscientizar sobre a seca

promoveu em março último (19 a 23) uma ampla discussão sobre o assunto, durante a realização da Feira de Arte, Ciência e Tecnologia, que reuniu estudantes, professores, pesquisadores, técnicos, políticos e estudiosos sobre o tema.

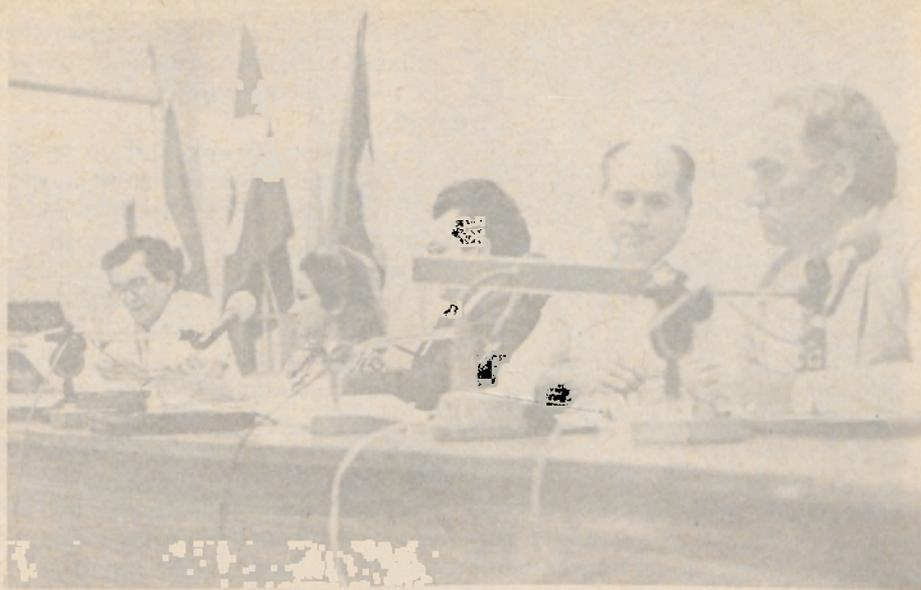
Partindo da «Problemática da Seca», os mais diversos temas foram expostos e debatidos durante a Feira, com participação ativa de representantes de todos os segmentos da sociedade. A Feira constou de exposições e debates sobre a seca; comunicações científicas de todos os órgãos envolvidos no evento — divididos em quatro grupos distintos: Recursos Naturais, Agricultura e Alimentação, Alternativas Tecnológicas e O Ho-



**Celso: voz autorizada**

presentou muito para a Universidade, que abriu um espaço muito grande para a discussão da problemática nordestina, e não o Nordeste isolado dentro do contexto.

O Professor Geraldo Queiroz frisou que a Feira não se restringiu à discussão teórica sobre o assunto e citou um projeto de ensino, pesquisa e extensão apresentado por um grupo de professores que pesquisa a seca há alguns anos. Trata-se de um projeto de ensino regional para a UFRN, onde a problemática da seca fosse o elemento desencadeador de todo ensino, pesquisa e extensão dessa experiência. Já há a garantia do envolvimento de alguns Departamentos nessa experiência, adiantou ele.



Os debates, tendo a seca como tema

Proposta de irrigação com material de baixo custo para pequenos agricultores, de autoria de Antônio Guedes, do Museu Câmara Cascudo, e outra de alimentação à base da algaroba, foram algumas propostas consideradas concretas pelo Pró-Reitor de Extensão. "São pesquisas da Universidade que minimizam o problema da seca", frisa. Ele afirmou ainda que a Feira contribuiu para que as diversas instituições envolvidas na promoção discutissem o problema.

**OPINIÕES** — Celso Furtado, o expositor mais saudado da Feira de Arte, Ciência e Tecnologia, felicitou a

organização da Feira, "pelo sentido didático e estimulante da criatividade de tudo que aqui se apresentaram".

Segundo Manoelito — Manoel Dantas Villar, ex-Professor da Universidade Federal da Paraíba e hoje agropecuarista, "se o Nordeste seco insistir no caminho que seria traçado pela UFRN na vanguarda do processo de sua libertação econômica e social — o que já começou no Rio Grande do Norte com a Feira é uma demonstração inequívoca — também seremos um dia, do ponto de vista de riqueza, um bom pedaço do Brasil, quanto ao resto, ainda somos". □

## EDUCAÇÃO

# Problema, agora, está nas escolas e no professor

O início do ano letivo na Rede Estadual de Ensino ocorreu dia 13 de fevereiro último e, até o momento, algumas escolas continuam funcionando precariamente, algumas sem professores e outras não tiveram, sequer, condições de iniciar suas aulas, como é o caso das escolas recém-inauguradas nos conjuntos habitacionais construídos pela Cohab. A causa desse atraso teria sido o concurso público para professor, cujo número de aprovados não deu para preencher as necessidades do magistério estadual.

O resultado do concurso — dos 5.438 candidatos inscritos no Rio Grande do Norte, apenas 431 foram aprovados, o que significa um índice



Antenor: provas sem clareza

de 8 por cento de aprovação — tem causado grandes polêmicas. O fato é que muitos alunos estão sem aulas — até o início de abril eram mais de 10 mil alunos sem professor — e de acordo com dados fornecidos pela Secretaria de Educação, para resolver esse problema faltam aproximadamente mais 100 professores.

Esse baixo índice de reprovação é sintomático. A causa seria a falta de preparação do professor (e aí está implícito o ensino universitário) ou o nível das questões, além da realidade do professor?

**O NÍVEL** — Para José Antenor de Azevedo, Presidente da Associação dos Professores do Rio Grande do Norte (APRN), o problema não está na falta de preparação do professor, porque muitos dos concursados já ensinavam em colégios da rede particular de ensino. "O que se questiona é que o nível das provas talvez não tenha tido muita clareza na formulação das questões, vez que o índice de aprovação foi de apenas 8%. As questões foram confusas". Ele não descarta, porém, que seja também um reflexo do nível de ensino no Estado, e completa: "O desgaste da educação é proporcional ao desgaste do profissional".

O Presidente da APRN acha que o concurso deveria ter aprovado, pelo menos, 70 por cento dos candidatos. Ele faz severas críticas ao Governo — "no setor educacional, o Governo tem um péssimo aniversário administrativo" — e cita o caso das escolas que continuam sem professor. "Isto" — diz ele — "é uma prova evidente de que o Governo não prioriza a educação".

**MEDIDAS DE URGÊNCIA** — Diante da necessidade premente de professor para regularização das aulas, o Governador José Agripino determinou, em caráter de urgência, que estudos fossem realizados para se encontrar uma saída emergencial, onde, segundo o Secretário de Estado da Educação e Cultura, professor Hélio Vasconcelos, "se despontam algumas alternativas, todas elas voltadas para atender, no menor espaço de tempo possível, às necessidades das escolas, sem ferir em nenhuma hipótese, as regras do concurso".

O professor Hélio Vasconcelos reconhece o problema enfrentado pela educação e diz: "Esta é uma realidade que nós estamos enfrentando, exatamente porque o concurso que

deveria ter sido feito em período anterior, somente o foi no final de fevereiro. O resultado que não foi o esperado, esperava uma média de aprovação maior, não deu sequer para atender às necessidades de Natal, com as novas escolas criadas. Daí porque, embora já estejam sendo chamados todos os aprovados (N. R. A chamada dos aprovados teve início dia 21 de março), ainda faltam professores, o que repercute de forma negativa essas escolas em que a ausência do professor transtorna, inclusive, o cumprimento do calendário escolar”.

Fazer um outro concurso agora, para preenchimento das vagas ainda restantes, é inteiramente impossível, frisa o Secretário, “porque não iria atender em tempo hábil o preenchimento das necessidades”, explica. Até o início de abril estavam sendo discutidas alternativas, levando em consideração o caráter emergencial.

“Tão logo seja encontrada a solução, as escolas onde faltam professores terão as aulas iniciadas, com calendário especial”.

**SURPRESA** — Declarou ainda Hélio Vasconcelos que o resultado do concurso não era o esperado — “acreditávamos que o nível fosse mais elevado”. Frisando que não se pode olhar a questão com pessimismo, o Secretário, diz também que não se pode culpar apenas a Universidade pelo baixo nível de preparação do professor. “A culpa é de todo sistema educacional, desde a base, até o sistema universitário”.

O titular da SEC enfatiza a necessidade de professor, descartando a utilização de muitos professores que hoje estão atuando no serviço burocrático. Na gestão de Genivan Batista, correu rumores de que, para resolver o problema das escolas, muitos professores que atuavam no serviço burocrático e que estavam sendo subutilizados teriam de retornar às salas de aula. Mas Hélio Vasconcelos é taxativo: “Realmente estamos necessitando de professores. Esses professores estão sendo utilizados em atividades de apoio ao ensino”.

**ESPERA** — O Presidente da APRN, por sua vez, espera que os concursados sejam nomeados e caso pessoas não concursadas sejam chamadas, a Associação fará a denúncia, diz ele.

Paralela às questões de falta de professor e escolas sem aulas, a



**Hélio: esperado**

APRN já deu início à campanha salarial, desta feita se engajando à campanha de todos os servidores públicos. Este ano não será feita uma campanha isolada, explicou José Ante-

nor, “cada categoria vai estudar um índice, para posterior discussão com todas as categorias, quando se chegará a uma média e definido um único índice”.

A proposta de aumento do professor, já definido em assembléia, é de 200 por cento. Além da proposta salarial, os professores entregarão ao Governador José Agripino um documento com reivindicações como “desengavetamento do Plano de Reclassificação (preparado por um grupo de estudo da Secretaria de Administração, ainda na gestão de Lavoisier Maia), 13.º salário, reformulação dos critérios de promoção, indicação de um membro para o Conselho Estadual de Educação pelos educadores, cumprimento do Estatuto do Magistério e modificação nos critérios de mudança de nível”. □

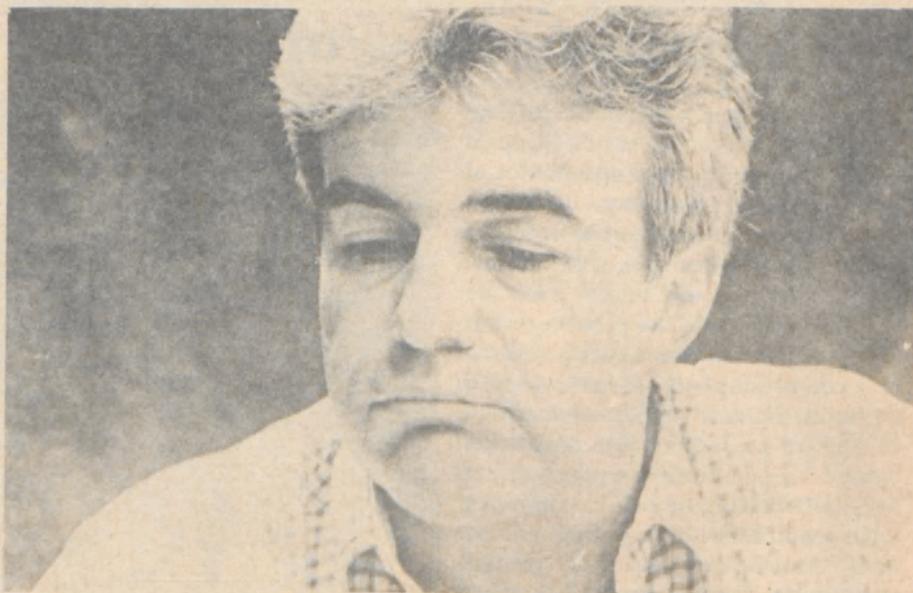
## ECONOMIA

# Os sinais de recuperação ainda não chegaram no RN

Os sinais de uma incipiente recuperação da atividade econômica da Região Sul, sobretudo no setor industrial, já amplamente divulgados pelos órgãos responsáveis pela análise dos dados estatísticos do setor secundário, ainda não chegaram ao Nordeste. Quem afirma isto é Fernando Bezerra, Presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte. Para ele, a recuperação econômica que começa a se verificar no Sul do País, deve-se principalmente ao setor

exportação de manufaturados, setor em que o Nordeste apresenta fraco desempenho, em face do quase total monopólio exportador sulista. Apesar disso, porém, Fernando Bezerra diz que há uma expectativa de recuperação na esteira da reativação da economia do eixo Rio-São Paulo.

“A única coisa importante que aconteceu no Nordeste nestes últimos dias” — salienta Fernando —, “foram as chuvas”. E observa que uma recuperação econômica no Rio Gran-



**Bezerra: pelo menos a expectativa**



### Construção civil ainda sofre

de do Norte teria de passar pela indústria de construção civil, que é o setor que responde mais rapidamente aos estímulos de recuperação no Estado. Concorde, no entanto, que os sinais verificados na economia de exportação, maiormente concentrada na indústria paulista, já abrem uma perspectiva positiva em relação ao quadro atual da economia brasileira como um todo, salientando que tais sinais "mudaram o estado de espírito do empresário paulista", como ele próprio teve oportunidade de verificar em recente encontro com empresários da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo — Fiesp. "Gostaria de constatar" — frisa — que já chegamos ao fundo do poço".

**INFLAÇÃO** — Para Fernando Bezerra a impressão colhida entre seus colegas paulistas é que com o modelo monetarista que está aí, não tem como a inflação não cair. O arrocho monetário continua, observa, e ademais está chovendo no Nordeste, o Sul está colhendo uma boa safra agrícola, e tais fatores inevitavelmente tendem a produzir uma queda gradual mas firme nos índices inflacionários, porque o fator de maior peso hoje na elevação da inflação é exatamente o custo do alimento. Com boas safras no Sul e chuvas no Nordeste, salienta, o peso dos alimentos será inevitavelmente reduzido, reduzindo-se em consequência a taxa inflacionária.

Teorizando sobre economia, Fernando Bezerra observa que a inflação seria também o excesso de moeda em circulação e como o Governo está contendo sua circulação, essa medida forçará a queda da inflação, ainda que num primeiro momento re-

duza o nível de consumo. Esse paradoxo, no entanto, observa, é apenas aparente porque leva, de fato, a uma queda da inflação, haja vista o excesso de produtos no mercado.

**DÍVIDA EXTERNA** — A renegociação da dívida externa brasileira é outro problema que preocupa o Presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Norte. Para ele, é impossível o cumprimento das metas integrais acertadas com o Fundo Monetário Internacional. Mas destaca que, no tocante ao superávit de 9 bilhões de dólares fixados para o final deste ano, o incremento da produção de petróleo nacional vai permitir sua consecução.

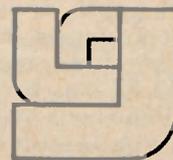
De acordo com Fernando Bezerra, a solução mais indicada para o problema da dívida externa brasileira seria a renegociação de toda a dívida de forma global, em substituição ao esquema de reajustes trimestrais representado pelas cartas de intenção enviadas ao FMI, que alteram significativamente, a cada três meses, as metas e objetivos do Governo brasileiro, acarretando graves ônus para o povo.

"Houve uma preocupação excessiva com o pagamento da dívida, o que vem se traduzindo num sacrifício muito grande para a economia do País, agravando as dificuldades das classes populares e diminuindo o poder de compra da classe média" — destacando ainda que nesses termos descuidou-se do problema social, pelo que, conclui, "esse enfoque tem de ser modificado, só assim os sinais já detectados na recuperação da economia poderão se estender também ao Nordeste e às demais regiões do País, de maneira firme e duradoura". □

## TUDO EM FERRO E AÇO PELO MENOR PREÇO



Ampliando o seu atendimento em Natal, **COMERCIAL JOSÉ LUCENA** põe à disposição, neste mês de maio, mais uma loja, agora especializada em produtos de ferro e aço das melhores marcas. Com uma área de 800 metros quadrados, situada na Av. Presidente Bandeira, 882, Alecrim, a nova loja significa mais opções para a indústria de construção civil da cidade. Sendo a primeira em Natal a adotar o uso de balança industrial com capacidade para pesagens de até 60 toneladas, a nova loja dispõe de ferro redondo para construção civil, ferros quadrado e chato, barras e cantoneiras. Dispõe também de chapas pretas e galvanizadas **A PREÇOS DE FÁBRICA** e para atendimento em grosso e a varejo.



**COMERCIAL JOSÉ  
LUCENA LTDA**

Agora também com a loja de ferro na Av. Presidente Bandeira, 882, Alecrim — Fone: 223-4820 Natal-RN

# O futebol força

ROSEMILTON SILVA

Eu sempre defendi a tese de que o futebol brasileiro não pode nem deve copiar o europeu. O futebol força é coisa deles, nós somos os malabaristas da bola, os jogadores que enchem de brilho os olhos de todo o mundo na base do drible sensacional, da finta espetacular, da molecagem brasileira dentro e fora do gramado. Eu conversava com Elói Simplício dia desses e ele me dizia que faria tudo para ir ao Rio de Janeiro ver a maneira como um preparador físico chamado Melo estava preparando os jogadores do seu clube. Pois bem, guarde esse nome: Melo. Esse moço parece ser a única pessoa no Brasil que acredita na estória que os brasileiros não precisam copiar os europeus. Para quem não sabe de quem eu estou falando, Melo é o preparador físico do Vasco da Gama. Edu foi quem levou-o para o América, depois dele ter feito uma bonita campanha no Bangu e agora, de novo, Edu carrega o moço à tira-colo para o Vasco da Gama.

Melo foi o preparador que maravilhou o México com os garotos da Seleção Brasileira de Júniores e continua demonstrando que o jogador brasileiro não tem mais jogo de cintura, que não tem mais aquele molejo que maravilhou a Suécia em 58; o Chile em 62. Aí, parou tudo, embora tenhamos vencido mais um Campeonato em 70.

Pois bem, Elói Simplício também acredita que a preparação física que Melo está impondo ao Brasil e ninguém acredita é a nossa salvação. E só não querem crer aqueles mais céticos, aqueles que não se convencem que o jogador brasileiro não está nem vai se acostumar com esse tal de futebol-força. Ou voltamos a ser o que éramos antes ou nosso futebol vai morrer mesmo que a Copa que vem aí seja no México, onde sempre nos demos bem tanto no time de cima como no de baixo.

Ora, como fomos campeões? Fomos com os dribles infernais de Garrincha e os passes mágicos de Pelé. Depois veio Jarzinho e os outros. Aí passamos a querer imitar os europeus. Vamos vencer na correria quando antigamente quem corria era a bola. É claro que velocidade também é importante no futebol mas não é preciso preparar o jogador para ser corredor nem participante de atletismo. O que precisamos é mais jogo de cintura, mais molejo nos quadris, mais dribles entortantes, mais cabeça que força. Não é isso o judô? É. Pois bem, são dois esportes distintos mas se assemelham quando se diz que a cabeça é mais importante que a força e as duas coisas juntas dão um certo toque de elegância.

Os próprios europeus não entendem por que o Brasil está querendo imitá-los quando a diferença entre nós e eles está exatamente nessa capacidade de improvisação dentro do gramado. Está na capacidade de deixar o time adversário feito bobo dentro de campo, correndo atrás da nossa bola e não atrás de nós. Pela força não vencemos e acredita que não venceremos. Melo vai provar isso e Elói Simplício começa a mostrar que sua preparação física no Alecrim pode dar certo. É claro que é um trabalho a longo tempo, não é uma

coisa imediata. Não dá resultados imediatamente porque vai mudar toda uma estrutura mesmo que ela seja uma retrospectiva de um passado não tão remoto mas que já ficou perdido num espaço conquistado pelas Seleções de 58 e 62.

As equipes brasileiras têm vencido partidas internacionais com muita dificuldade porque continuam cometendo o erro de serem excessiva e exaustivamente preparadas fisicamente. Isso cansa o jogador e o deixa com a cabeça pensando sempre que deve correr muito esquecendo que a bola deve ser a única a correr. O Flamengo, por ser um time de toque de bola na época em que foi campeão mundial demonstrou, de certa forma, que essa tese é a melhor para o Brasil, para o futebol brasileiro.

Por quê é que temos tantas pernas-de-pau? Por essa razão. Porque estão matando o jogador brasileiro com a preparação física. Estão saturando a capacidade mental do nosso jogador. Não há mais tanta criatividade porque nós estamos sempre dando preparação física como se o jogador brasileiro fosse preparado para enfrentar as corridas das Olimpíadas ou a São Silvestre. Até mesmo os goleiros hoje recebem uma preparação quase na base da resistência e por isso alguns deles estão perdendo os reflexos. Os zagueiros não sabem mais a hora de bater e usam a violência para se impor dentro do gramado.

Nosso futebol ficou violento a partir do momento em que deixamos de lado, menosprezamos a capacidade criativa do jogador e passamos a impor-lhe a certeza de que a força é quem deveria imperar dentro do gramado. A partir daí, passamos a usar a violência porque perdemos a capacidade do drible, do raciocínio mais rápido. Estamos acostumados a brigar pela bola e não a jogar por ela e com ela. Se não temos capacidade de criar apelamos porque o leite das crianças depende daquilo que fizemos dentro de campo. É claro que não foi só esse novo ritmo de jogo que fez a reviravolta do nosso futebol. Os treinadores também têm sua culpa porque, para não perderem os seus empregos, armam retrancas. No Brasil temos o grave defeito de retirar do time um treinador que perde duas ou três partidas seguidas como se só um time pudesse vencer. Enquanto na Europa um treinador fica numa equipe para o resto da vida, no Brasil o cara tem que dar vitórias seguidas.

Por isso venho dizendo ultimamente que a solução para o futebol brasileiro é se voltar para o amadorismo ou um profissionalismo consciente que pode e deve ser encarado de outra forma. Não se pode continuar enganando o torcedor com jogadores que procuram se manter na berlinda por um ou dois toques sensacionais durante os 90 minutos de uma partida. Há equipes que dependem apenas de um jogador porque o Brasil deixou de jogar em conjunto para depender de um jogador mais hábil. E Melo aí está com a razão absoluta: o jogador brasileiro perdeu a sua capacidade de driblar porque não tem cintura.

# VENHA PARA NOSSOS 15 ANOS.

**Este é o ano 15 de RN-ECONÔMICO. Um bom ano para você participar mais ainda de nossos empreendimentos jornalísticos. Como bem sabe, quem chega a essa idade tem sempre os olhos de todos voltados para si.**

**Logo, se você também está presente ao centro desse evento, terá o mesmo destaque.**

**Da nossa parte, durante nossos cinco mil e tantos dias de vida, sempre tivemos satisfação em estar com você e todos os que se empenham no trabalho de fazer este Estado crescer. Participamos, com o mesmo prazer, de festas de outros que completaram tanto e, às vezes, muito mais tempo do que nós.**

**Cumprir etapas é bom para todos.**

**Estimula. Contagia.**

**Mostra que o trabalho compensa.**

**Por isso o convidamos para estar conosco na nossa festa de 15 anos.**

**RN/ECONÔMICO**

REVISTA MENSAL  
IMPRESSOS EM  
OFF-SET E  
TIPOGRAFIA

Rua São Tomé, 421 - Telefone (084) 222-4722 - Centro - CEP 59.000 - Natal-RN

# DESTAQUE EM ICM LIDERANÇA EM VENDAS

Ao alcançar o 1.º lugar no recolhimento de ICM, entre as revendas de veículos automotores, Natal Veículos, comprovou sua liderança em vendas. NINGUÉM É LÍDER POR ACASO... Condições de preços e financiamentos — Atendimento personalizado — Qualidade dos produtos Chevrolet — Deram a Natal Veículos esta liderança.



**NATAL VEÍCULOS E PEÇAS S.A.**  
CONCESSIONARIOS CHEVROLET



RODOVIA BR-101 — KM 04 — FONE: (084) 231-1226 — NEÓPOLIS — NATAL-RN